





Centro de Documentação Farmacéutica
da Ordem dos Farmacêuticos



Centro de Documentação Farmacéutica
da Ordem dos Farmacêuticos



Centro de Documentação Farmacêutica
da Ordem dos Farmacêuticos

JORNAL

DA

**SOCIEDADE PHARMACEUTICA
LUSITANA**

Magnum iter ascendo, sed dat mihi gloria vides.
PROP. — Lib. 4, Eleg. 10.

NONA SERIE — ANNO DE 1889 — TOMO V

SOCIEDADE PHARMACEUTICA LUSITANA



Centro de Documentação Farmacêutica
da Ordem dos Farmacêuticos

LISBOA

TYPOGRAPHIA DA VIUVA SOUSA NEVES

65, Rua da Atalain, 67

1889



COMISSÃO DE REDACÇÃO

José Ribeiro Guimarães Drack, director

Alfredo da Silva Machado, sub-director

José Tedeschi

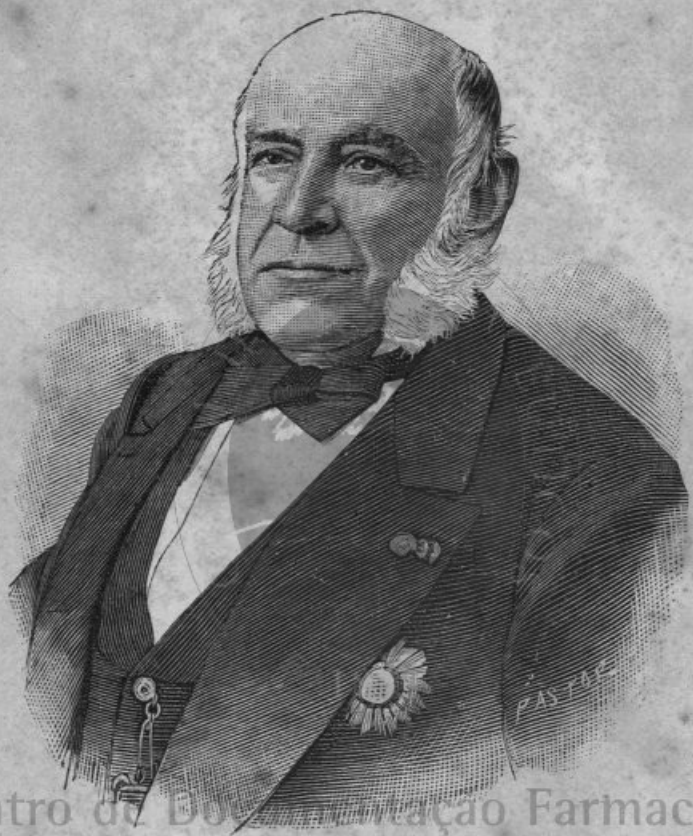
Augusto d'Oliveira Abreu

Manuel Vicente de Jesus Abrantes

Centro de Documentação Farmacêutica
da Ordem dos Fârmacêuticos



Centro de Documentação Farmacêutica
da Ordem dos Farmacêuticos



Centro de Documentação Farmacêutica

da Ordem dos Farmacêuticos

JOSÉ TEDESCHI

Presidente honorario da Sociedade Pharmaceutica Lusitana

JORNAL
DA
SOCIEDADE PHARMACEUTICA
LUSITANA

PEÇAS OFFICIAES

Acta da sessão solemne
commemorativa do quinquagesimo terceiro anniversario
da sociedade pharmaceutica lusitana

Presidencia do sr. GUIMARÃES DRACK

Em 31 de dezembro de 1888, pelas oito horas e meia da noite, achando-se na sala grande numero de senhoras e cavalheiros, entre os quaes, os dignos pares os srs. conde de Restello e Francisco Simões Margiochi, os srs. dr. Gaspar Gomes e Schiapa Monteiro, da academia das sciencias, etc., grande numero de socios benemeritos, honorarios e effectivos; o sr. presidente abriu a sessão solemne anniversaria e convidou o segundo secretario, Francisco Domingos da Silva Nogueira, a fazer a leitura do seguinte:

Relatorio dos trabalhos da sociedade pharmaceutica lusitana durante o quinquagesimo terceiro anno da sua installação

Minhas senhoras e meus senhores.

Cumpria-me hoje, em obediencia ao artigo 9.º do regimento interno, relatar os trabalhos d'esta sociedade du-

rante o anno, que finalisa; attendendo, porém, a que esta sessão é principalmente destinada a commemorar publicamente, por um acto solemnisimo, os serviços feitos á classe pharmaceutica pelo respeitabilissimo confrade, que em breve vae ser agraciado com a mais resplandente distincção que esta sociedade possui, serei breve, limitando-me a traçar a rapidos traços o que demais importante se passou. Não esperéis, senhoras e senhores, leitura circunstanciada de trabalhos scientificos de grande valor: faço justiça á vossa comprovada benevolencia para com uns humildes obreiros do progresso scientifico, para que eu suppozesse sequer, por momentos, que pelo vosso espirito passaria a idéa de que esta sociedade—limitada como é nas suas aspirações—tinha obrigação de apresentar nota desenvolvida da sua actividade scientifica, pondo-se assim a par das corporações congeneres dos grandes centros intellectuaes. N'um paiz em que o ensino pharmaceutico se encontra desprovido dos recursos, que lá fóra os governos proporcionam largamente aos que se dedicam a este ramo das sciencias medicas, não é para se estranhar que, em todas as manifestações da actividade scientifica, a *Pharmacia* não occupe o lugar, que lhe pertence por muitos motivos. Resente-se d'isto esta sociedade, mas a culpa, senhoras e senhores, não recae sobre os seus membros, recae sobre os que tendo olhos para vêr, simulam de cegos, tendo ouvidos para ouvir os nossos pedidos de há 50 annos, simulam de surdos, e a tal estado de adiantamento chegou a imaginaria doença, que eu não encontro, nem mesmo nos modernissimos meios therapeuticos, nada que possa despertar o desejo de fazer alguma cousa em beneficio da instrucção do pharmaceutico. Quando aos que ainda hontem eram nossos collegas se esquecem, já vêem senhores que nada ha a esperar do Estado. Mas, deixemos o assumpto, que é da competencia do illustre presidente d'esta sociedade, e por certo que elle o hade de tratar a toda a sua altura, e, na nossa simples missão de segundo secretario, congratulemos ao menos com as communicações scientificas, interes-

santes a todos os respeitos, que alguns socios aqui se dignaram de fazer. Sem querer por modo algum estabelecer preferencias, é de justiça confessar, que a que mais util se tornou — considerada sob o ponto de vista da pratica — foi a do vosso illustre vice-presidente o sr. Silva Machado. N'um paiz como o nosso, em que a industria pharmaceutica estrangeira está todos os dias introduzindo medicamentos especializados em quantidade, que nos assoberba, é forçoso confessar que são sempre bem recebidos por todos os collegas os trabalhos experimentaes, que tendam a collocal-os em condições de poderem estabelecer competencia. Está n'este caso o do nosso distincto collega, d'aqui as suas immediatas vantagens para todos, o que até foi reconhecido pela imprensa medica, a qual, na sua quasi totalidade, transcreveu do nosso jornal a nota do sr. Silva Machado e a acompanhou de palavras de subido elogio.

Se as outras communicações não tiveram o mesmo applauso foi isso devido á falta de trabalhos experimentaes.

Fôra do campo scientifico, alguns assumptos aqui se trataram, que mereceram a approvação da classe e dos que a ella estão ligados por laços de boa e leal amisade. Não me deterei a apreciar-os, porque tendo tratado alguns d'elles com certo desenvolvimento, tendo mesmo a responsabilidade, como membro da mesa, d'alguns actos em que ella teve grande interferencia, receio que as minhas convicções arrastem a penna para um campo, em que eu não podesse conservar-me perfeitamente neutral.

Os pareceres sobre o regimento de preços e leis de saude são já bem conhecidos de todos: a sua discussão foi até muito controvertida, para que eu volte de novo a tratar assumptos, que, além de tudo o mais, pouco ou nada podem interessar á maioria dos que me escutam.

No pleito judicial com a illustre camara municipal, obtivemos, como foi publico, vencimento na primeira instancia, mas ainda elle se acha affecto aos tribunaes, por motivo da camara ter recorrido para um tribunal superior. No entanto é de esperar que a sentença nos seja favoravel, porque

as leis são unanimes em reconhecer um privilegio, que é perfeitamente justificavel, attentas as condições excepcionaes em que a pharmacia é desempenhada. Desde que o pharmaceutico é obrigado, em nome da saude publica, a prestar soccorros immediatos a qualquer hora que lhe sejam exigidos, seria deshumano obrigar-os ao pagamento de licença de venda, além de ser deprimente querer nivelal-o com os membros de outras classes, que não teem nenhum curso.

Resta-me, senhores, dizer algumas palavras de sentida saudade pela morte d'alguns socios, entre os quaes ha nomes que representam para esta sociedade uma grande perda.

Francisco Fortunato d'Assis foi um dos seus mais prestantes servidores n'outra época, e era um dos que mais a honravam, e que mais trabalhou para o seu desenvolvimento.

Se, actualmente, a não podia acompanhar nos seus trabalhos, ainda assim o seu conselho não se fazia esperar, quando as circumstancias o reclamavam.

Tenho dito.

Em seguida foi concedida a palavra ao sr. primeiro secretario, Emilio Fragoso, para dar conta dos assumptos seguintes :

Premio José Dionysio Corrêa, fundado no quinquagesimo anno da Instituição da Sociedade

da Ordem dos Farmacêuticos
PROGRAMMA DE CONCURSO

A Sociedade Pharmaceutica Lusitana, em observancia do § 8.º do art. 27.º dos seus estatutos, tem a honra de apresentar aos amadores das sciencias o seguinte programma para o concurso que ha de ser julgado no proximo anno :

«Memoria sobre qualquer questão de pharmacia, ou sobre assumpto de interesse profissional.»

CONDIÇÕES

Os premios consistirão na adjudicação do diploma de membro benemerito, acompanhado de um *bonus* de cinquenta mil réis em moeda sonante, ao premiado em primeiro logar.

No diploma de membro honorario, aos que se seguirem, quando suas memorias sejam julgadas tambem dignas de premio.

A estes premios terão direito os concorrentes que satisfizerem cabalmente á questão escolhida.

Todas as memorias que vierem a concurso serão escriptas em portuguez, se os seus auctores forem naturaes d'este paiz, e em francez, se forem estrangeiros, e virão dirigidas ao primeiro secretario da sociedade por todo o mez de abril do anno em que tiverem de ser julgadas.

Deverão trazer o nome do auctor em carta fechada, na qual se lerá por fóra, como divisa, a mesma epigraphe da memoria, e que será aberta na sessão solemne, se a memoria fôr premiada; no caso contrario a carta será entregue ao seu auctor, pedindo-a com a mesma epigraphe declarada no exterior da carta.

As memorias que houverem de ser lidas na sessão solemne anniversaria, deverão ser para esse fim approvadas pela sociedade, e além d'isso serão impressas e publicadas na collecção que terá por titulo «*Memorias da Sociedade Pharmaceutica Lusitana*», recebendo os seus auctores vinte exemplares da referida impressão.

Finalmente, os premios conferidos aos concorrentes, nem sempre serão uma prova de que esta sociedade sanciona absolutamente a doutrina das memorias, mas sim um testemunho authenticico de que seus auctores desempenharam, em geral, o exigido pela sociedade n'este programma.

Lista dos doadores e objectos doados á sociedade durante o quinquagesimo terceiro anno

Pelo sr. A. A. da Rocha Peixoto, do Porto:—O Museu municipal do Porto (Historia Natural) por A. A. da Rocha Peixoto.

Pela Camara Municipal de Lisboa:—Boletim do serviço de instrucção publica da Camara Municipal de Lisboa, do anno lectivo de 1886 a 1887.—Elementos para a Historia do Municipio de Lisboa.

Pelo sr. Commendador José Tedeschi, de Lisboa:—Los Avisos Sanitarios, de Madrid.—Semanario Farmacéutico, de Madrid.—El Sentido católico en las ciencias medicas, de Barcelona.—Boletim del cambio farmacéutico español, de Madrid.—Gaceta de oftalmologia, otologia y laringologia, de Madrid.—El Restaurador farmacéutico, de Barcelona.—El Porvenir Farmacéutico, de Madrid.—La Farmácia Española, de Madrid.—Boletim de hidroterapia, de Barcelona.—Revista de sanidad militar, de Madrid.—Boletim de Medicina y Farmácia, de Barcelona.—Boletim Farmacéutico, de Barcelona.—La Gaceta científica, de Lima (Perú).—El Monitor médico, de Lima (Perú).—La Crónica médica, órgano de la Sociedad «Union Fernandina» de Lima (Perú).—Anales de la «Sociedad de Farmácia de Santiago de Chile».—Revista médica de Chile.—Revista médica, de Bogotá.—Giornale medico del esercito e della marina, de Roma.—Giornale de farmacia, di chimica, e de scienze affini publicato dalla Società di farmacia di Torino.—L'Orozi, giornale di chimica farmacia e scienze affini publicato per cura dell'associazione chimico-farmacéutica fiorentina.—Notizie e documenté sulla storia della farmacia e dell'empirismo in Roma.—Bulletin des travaux de la «Société de Pharmacie de Bordeaux».—Bulletin de la «Société de Pharmacie du Sud-Ouest», Toulouse.—Bulletin de la «Société Royale de Pharmacie», de Bruxelles.—Bulletins et mémoires de la «Société de thérapeutique», de Paris.—Bulletin général de thérapeutique, de Paris.—Bulletin commercial, annexe de l'Union pharmacéutique.—Moniteur de la pharmacie belge, de Bruxelles.—L'Union pharmacéutique, journal de la Pharmacie Centrale de France.—Les Nouveaux remèdes, de Paris.—Gazette de gynécologie, de Paris.—Petites affiches pharmaceutiques et médicales, de Paris.—O Monitor therapeutico, de Paris.—Revista de medicina e pharmacia, de Paris, edição portugueza.—Gazeta medica da Bahia.—União medica, do Rio de Janeiro.—Boletim de pharmacia do Porto.—Boletim noticioso commercial da «Casa Pharmaceutica» do Porto.—Revista de medicina dosimétrica, do Porto.—Coimbra Medica, revista quinzenal de medicina e cirurgia, de Coimbra.—Correio Medico, de Lisboa.—Boletim de therapeutica e pharmacia, de Lisboa.—Der Fortschritt, de Genebra.

Pelo commissariado de policia de Lisboa:—Mappas estatísticos do anno de 1886.

Pelo sr. dr. Eduardo Augusto Motta, de Lisboa:—Lições de pharmacologia e therapeutica geraes, por Eduardo Augusto Motta.

Pelo sr. João Belmiro Leoni, do Rio de Janeiro:—Notice sur la vie et les travaux de Charles Adolphe Wurtz, par M. Friedel.—Notice biographique sur H. Lepage, pharmacien à Gisors, par A. Malbranche.—Les alcaloides d'origine animale, par le Docteur L. Hugoung.

Pelas redacções:—Annaes do Club Militar Naval.—Correio Medico de Lisboa.—Gazeta de pharmacia de Lisboa.—Jornal de pharmacia e sciencias accessorias de Lisboa.—A Medicina Contemporanea, de Lisboa.—Jor-

nal da Sociedade das Sciencias Medicas, de Lisboa. — Jornal de pharmacia e chimica, de Lisboa. — Boletim de therapeutica e pharmacia, de Lisboa. — Boletim de pharmacia, do Porto. — Boletim noticioso commercial da «Casa Pharmaceutica», do Porto. — Revista de medicina desimetrica do Porto. — Boletim da Sociedade Broteriana, de Coimbra. — O Instituto de Coimbra. — Coimbra Medica, revista quinzenal de medicina e cirurgia, de Coimbra. — Jornal de horticultura pratica, do Porto. — A Pharmacia Portugueza, do Porto. — A Saude Publica, do Porto. — Boletim de medicina homoeopathica, de Lisboa. — Revista popular de conhecimentos uteis, de Lisboa. — Revista de medicina e pharmacia, de Paris, edição portugueza. — União Medica, do Rio de Janeiro. — Gazeta Medica, da Bahia. — El Restaurador Farmacéutico, de Barcelona. — Boletim de Medicina y Farmácia, de Barcelona. — El Sentido católico en las ciencias medicas, de Barcelona. — El observador médico, do México. — El Siglo Médico, de Madrid. — Boletim del Instituto médico valenciano. — Gaceta Médica, do México. — Les Nouveaux remèdes, de Paris. — Journal d'hygiene e Climatologie, Paris. — Revue Médico pharmaceutique, de Constantinopla. — Der Fortschritt, de Gnebra.

Pela Sociedade de Geographia de Lisboa: — Boletim da «Sociedade de Geographia de Lisboa.» — Elogio historico do presidente honorario e effectivo da Sociedade de Geographia de Lisboa e do conselheiro Antonio Augusto d'Aguiar, por Gomes de Brito, secretario adjunto da mesma sociedade.

Pela Universidade de Coimbra: — Trabalhos do gabinete de microbiologia. Investigação do «bacillus typhicus» nas aguas potaveis de Coimbra, relatorio apresentado ao Ex.^{mo} Governador Civil do districto pelos dr. Philomeno da Camara Mello Cabral e dr. Augusto Antonio Rocha.

Alterações occorridas no quadro da Sociedade Pharmaceutica Lusitana durante o 53.º anno da sua instituição

FORAM ADMITTIDOS

Para a classe de effectivos

- Alfredo José Gonçalves Fino, *Lisboa.*
 Annibal Augusto Pinto Ferreira, *Lisboa.*
 Antonio da Fonseca Pinto, *Lisboa.*
 Carlos Victor da Fonseca Dinne, *Lisboa.*
 Francisco Luiz Nobre Sobrinho, *Lisboa.*
 João Antonio Carretas, *Lisboa.*
 José Maria Soares Teixeira, *Lisboa.*
 José Vicente das Neves, *Lisboa.*
 José Vieira d'Abreu, *Lisboa.*

Para a classe de correspondentes nacionaes

- Abel Augusto França, *Cabo Verde*.
 Antonio José de Paula Costa, *Mertola*.
 Antonio Vasques de Carvalho, *Oliveira do Bairro*.
 Augusto Corrêa de Mesquita, *Setubal*.
 Carlos Augusto da Rosa Leal, *Castanheira*.
 João Belmiro Leoni, *Porto*.
 José Maria da Rosa, *Portalegre*.
 Vicente Werneck Pereira da Silva, *Abrantes*.

PEDIRAM A DEMISSÃO

Correspondentes nacionaes

- Alfredo Salles Velloso da Horta, *Coruche*.
 Manuel Guilhermino da Silva, *Marinha Grande*.

FALLECERAM

Benemeritos

- Conselheiro Antonio Augusto d'Aguiar, *Lisboa*.
 Francisco Fortunato d'Assis, *Lisboa*.

Effectivos

- Antonio Duarte e Silva de Carvalho, *Lisboa*.
 José Gonçalves Marques, *Lisboa*.
 José Maria Barbosa de Mello, *Lisboa*.
 Thomaz d'Aquino Alves, *Lisboa*.

Correspondentes nacionaes

- Francisco Alves Christovão Pinheiro, *Thomar*.
 Jeronymo Joaquim da Silva Guimarães, *Marco de Canavezes*.
 João Rodrigues da Silva e Costa, *Mafra*.
 José Silverio Rodrigues Cardoso, *Mirandella*.
 Manuel Claudio d'Assumpção, *Alcaçovas*.
 Rodrigo Barbosa da Costa, *Cartaxo*.

RESUMO

Ficam existindo

Protector	1
Benemeritos	23
Honorarios nacionaes	33
Honorarios estrangeiros	32
Effectivos.	107
Correspondentes nacionaes.....	215
Correspondentes estrangeiros	29
Total.....	440

O sr. *presidente* nomeou o sr. vice-presidente Silva Machado e o sr. 1.º vice-secretario Vaz Leirinha para convidarem o illustre consocio, o sr. José Tedeschi, a occupar uma cadeira, para esse fim collocada á direita da mesa, e depois de inaugurar o retrato do mesmo cavalheiro, ao lado do do antigo presidente honorario José Dionysio Corrêa, lhe entregou o diploma de presidente honorario, e deu a palavra ao sr. Oliveira Abreu para lêr o seguinte elogio biographico.

SENHORES,

Nunca as sociedades affirmam com mais esplendor a sua vitalidade do que honrando com applauso os homens de verdadeiro merito, que teem concorrido para o seu progresso e prosperidade.

E' assim que ellas se mostram conscias da força, que adquiriram pelo impulso de taes homens, que foram como que estimulo ao desenvolvimento de novas dedicações, que as levarão a maiores commettimentos.

O elogio dos homens notaveis, por qualquer circumstancia, não é uma simples manifestação de vaidade; é a significação do muito louvavel desejo de lhes pagar em amabilidades os serviços que teem prestado. Tem ainda uma significação não menos grandiosa—a de expandir em publico a consciencia intima de que aos estudos accumulados d'esses obreiros do progresso devem as sociedades a gran-

de massa de elementos de trabalho, com que hão de produzir novos benefícios á humanidade.

N'estas demonstrações de apreço pelos serviços dos homens notaveis, manifesta-se o sentimento de prazer intimo, que experimentam os animos bem formados quando encontram em si as forças sufficientes para a pratica do bem que por aquelles lhes foram proporcionadas.

A Sociedade Pharmaceutica Lusitana, glorificando aquelles de seus membros, que sempre tem encontrado incansaveis nas lidas do seu progredimento, mostra-se bem compenetrada do cumprimento dos seus deveres.

A solemnidade, a que no dia de hoje assistimos cheios de regosijo, seria incompleta sem o elogio do homem, cujo retrato vae enfileirar-se na galeria dos nossos consocios illustres.

E' o retrato um producto da arte, que vae representar-nos, durante largos annos, os traços physionomicos do nosso mestre: á sua biographia compete reproduzir o seu character moral. Escolhestes para o retrato o artista, que pelo desenho nos representasse o homem physico, competia-vos escolher escrupulosamente o artista que pela palavra soubesse igualmente representar o homem moral.

Fostes infeliz na escolha do ultimo, porque, embora me sôbre a vontade, faltam-me as forças para corresponder ao meu e aos vossos desejos.

Encargo semelhante me confiastes quando soffremos o profundissimo desgosto de perder o nosso mallogrado consocio Antonio Augusto Felix Ferreira, e deverieis ter reconhecido a escassez dos meus recursos, porque fiquei bem longe da exposição condigna dos altos meritos e relevantes serviços d'aquella robusta intelligencia e d'aquelle nobre coração: meritos d'onde ainda tinhamos tanto a esperar em beneficio da nossa causa, coração que tão affectuoso pulsava por nós todos.

Desculpae-me, senhores, se para aqui venho n'um dia de festa desvelar um pouco a campa do amigo; creio, porém, que todos nós sentimos consolação em desfolhar so-

bre ella uma nova saudade, que symbolise o nosso entranhado affecto.

Feliz é a sociedade que pôde, como a nossa, lastimar a perda de homens como Felix Ferreira, e exaltar em vida o merito de homens como José Tedeschi. Aquelle escondeuse no pó da sepultura e só vive na memoria de nós todos pelo muito que lhe queriamos e pelo valor dos trabalhos que nos legou; José Tedeschi, felizmente, possuimol-o. Ainda admiramos esse trabalhador audaz e incansavel, que dotado d'uma actividade sem igual, desde as suas primeiras lidas no mundo litterario, tem accentuado sempre a sua individualidade por uma fôrma brilhante, concorrendo com os seus trabalhos para o ennobrecimento da pharmacia.

Parece que a natureza o destinou para as grandes luctas e lhe concedeu, além dos recursos da intelligencia, uma força de vontade irresistivel, que tudo submete a um fim unico — a cultura da intelligencia para bem servir a sua classe.

Em José Tedeschi temos a considerar o homem de bem e o homem de sciencia: aquelle formou-se no seio da familia honestissima, este na leitura dos livros, no laboratorio e nas aulas.

No dia 20 de novembro de 1814, na rua Direita da Junqueira, 172, em Belem, nasceu este nosso distincto collega, filho de Vicente Tedeschi e de D. Marianna Rosa da Silva, já fallecidos, cujo consorcio se effectuou em 1803, do qual nasceram 16 filhos, sendo José Tedeschi o oitavo, que conjuntamente com seus irmãos, recebeu desde a infancia os principios de honradez e rectidão, que constituem o fundamento de character d'um cidadão benemerito.

José Tedeschi não querendo deixar de prestar á sociedade o exemplo de bom cidadão, constituiu familia sua em 1841, desposando D. Margarida do Nascimento Peres, filha do pharmaceutico d'este appellido, ao qual me referirei.

D'este enlace houve uma unica filha, D. Amelia, que desposou o distincto e considerado funcionario publico, Albino Accacio Corrêa Neves, dos quaes nasceram a sua

interessante e illustradissima filha D. Laura e os dois filhos Luiz e Gustavo, moços cheios de merito e de talento, que frequentam com distincção, o primeiro a Escola Medica e o segundo a Escola Polytechnica.

Foi ainda no lar domestico que José Tedeschi recebeu os rudimentos das letras sufficientes para poder matricular-se nas aulas de humanidades, que então existiam no convento dos Jeronymos, onde frequentou latim, professado pelo padre mestre fr. Francisco da Rocha Martins Furtado, que brindou o joven estudante, ao terminar o seu curso, com um honroso attestado litterario e outro de bom comportamento, como prova de ter recebido a melhor educação religiosa, moral e civil.

Não se julgue pequena campanha o concluir o estudo de latim com tanta distincção, pois n'essa epocha com os conhecimentos d'esta lingua, que já de si eram rigorosos, vinham envolvidos os de litteratura e costumes latinos, e ainda a oratoria e litteratura portugueza.

Frequentou nas mesmas aulas os cursos de philosophia racional e moral e de lingua franceza, sempre com excellente aproveitamento, como deu provas nos exames finaes, com que ficou habilitado em preparatorios para poder matricular-se em um curso superior.

No dia 1 de julho de 1829, contando apenas 15 annos incompletos, foi recebido como praticante na pharmacia Leitão, uma das mais acreditadas n'aquella epocha, situada na rua da Cruz dos Poyaes de S. Bento, cujo proprietario José Vicente Leitão, pae do actual professor de pharmacia e toxicologia, Claudino José Vicente Leitão, bem conhecido pelo rigorismo e principios de exactidão e moralidade, sempre lhe dispensou a maior affeição e sympathia, o que originou inveja entre os outros empregados. José Tedeschi preferiu, porém, sair d'esta pharmacia a servir de pomo de discordia, e foi procurar a de Lourenço José Peres, honrado e bemquisto pharmaceutico da Misericordia, na rua larga de S. Roque, na qual se conservou desde 1 de março de 1830 até 1840, anno em que se ausentou para esta-

belecer-se na mesma rua, cumprindo d'este modo os desejos do seu futuro sogro.

Até então era irregularissimo e deficiente o ensino publico.

Consolidado entre essas duas datas o governo liberal, foram estabelecidos alguns cursos regulares, e o de pharmacia melhorou relativamente pelo decreto com força de lei de 29 de dezembro de 1836.

Creada a cadeira de pharmacia, correu pressuroso a matricular-se, tendo por companheiros escolares José Maria Barbal e Felisberto do Espirito Santo Trigo Ribeiro, pharmaceuticos já então pela Physicatura-mór do Reino, mas que anhelavam por possuir a carta de curso regular.

José Tedeschi, ao tempo que recebia as lições de pharmacia do eminent professor, o dr. Bernardino Antonio Gomes, matriculava-se nas cadeiras de chimica inorganica e de botanica, na Escola Polytechnica, que faziam parte do curso de pharmacia.

Sujeitando-se a um rigoroso exame perante o respeitavel jury, composto do dr. Bernardino Antonio Gomes, dr. Joaquim Pedro d'Abranches Bizarro e do nosso memorado collega José Dionysio Corrêa, obteve a classificação de *nemine discrepante* com louvor, em 4 d'outubro de 1839.

Foi o primeiro que alcançou o diploma de pharmacia do curso regular. Parece que a providencia o predestinára para ser um dos primeiros entre os mais distinctos.

Trabalhava sem cessar para o engrandecimento e prosperidade da nossa classe, e não satisfeito ainda com os louros colhidos nas lidas escolares, e inspirado no desejo, muito louvavel, de se illustrar mais, matriculou-se no primeiro anno mathematico da Escola Polytechnica e na aula de zoologia, regida pelo distincto professor, o dr. Francisco Assis de Carvalho.

A administração da pharmacia do hospital de S. José estava n'essa epocha a cargo de José Dionysio Corrêa, assim como o serviço pharmaceutico da Escola, desde a sua fundação. O conselho escolar, porém, em 1840, reconhecendo

haver incompatibilidade no exercicio dos dois logares, resolveu mandar pôr a concurso o de pharmaceutico da Escola.

Confiado no seu valor scientifico, José Tedeschi entrou no concurso, e em duas brilhantes lições expoz variadissimos e profundos conhecimentos theoreticos e praticos de pharmacia e de chimica, d'onde lhe resultou o ser provido no referido logar.

Em 1844 creou-se a cadeira de pharmacia da Escola Medica, e por decreto de 21 de janeiro de 1845 foi para ella nomeado, funcções que exerceu até 6 de maio de 1876, em que foi jubilado, a seu pedido.

Como se desempenhou no difficil e espinhoso cargo de professor de pharmacia e de toxicologia, fallam bem alto os encomios dos seus discipulos, que, arrebatados pela claresa e eloquencia do mestre, quando expunha as sublimidades da sciencia, sentem por elle ainda o mais vivo affecto, o maior respeito e a mais profunda veneração. Affavel para com todos, soube sempre captivar as geraes sympathias.

Durante as convulsões politicas, em 1846, ás quaes era completamente extranho, foi compellido a tomar parte n'ellas, e, assentando praça, por ordem do governo, no batalhão dos empregados publicos, conseguiu obter a amizade dos seus camaradas e a dos que se disputavam a preponderancia e o poder.

Em 1848 appareceu em Lisboa o jornal *A Abelha Medica*, de Paris, que tratava da descoberta do chlorofomio feita pelo erudito pharmaceutico Soubeiran, pae do actual professor da Faculdade de medicina de Paris; o nosso collega, cheio de enthusiasmo e com grande exuberancia de conhecimentos, propenso sempre ao desenvolvimento da classe pharmaceutica, da qual, com justiça, pôde julgar-se um apostolo, á força de trabalho e esforço intellectual, tambem obteve no seu modesto laboratorio este poderoso anesthesico.

Em 1858 foi aberto concurso para o logar de phar-

maceutico da casa real, e tendo concorrido alguns pharmaceuticos dos mais distinctos, José Tedeschi foi o preferido n'este *certamen*. O decreto da sua nomeação, datado de 18 de junho do referido anno, declara esta preferencia em *atenção aos seus vastos conhecimentos pharmaceuticos, chimicos e zoologicos, e especial situação profissional*.

São tantos e de tão elevada transcendencia os serviços por elle prestados como pharmaceutico da casa real, que por innumeradas vezes tem sido officialmente louvado e agraciado com varias mercês regias como—grau de cavalleiro da ordem de Nossa Senhora de Villa Viçosa, em 1862; cavalleiro da ordem de S. Thiago, em 1865; cavalleiro da ordem de S. Mauricio e S. Lazaro, em 1867; commendador da ordem de Nosso Senhor Jesus Christo, em 1879.

Foi esta a primeira commenda conferida a pharmaceutico com a declaração especial de significar a recompensa de serviços prestados no exercicio da profissão; e tanto mais honrosa foi para José Tedeschi esta distincção, quanto lhe foi offertada pelas proprias mãos d'el-rei, com palavras de elogio e de reconhecimento pelos assiduos cuidados com que dirigiu a preparação dos medicamentos que foram ministrados a sua magestade a rainha em grave enfermidade.

A' exposição industrial do Porto, que se effectuou em 1862, concorreu com os productos pharmaceuticos—pastilhas de rosas, de gomma, pasta d'althea, pilulas d'iodeo de ferro, segundo o processo de Blancard, papeis epispasticos d'Albespeyres e essencia de alfazema, tão esmerada e scientificamente preparados, que lhe valeram a medalha de prata. E' justo que se diga que foi o primeiro pharmaceutico que em Portugal preparou as pilulas a que nos referimos.

Durante as duas terriveis epidemias que devastaram Lisboa, o cholera em 1856 e a febre amarella em 1857, demonstrou evidentemente que no seu coração não se alberga o receio quando os seus irmãos carecem do seu auxilio.

Os serviços que José Tedeschi prestou n'esta epocha

calamitosa levaram a camara municipal, como prova de reconhecimento, a galardoal-o com a medalha de prata.

Do seu honroso proceder resultou o ser atacado de febre amarella e tão fortemente, que a sua vida esteve em grande perigo, circumstancia que lhe proporcionou o conhecer muitos e verdadeiros amigos, pela solicitude com que se interessavam pelas suas melhoras, occultando-lhe tudo quanto podesse embaraçal-a.

Impossibilitado de reger temporariamente a sua cadeira de pharmacia e toxicologia, um dos seus melhores e mais dedicados amigos, o muito talentoso pharmaceutico e chimico, o dr. Joaquim José Alves, foi encarregado pelo conselho da Escola, e por indicação de Tedeschi, de o substituir interinamente no exercicio da mesma cadeira, o qual no lapso de quatro mezes, tal foi o tempo da substituição, se conservou á altura d'um profundo professor, pois já n'essa epocha possuia vastos conhecimentos de pharmacia e de chimica.

Em attenção ás suas singulares virtudes e elevadas qualidades civicas, foi eleito para diversos cargos publicos, desde juiz eleito e membro da junta de parochia, cuja presidencia lhe foi sempre confiada, até vereador da camara municipal de Lisboa, sendo o primeiro biennio em 1860-1861.

Decorridos alguns annos, foi novamente eleito para esse mesmo cargo, funcionando nos biennios de 1876-1877, 1878-1879.

Os pelouros que estiveram sob a sua direcção, foram os — das aguas, matadouro, limpeza, caes e praias, jardins e arvores, no desempenho dos quaes deixou provas de inexcédível zelo, probidade e intelligencia.

No exercicio d'estes cargos, foi encarregado d'inspeccionar as escolas dos concelhos de Pombal, Anciães, Alvaizere, Almada, Barreiro, Alcochete, Seixal, Aldegallega, e em 1863, auctorisado pelo governo, sob proposta da camara, foi tambem em commissão ás provincias do norte no intuito de comprar gado que abastecesse os mercados da capital; os

seus esforços, porém, e cooperação foram tão poderosos e salutares, que fizeram destruir a mancommunicação dos marchantes que haviam conseguido a permanencia do preço da carne tão notavelmente excessivo, que os clamores dos consumidores já se faziam sentir ruidosamente.

Por parte do governo foram-lhe commettidas importantes commissões respeitantes á pharmacia, taes como membro da commissão encarregada de coordenar a pharmacopéa portugueza, o regimento dos preços de medicamentos e muitas outras de não menos importancia.

Conjunctamente com os medicos, dr. Thomaz de Carvalho e dr. José Isidoro Jorge, e por convite do governador civil de Lisboa, fez parte, em junho de 1852, d'uma commissão encarregada de proceder á analyse de umas amostras de carne de porco, que vieram de Aldegallega, e que se julgavam adulteradas com diferentes substancias nocivas á saude publica.

O mesmo governador civil, em 1867, tambem o encarregou de fazer parte da commissão que procedeu á analyse chimica das aguas dos chafarizes de Lisboa.

Em 1857 foi nomeada pelo governo outra commissão de pharmaceuticos e chimicos, que era composta de José Tedeschi, José Alexandre Rodrigues, Francisco Mendes Cardoso Leal Junior e José Dionysio Corrêa, para analysarem chimicamente umas aguas mineraes.

Do modo como este nosso illustre collega se houve no cumprimento d'estas melindrosas commissões, dizem-n'o os excellentes e bem tratados relatorios apresentados, nos quaes se evidenciam grande lucidez d'intelligencia e muito estudo.

Em 1847 fundou a publicação mensal *Jornal de Pharmacia e Sciencias Accessorias*, que ainda existe e que, justamente, pôde ser considerada uma das primeiras da sua especialidade.

Seu unico proprietario e redactor, José Tedeschi, esmerase na publicação de artigos tão substanciosos e de tão grande interesse profissional, que muitos collegas consultam fre-

quentemente os interessantes trabalhos do eloquente professor e mestre.

Da grande admiração, cordeal estima e respeito, que todos nós consagramos ao amigo sincero e companheiro leal, resultou a escolha para presidir ao jantar, que elle e a maioria dos pharmaceuticos da capital, promoveram em honra dos nossos collegas do Porto—Henrique Lima e Carlos Richter, que vieram, como representantes do Centro pharmaceutico portuguez, conferenciar com os membros da Direcção d'esta Sociedade ácerca de assumptos referentes aos interesses da nossa classe.

Era presidente d'esta Sociedade, quando o paiz perdeu um dos estadistas mais notaveis dos nossos dias, o conselheiro Antonio Augusto d'Aguiar. Dedicara este os seus cuidados, por longos annos, á Sociedade de Geographia de Lisboa, a qual por seu turno e em successivas eleições lhe entregára, jubilosa e reconhecida, a presidencia de seus trabalhos até á epocha do seu passamento.

Coube então ao nosso presidente, como delegado especial, proferir um brilhante discurso na sessão solemne d'aquella sociedade, em 7 de novembro de 1887, destinada a commemorar os altos serviços a ella prestados por tão distincto professor e estadista, o qual, pelos seus trabalhos de chimica e pharmacia, grangeara o diploma de membro honorario e em seguida o de benemerito da Sociedade Pharmaceutica Lusitana.

José Tedeschi foi admittido socio effectivo d'esta Sociedade, por proposta de José Dionysio Corrêa, em 10 de março de 1839. Em 24 de fevereiro de 1848 passou á classe de membro honorario, sob proposta tambem de Dionysio Corrêa, e em 25 de fevereiro de 1859 á de socio benemerito.

A distincta carreira profissional de tão laureado collega revela-se nos cargos mais elevados que tem representado, nos trabalhos vastissimos e nas mais honrosas e variadas commissões que por muitas vezes a Sociedade Pharmaceutica lhe ha confiado.

Exerceu o cargo de segundo secretario em 1840-1844;

o de primeiro secretario desde 1842 até 1846; o de presidente desde 1852 até 1859; 1868 até 1875; 1882 até 1887.

Em sessão litteraria de 27 de setembro de 1887 foi apresentada n'esta mesma sala uma proposta, assignada pelos nossos consocios Alfredo da Silva Machado, Emilio Fragoso e Joaquim Antonio Vaz Leirinha, para se conferir a José Tedeschi o titulo de presidente honorario.

A commissão encarregada de dar parecer era composta dos nossos collegas Augusto Simões d'Abreu, Bento Pereira Pedroso e do signatario d'este modesto e incompleto trabalho, parecer que foi apresentado em sessão de 21 de dezembro do mesmo anno, e approvedo, sem discussão, por unanimidade de votos.

N'esta votação manifesta-se claramente a alta consideração em que os nossos collegas teem os provados meritos scientificos d'este benemerito e prestigioso pharmaceutico, o seu valor pessoal e incontestada respeitabilidade.

Por mais d'uma vez, tive a honra de fazer parte da Direcção d'esta Sociedade sob a sua presidencia, e posso assegurar, que sempre o encontrei firme no cumprimento da justiça, deixando correr larga e desassombrada a discussão, sabendo acalmar prudentemente os animos irrequietos e buliçosos, quando os debates se tornavam mais acalorados.

Quando lhe não soffria o animo, que vingassem idéas adversas aos principios, que reputava verdadeiros, nunca o vi conservar-se na presidencia para encaminhar apaixonadamente as votações; entregava o seu posto d'honra e, como simples batalhador, entrava nas questões, quando scientificas ou profissionaes, com aquella largueza d'idéas e franqueza, que todos lhe reconhecemos.

Mais uma prova acabamos de ter do muito apreço, em que são tidos a imparcialidade e os conhecimentos scientificos do nosso illustre consocio: a grande commissão dirigente da Exposição industrial de 1888 confiou-lhe o importantissimo cargo de presidente do jury, que ha de julgar e

premiar os productos pharmaceuticos, chimicos, alimentares, etc., que ali concorreram.

Ainda mais uma vez, immerecidamente, me encontrei colaborando ao lado de Tedeschi, como secretario d'este jury, e posso affiançar vos com a maior satisfação que tem sido inexcedivel de zelo, actividade, intelligencia e rectidão no desempenho de tão ardua como honrosa commissão.

A assembléa geral da Sociedade no Jardim Zoologico e d'Acclimação de Portugal conhecendo n'este nosso collega especial tendencia para proteger tão importante instituição, elegeu-o para membro da direcção, e de tal modo tem sido apreciada a sua notavel proficiencia que, em assembléa geral, foi considerado como verdadeiro salvador d'aquelle utilissimo estabelecimento.

Em attenção aos relevantes e successivos serviços, tem sido reeleito todos os annos, e bem irá a instituição se continuar sob a direcção de tão valioso cidadão.

José Tedeschi possui os diplomas da — Academia y laboratorio de ciencia medica de Cataluña — Collegio dos pharmaceuticos de Barcellona — Collegio dos pharmaceuticos de Madrid — Societé de Farmacia di Torino — Societé Royal de pharmacie de Bruxelles — Academia medico-pharmaceutica de Barcellona — Pharmaceutical Society of Great Britain — International pharmaceutical congress — Centro promotor das classes laboricasas — Associação industrial portuense — Instituto Vasco da Gama, de Nova Goa — Associação dos artistas de Coimbra — Centro pharmaceutico portuguez — Real Associação dos Archyctectos civis e archeologos portuguezes — Associação Phylantropica dos bombeiros voluntarios de Penafiel, etc.

Um grande numero de pharmaceuticos — José Vicente Leitão, Gregorio de Sousa Pereira, Antonio de Carvalho, Henrique de Sousa Telles, Candido Joaquim Xavier Cordeiro, José Dionysio Corrêa, Pedro José da Silva, Antonio Augusto Felix Ferreira e outros, que engrandeceram a pharmacia e a chimica, deixaram registrado no livro da historia

pharmaceutica um nome illustre e honrado; José Tedeschi, com a sua superioridade de intelligencia e amor profundo ao trabalho, tem produzido e continuará a produzir ainda muito, e concorrerá, com a sua influencia preponderante, para que muitos o imitem e venham preencher as vacaturas dolorosas, que existem nas nossas fileiras.

A Sociedade Pharmaceutica Lusitana vestindo-se de gala para exaltar José Tedeschi não pratica um acto banal de adulação, galardoa o merito real do seu illustre consocio, recompensa a sua incansavel perseverança no trabalho, a sua pontualidade, nunca olvidada, no cumprimento dos deveres; mostra-se, em fim, reconhecida á graciosa benevolencia com que elle põe a sua actividade ao serviço da classe, onde conta tantos discipulos, que o amam, e collegas que o admiram.

Que não seja esta a ultima prova de reconhecimento que lhe demos; que a sua probidade encontre imitadores é o que ardentemente desejo e comigo todos os que me acompanham n'esta jubilosa manifestação, fazendo votos para que a providencia nos conserve por largos annos o varão illustre, o collega dedicadissimo, o mestre venerado, o amigo verdadeiro.

Sala das sessões da Sociedade Pharmaceutica Lusitana, em 31 de dezembro de 1888.

O sócio honorario
AUGUSTO D'OLIVEIRA ABREU

O sr. *Tedeschi*, pedindo a palavra, proferiu o seguinte agradecimento:

Ex.^{mas} senhoras e caros collegas.

Ha factos na nossa vida, que por excessivamente agradaveis e lisongeiros, nos produzem uma modificação, ou alteração na nossa intelligencia, que nos impede de poder bem manifestar, e mui claramente, os nossos agradecimentos na presença de uma alta consideração, e um especial obsequio, quando as julgamos immerecidas, e excessivas.

E' o caso, que na presente occasião se dá commigo. Mal podia eu esperar, que os meus estimados collegas, cuja benignidade para commigo tem sido constante, e nunca interrompida, fosse levada ao ponto de me quererem distinguir com uma condecoração excepcional, qual a que me é conferida pelo presente Diploma.

Desde a mais tenra infancia, senhores, dediquei minhas ideias ao exercicio da pharmacia. Nunca pretendi seguir outra carreira, que não fôsse a de pharmaceutico.

Muitos foram os meios que n'aquella idade foram empregados para me desviar d'essa inclinação, que era nata em mim. Conselhos de superiores, promessas de amigos, e até de simples conhecidos, a quem se informava dos meus desejos, todos se dirigiam para me fazer adoptar a vida burocratica, que se me apresentava como sendo de mais brilhante representação, muito mais lucrativa, e muito menos laboriosa, e de menor responsabilidade: porém, baldados foram todos esses esforços empregados, e firme na minha ideia, e no meu proposito, e não hesitando um momento na escolha da carreira, que anhelava, fui cursando os preparatorios, n'aquelles tempos existentes, e que na verdade se limitavam ao estudo das linguas portugueza, latina e franceza, e á phylosophia racional, e moral, constituindo-se no estudo da logica, do celebre Genuense, da methaphysica, e ethica, que se completava n'um só anno.

Com tão simples preparatorios, e contando apenas quinze annos, entrei na carreira que ambicionava, sendo por meus saudosos e bons paes, collocado na pharmacia do mui sabio pharmaceutico, José Vicente Leitão, o primeiro pharmaceutico que se sentou n'essa cadeira da presidencia, cujo estabelecimento era um modelo de ordem, de aceio, e rigoroso expediente, que oxalá fosse seguido e imitado por todos nós.

Foi ali, senhores, n'essa pharmacia, que podia servir de typo, que recebi as primeiras lições, praticas e theoricas, que me deviam conduzir á habilitação legal, para exercer a pharmacia.

As lições praticas eram dirigidas pessoalmente por aquelle

habilissimo e honrado pharmaceutico, que as acompanhava das theoricas, lidas no Tratado de Pharmacia de Caventou, livro que n'aquella epocha era considerado como o mais perfeito director para um praticante, ou aspirante de pharmacia.

Circumstancias especiaes me obrigaram, depois d'algum tempo, a ir continuar a pratica n'uma outra pharmacia, onde, se não havia o tirocinio theorico da primeira, porque um excessivo expediente o não permittia, havia igual rigor na sua exactidão, e nada perdi do que na primeira havia apprendido.

Repugnava-me, senhores, o modo como se conseguia n'aquelles tempos a habilitação para pharmaceutico. Uma licença do Physico Mór do Reino, passada á vista de um simples attestado de quatro annos de pratica, passado por qualquer pharmaceutico estabelecido, era o *unico* documento exigido para obter uma carta, passada pela Physicatura Mór do Reino, com cuja licença se formava um jury, composto de um medico, delegado do Physico Mór, e de dois pharmaceuticos, que, reunidos em qualquer pharmacia do districto, interrogavam o candidato nas doutrinas expostas na Pharmacopêa Geral do Reino, do dr. Tavares.

E raro era que os candidatos não fossem julgados aptos, e que o Physico Mór lhes negasse a carta que os habilitava ao exercicio da pharmacia em Portugal e seus dominios.

Não se julgue, porém, que esta facilidade de habilitação dêsse em resultado o não haver pharmaceuticos mui dignos, e mui illustrados. Pelo contrario, a grande maioria d'elles, conhecendo quanto lhes faltava para se collocar a par dos pharmaceuticos estrangeiros, estudavam particular e mui cuidadosamente as sciencias, que viam ser-lhes necessarias, para se illustrar convenientemente. Sirva de prova a aula de physica e chimica, regida pelo notavel Mousinho d'Albuquerque, no edificio da casa da moeda, onde era admiravel o numero de pharmaceuticos que ali se matriculavam, sendo d'estes os escolhidos pelo sabio professor para seus coadjuvantes.

Essa repugnancia de que vos fallei, fez com que eu esperasse a creação de uma escola de pharmacia, onde podesse instruir-me mais desenvolvidamente, e da qual obtivesse a minha habilitação. Sómente appareceu esta tão necessaria instituição quando creada por decreto dictatorial de 29 de dezembro de 1836, a qual começou a funcionar em outubro do anno seguinte, 1837.

Gloria ao ministerio Passos Manuel, José Alexandre de Campos e Bernardo de Sá Nogueira, que assim attenderam os pedidos d'esta Sociedade, que já n'essa epoca era incansavel em pedir instrucção regular e completa para os que quizessem ser pharmaceuticos.

A' matricula, aberta em setembro de 1837, em escola portugueza, primeira que no paiz se fundava, corri pressuroso, encontrando como professor o notavel dr. Bernardino Antonio Gomes, e como condiscipulos unicamente José Maria Barral e Felisberto do Espirito Santo Trigo Ribeiro.

D'estes quatro nomes, só o meu figura actualmente no rol dos vivos! Uma saudade d'aqui lhes tributamos!

Findo este curso, e sendo o primeiro e unico habilitado, procurei e obtive, ser admittido como membro effectivo d'esta nobre e utilissima Sociedade, o que teve logar em 1839, por proposta do nosso finado amigo e bom collega, o sr. José Dyonisio Corrêa.

Durante este longo periodo de quarenta e nove annos, fiz toda a diligencia e envidei todos os esforços para cumprir fielmente, e quanto possivel, os Estatutos, que nos regem, cumprindo as deliberações tomadas em virtude d'elles.

Entretanto, devo confessar, que fui surprehendido quando soube que uns distinctos collegas e nossos consocios se lembraram de propôr que me fosse conferida uma distincção, que pela primeira vez tinha sido feita e conferida com a maior justiça, ao instituidor e constante conservador d'esta Sociedade, o nunca assaz chorado José Dyonisio Corrêa.

Affianço, senhores, que empreguei os meios persuasivos ao meu alcance, para desviar os meus collegas da apresen-

tação de tal proposta, mas foram baldados os meus esforços. Essa proposta foi de facto apresentada em sessão de 27 de setembro de 1887, e tendo sido consultada e ouvida a Comissão de Direito Pharmaceutico, foi discutido o seu parecer e approved em sessão de 21 de dezembro do mesmo anno de 1887, approvação que dá logar a este solemne acto, que bastante me impressiona, apesar de me ser agradável e extremamente lisongeiro.

Recebendo este diploma, que tomo como um testemunho de deferencia e obsequio dos meus dignos collegas, mais do que como consequencia dos meus merecimentos, eu o considero como um dos mais honrosos que possuo, e que me torna extremamente grato á Sociedade em geral, e a cada um de seus nobres membros em particular.

Não sou eu, de certo, aquelle que devia succeder n'esta importante collocação ao nosso defunto Corrêa: bem longe estou de ter os seus merecimentos, e por isso não posso deixar de sentir que tal distincção não fosse de preferencia conferida a algum dos muitos membros d'esta Sociedade, que bem a merecem pelos seus reconhecidos talentos, pelos seus serviços e pelo amor que lhe consagram.

Não devo, porém, ser indifferente a esta escolha: considero-a filha da benignidade dos meus consocios, a quem do coração dirijo os mais sinceros e cordeaes agradecimentos, segurando-lhes que é indelevel de minha memoria a graça com que acabam de me honrar.

Oxalá, senhores, que esta distincção, que este solemne acto, que estas fraternas demonstraões sirvam de incentivo para que jámais se apague este fogo sagrado, que nos deve attrahir para a continuação do amor pela Sociedade, para que esta não deixe de ser a propagadora dos conhecimentos que nos são tão necessarios, e a salvaguarda dos direitos e interesses que legitimamente nos pertencem.

E permitti-me, senhores, que eu aproveite esta occasião em que com subido prazer vejo aqui reunidas as mais distinctas e qualificadas pessoas das nossas relações, que pela sua presença dão um testemunho de que presam esta So-

cidade, para lhes fazer um pedido, que é ainda a consequencia do profundo amor que tenho pela nossa nobre classe.

Está esta, senhores, ameaçada de um triste futuro! De todos os lados se levantam inimigos que, sabindo uns das classes mais obscuras da sociedade, se intrusam na nossa, com reconhecido prejuizo da saude publica e dos legitimos interesses que nos deviam ser garantidos pelos governos: outros, de classes não obscuras, que movidos por interesses especiaes buscam amesquinhar os nossos serviços, querendo fazer acreditar que são insignificantes e até dispensaveis! e finalmente, ameaça-nos o futuro a condemnavel indiferença com que os governos e suas auctoridades nos olham, negando-nos a faculdade de gosar os effeitos do progressivo desenvolvimento das sciencias phisicas e chemicas com applicação á medicina e á pharmacia, não nos dando uma eschola especial, onde se obtivesse uma solida educação pharmaceutica, o que tudo concorre para que eu veja eminente um triste futuro.

E' necessario, pois, conjural-o: e para isso a cooperação de todos nós é indispensavel.

Uma união compacta entre todos nós pharmaceuticos: um attento estudo sobre o modo de debellar o commum inimigo, e a execução dos meios que para tal fim se adoptarem, constituam um systema de guerra que devemos adoptar para obter o legitimo triumpho sobre taes inimigos.

Unamo-nos, portanto, todos os pharmaceuticos, torne-mo-nos um corpo forte e respeitavel, não recuemos diante das difficuldades que se depararem, e nós sahiremos triumphantes, com o que ganhará, em primeiro lugar, a saude publica e tambem a dignidade pharmaceutica e o credito do paiz.

Agradecendo-lhes, meus senhores, a attenção que me prestaram e a paciencia com que me ouviram, recebam os meus caros collegas um fraternal abraço de quem muito se honra de ser pharmaceutico e de ser membro d'esta

Sociedade, a quem todos os pharmaceuticos se devem unir e acompanhar.

Dis se.

Finalmente o sr. presidente leu o seguinte discurso:

Senhores

Elevado ao cargo honroso de presidente d'esta benemerita Sociedade, accedi aos vossos desejos, mas foi-me forçoso desde logo reclamar o apoio de toda a vossa benevolencia.

Sem ella eu não ousaria assumir confiadamente a responsabilidade de tão elevada missão, para o bom e cabal desempenho da qual indubitavelmente me faltam as principaes qualidades, que mais podiam recommendar-me á vossa esclarecida attenção.

Não possuo o criterio e o arrojo dos genios, nem a practica dos longos annos, amadurecida e apurada no remanso do gabinete, que me permittisse imprimir uma feição característica aos vossos trabalhos.

Tão pouco possuo, como os meus illustres predecessores, um talento privilegiado, que, educado nas escolas com esmero e largueza de disciplinas, me habilitasse a conhecer e a profundar as variadas e numerosas necessidades da nossa profissão, e a emprehender-lhes remedio, quanto em mim coubesse, indicando-vos o melhor caminho para o conseguir, e abrindo ao mesmo tempo, em proveito da collectividade e de nós mesmos, melhor e mais vasto horisonte á sciencia que professamos.

Sirvam pois de attenuante ás faltas que necessaria, mas involuntariamente, heide ter commettido, o desejo de acertar que sempre me tem guiado, e os proprios esforços que tenho empregado para conseguir corresponder á vossa confiança; e dispensae-me já agora, por hoje ainda, a continuação da vossa benevolencia, da qual não pretendo nem devo abusar.

Presidindo á sessão solemne anniversaria do quinqu-

gesimo terceiro anno d'esta Sociedade, cumpro o gratissimo dever de vos felicitar, e comvosco me congratulo, com a sinceridade e a alegria proprias de quem ama do coração a prosperidade e bom nome da sua classe, e o engrandecimento da sciencia que ella cultiva.

Acresce além d'isso, para augmentar o meu contentamento, no dia de hoje, a circumstancia feliz de me caber a honra de ser o interprete dos vossos elevados sentimentos, junto do meu antigo mestre, o ex.^{mo} sr. José Tedeschi, o nosso prestante e antigo presidente, em cujas mãos ha pouco depuz um penhor significativo da vossa estima e gratidão indeleveis.

Senhores:—Assim como as nações pulsam nobremente, inspiradas pelo sentimento de patriotismo, que as anima e conduz, por vezes, aos mais altos commettimentos, como a nossa propria historia ensina, — tambem as differentes classes em que a familia humana se divide, obedecem a um sentimento analogo.

Impulsionado por esse sentimento, e pelo estimulo das nações que caminhavam na vanguarda do progresso das sciencias, um grupo illustre de pharmaceuticos lisboenses fundou em 1835 esta nossa Sociedade, cujo anniversario festejamos hoje jubilosamente.

Não foi o egoismo de conservar nem de defender um bem estar que não possuiam, nem a ambição de honras e proventos immerecidos, que os determinou a este commettimento. A familia pharmaceutica portugueza atravessava então um periodo caliginoso, moralmente abatida, e sem a cultura intellectual necessaria, que lhe permittisse collocar-se á altura do progresso da sciencia e da pharmacia dos outros paizes.

A segunda metade do seculo passado tinha sido brillantemente assignalada no campo da sciencia pela apparição de tres vultos de primeira grandeza, cuja recordação gloriosa nos infunde sempre grande respeito e admiração.

Assim como o seculo dezesete teve na sua segunda metade a fundação da Academia del Cimento na Toscana em 1651,

a Sociedade real de Londres em 1662 e a Academia das sciencias de Paris em 1666; a segunda metade do seculo dezoito teve Scheële na Suecia, Pristeley na Inglaterra, e Lavoisier em França.

Os trabalhos d'estes tres athletas valeram pelos de todas as academias e de todos os sabios seus contemporaneos, diria mesmo, dos que os precederam, se acaso elles não se tivessem aproveitado, como ponto de partida, dos erros de uns para os apreciar melhor e corrigir, e das luzes de outros a alumiar-lhes em alguns pontos, ainda que por ventura furtivamente, o caminho novo que percorreram.

A luz esplendida que raiou sobre o universo, emittida por estes tres fachos luminosos da philosophia natural, rasgando as trevas da ignorancia, que envolvia ainda, em muitos pontos capitaes, o saber do homem, reflectiu-se tambem na modesta classe pharmaceutica portugueza, a qual, mais tarde, não assistiu indifferente á revolução scientifica do seu tempo, e produziu esta Sociedade.

Quando o espirito associativo era desconhecido, ou pouco cultivado entre nós com intuitos d'esta ordem, a epoca da fundação d'esta Sociedade foi um periodo de esforços e dedicações espontaneas; louvaveis ao ultimo ponto, por serem generosas e desinteressadas; verdadeiramente heroicas em alguns de nossos predecessores, senão em todos, por que as souberam conservar inalteraveis até ao ultimo quartel da vida, sem que as contrariedades—e por vezes os desgostos soffridos na luta pacifica mas porfiada pela sua emancipação, — os vencessem ou intibiassem.—Por que é necessario que se saiba e se affirme em todas as occasiões opportunas, que o objectivo principal d'esta Sociedade tem sido, e continua a ser, a illustração da classe que representa, e o progresso da sciencia, que cultiva, para obter a emancipação da mesma classe e nivelal-a ás outras profissões liberaes; e tambem é necessario que se saiba, que d'este ideal já se achavam anteriormente possuidos muitos pharmaceuticos portuguezes, como o provaram com os seus

requerimentos os pharmaceuticos d'esta capital, de 1821 e 1826.

Em 1836, Passos Manuel attendeu as reclamações da classe pharmaceutica, creando as escolas de pharmacia annexas ás escolas medicas. Essas escolas satisfariam em parte uma necessidade do ensino, se a sua frequencia fosse obrigatoria para se obter o diploma de pharmaceutico; mas, nem a frequencia das escolas foi obrigada desde logo, nem depois a iniciativa do notavel estadista tem sido secundada com as leis complementares que o estado da sciencia já então reclamava, e cuja falta cada dia se faz sentir de um modo mais acentuado, mesmo na parte industrial da nossa profissão, aonde natural e fatalmente se reflecte.

Desde a aula de declamação até ao fabrico da renda de Peniche, todos os ramos do trabalho nacional teem merecido um ensino especial e adquado; só a pharmacia não logrou ainda concitar sobre si a attenção de governo algum, de modo a dotar o paiz, que é o verdadeiramente interessado, com um ensino profissional d'este ramo da medicina, que satisfaça regular e convenientemente as necessidades publicas.

Multiplicam-se as cadeiras nas escolas de medicina e nos outros institutos de ensino superior; as aulas de mathematica e de sciencias naturaes repetem-se de modo que ha cursos annuaes de dois e tres discipulos; multiplicam-se as escolas do ensino artistico e industrial, e desdobram-se continuamente as cadeiras para o estudo disciplinar ser mais completo,—e ainda hem que se tem derramado e continua a derramar com mão larga a instrucção no paiz; como explicar, porém, este esquecimento não digo, este addiamento obstinado para com a pharmacia, este verdadeiro attentado de lesa-sciencia?

Não se pôde suppor que seja calculado e intencional; entretanto, em presença d'esta especie de ostracismo, em pleno seculo dezenove, é licito perguntar se não concedem á pharmacia fóros de sciencia;—ou se, como arte, se tanto quizerem, a consideram menos util do que qualquer outro

ramo do saber humano? Se ella não tem os seus fastos gloriosos; se não tem os seus pergaminhos, mais illustres do que muitas outras sciencias, tanto pelo que diz respeito ao presente, como ao passado, dentro e fóra do paiz?

Assim esquece a historia?!

Se remontarmos á antiguidade, o que vemos?

Nos tempos mais remotos o mesmo individuo preparava os medicamentos e fazia applicação d'elles aos enfermos; entre esses individuos, porém, alguns que faziam mais vida do laboratorio e eram dotados de espirito mais sagaz, observador e paciente, surprehendidos a cada passo pela transformação dos corpos, que não sabiam explicar, foram archivando as noticias dos factos, multiplicando as experiencias, e tentando dar-lhes a explicação por um modo mais ou menos racional, ou extravagante, consentaneo á ignorancia dos tempos.

O trabalho d'estes e de outros observadores dos phenomenos chimicos, que produzem a transformação da materia, desde os primeiros tempos, — eis a origem da alchimia.

E' longa a lista dos investigadores celebres de que a historia tem melhor conhecimento, a partir de Geber no oitavo seculo até aos tempos modernos.

—Geber fundou a escola dos chimicos arabes, que adquiriu grande celebridade entre os escriptores da idade média. Resumiu nas suas obras todos os conhecimentos chimicos dos mahometanos. Na sua — *Summa perfectionis* — falla da transmutação dos metaes, na qual se acreditava já muito antes d'elle; occupa-se da medicina universal; e inculca o seu *elixir vermelho* (que era um soluto d'ouro) como remedio para todos os males — meio de prolongar a vida indefinidamente, e recuperar a juventude.

—Depois de Geber tornam-se notaveis, no seu paiz, principalmente Rhases, Avicena, Mezué, Averbões e outros mais; uns, por descreverem algumas preparações novas, outros, por se esforçarem em imprimir á medicina uma nova orientação.

Só no seculo treze, depois das cruzadas e como consequência.

quencia do contacto dos christãos com os povos mahometanos, é que a chimica dos arabes e a sua pharmacologia penetrou na Europa.

Entretanto, convem lembrar que os phenicios e os egypcios nos precederam consideravelmente e tiveram conhecimentos muito adeantados sobre varias artes dependentes da chimica. O fabrico dos seus esmaltes, do vidro branco e corado, pouco ou nada deixa a desejar. Sabiam extrair os metaes preciosos, o cobre, o chumbo, e o ferro, por processos que pouco differem dos actuaes. Conheciam a arte da tinturaria, o fabrico do vinho, do vinagre, e parece que até o da propria cerveja. Embalsamavam com perfeição. O que elles não possuíam era a theoria das artes, mas tiravam naturalmente partido dos factos que o acaso ou a experiencia sem orientação scientifica lhes proporcionava, e tratavam de coordenal-os e ligal-os para certos e determinados fins. Eis como se explica a origem das suas industrias.

— O primeiro escriptor notavel que figurou na Europa pelos seus conhecimentos encyclopedicos, foi o celebre franciscano Rogerio Bacon, que nasceu em 1214, e falleceu em 1294; tão versado em linguistica, como em philosophia, mathematica, historia natural, chimica e phisica. Em todas estas sciencias deixou um rasto luminoso da sua passagem, o que lhe valeu o cognome de *doutor admiravel*.

Em philosophia foi o creador do methodo experimental, o precursor do seu celebre compatriota Francisco Bacon. Attribute-se-lhe a invenção do microscopio, do telescopio, e a da polvora. Contra a opinião de Aristoteles sustentou que a propagação da luz não é instantanea, e que a luz das estrellas lhes pertence. Considerou a sciencia experimental a rainha das sciencias, á qual todas as outras estão sujeitas.

Os seus conhecimentos de chimica e de phisica, e algumas experiencias que exhibiu em publico, valeram-lhe a accusação do crime de magia, feiticeria e pacto com o demonio; e por isso foi condemnado. Tão celebre pelos seus conhecimentos que A. Humbolt o considera o *maior sabio da meia*

idade, achava-se, entretanto, possuido da idéa da multiplicação dos metaes, e de prolongar a vida indefinidamente.

—Rival de Bacon pela universalidade e profundeza de conhecimentos, e não menos pela reputação de grande magico, viveu pouco mais ou menos pelo mesmo tempo o dominicano Alberto de Bolstad, bispo de Colonia, denominado Alberto o Grande: *Magnus in magiâ, major in philosophiâ, maximus in teologiâ*.

—O meio-dia da França exhibiu Arnao de Villa-nova, medico e alchimico; o qual possuiu a pedra philosophal e a receita para fazer ouro.

—Sucedeu-lhe nos fastos da alchimica o phantasista Raimundo Lulle, de Maiorca, o *doutor illuminado*, cuja vida agitada e aventureira dá para mais de um romance.

Lulle, nascendo ao mesmo tempo que Arnao e filho de uma familia distincta e abastada, — depois de uma mocidade de prazeres, e galanteios, mal succedidos, a uma dama, que o fez soffrer a mais dura e extraordinaria desillusão porque pôde passar um apaixonado sensualista — fez-se frade e entregou-se ao estudo com ardor.

—A não ser B. Valentim, que escreveu o *Currus triumphalis antimonii*, e que introduziu o uso do antimoniô na medicina, o homem mais notavel que a historia successivamente nos aponta por este tempo é o grande e afamado Paracelso, que nasceu proximo de Zurick em 1493, e exerceu uma poderosa influencia na chimica, e sobre tudo na medicina.

Segundo diz o professor Dumas, foi convidado pela cidade de Balle, em 1527, para reger a primeira cadeira de chimica que se fundou no mundo.

Como medico de conhecimentos universaes, e muito versado na chimica, fez da medicina uma sciencia subordinada áquella, e, entretanto, occupou-se mais da panacêa universal, do que da pedra philosophal. Para isso tinha *essencias e quintessencias, arcanos, especificos e elixires*, entre os quaes, o *elixir das quintessencias*.

Contradictor implacavel da escola arabe, e possuindo

um espirito innovador, como Rogerio Bacon, — que disse que a principal origem do erro e da ignorancia era a auctoridade, pelo que se devia queimar as obras de Aristoteles, — Paracelso chegou a queimar perante um auditorio as obras de Galleno e de Avicena, que em todas as universidades eram considerados como verdadeiros oraculos.

Admittiu os quatro elementos de Aristoteles, o fogo, o ar, a agua e a terra, e imaginou um quinto elemento predestinado, resultante da reunião dos quatro elementos elementares debaixo de uma fórma mais perfeita. Além d'isso concebeu que nos corpos havia tres principios distinctos, activos, cujos termos se tornaram celebres—o sal, o enxofre e o mercurio, e dois mais, inactivos, os flegmas e os *caput mortuum*. Os tres principios primeiros foram para Paracelso, e para os seus discipulos, como que os elementos da nossa chimica actual, e esta doutrina, já enunciativa por B. Valentim, e cada vez mais arreigada nos chimicos, estabeleceu a scissão entre as idéas d'estes e dos philosophos, os quaes, seja dito de passagem, com os seus systemas de mechanica molecular, baseados na existencia dos atomos retorcidos ou em espiral, foram mais prejudiciaes do que uteis ao progresso da sciencia.

Depois de uma vida agitada, entre o fastigio da gloria e a miseria, em polemicas constantes, e por vezes violentas, com os medicos, que accusava de pedantes e burros, e que lhe pagavam, a seu turno, alcunhando-o de charlatão e familiar de demonio, a quem attribuiam as curas maravilhosas que elle praticava, veio a morrer na idade de 48 annos, em um hospital de Strasburgo, em 1541.

Depois d'este homem extraordinario a chimica principiou a tomar mais importancia e incremento; a desembaraçar-se pouco a pouco do mysterio, e da magia, ou poder sobrenatural, de que os alchimistas eram considerados possuidores.

Então os chimicos dividiram-se em tres grupos pelos seus fins e pelas suas crenças: os alchimistas que nada produziram, em busca da pedra philosophal; os medicos-chimi-

cos; e os chimicos, que, despreoccupados e trabalhando com mais prudencia, pretenderam illustrar-se pela experiencia, taes como Cassius, Libavio, Agricola, Palisey, e outros.

Ora nós emprehendemos esta viagem em comboio rapido atravez dos seculos, para eu poder demonstrar que as sciencias medicas, incluindo a pharmacia, andaram por muito tempo unidas e até certo ponto confundidas e envolvendo a chimica.

Eis-nos enfim no seculo dezesete, quando a sciencia se apresenta em bases mais solidas, e a pharmacia, com representaçõo propriamente sua, toma parte activa na evoluçõo da mesma sciencia, assume um papel proeminente, e muito acentuado, nos seus progressos.

Funda-se a Academia del cimento, a Sociedade real de Londres, e a Academia das sciencias de Paris.

Tres membros, entre seis, da secção chimica da Academia de Paris, são pharmaceuticos: Bayen, Pelletier e Vouquelin.

A propria Academia, antes de constituida, reunia-se em casa de Geoffroy pae; assim como a Sociedade de Londres se reunia em casa de Bross, em Oxford, e a Academia de Florença teve o seu berço em casa do illustre Lasca, na rua Tornabuoni.

Um dos membros mais distinctos da Academia de Paris, nos seus primeiros annos, foi Nicolao Le Fèvre, que fez os seus estudos na Academia protestante de Sedam, e que pelos seus justos creditos de chimico e pharmaceutico, foi convidado a occupar a cadeira de professor de chimica no Jardim das Plantas.

Quando se fundou a Sociedade real de Londres, Jacques II convidou-o a tomar a direcção do laboratorio de S. James, e *Le Fèvre* passou para Inglaterra, que então lhe offeria mais segurança do que o seu proprio paiz, aonde os protestantes, cuja religião abraçou, eram já perseguidos.

As suas obras, apesar de compostas em Londres, foram escriptas em francez e publicadas em Paris. O seu *Trata-*

do de chimica racional distingue-se dos livros anteriores do mesmo genero, pelo methodo excellente, ordem e clareza notaveis com que se acha escripto.

Se Le Fèvre não foi espirito inovador, em compensação, dispoz de grande critica e muito bom senso, de uma razão muito clara e penetrante.

—Mais notavel, senão pelo saber, pelo menos pela reputação ruidosa, e grande nomeada, de que gosou em todo o mundo, foi Nicolau Lemery; o pharmaceutico da rua Galande, que em 1672, na idade de 30 annos, inaugurou o seu curso de chimica com um exito indescriptivel.

O nome do illustre Pasteur não é hoje mais festejado, que o foi o do nosso collega no seu tempo.

Principes e plebeus, damas e estudantes de differentes nacionalidades, attrahidos a Paris pela fama do seu nome, disputavam com impaciencia um logar, d'onde podessem escutal-o attentamente.

A rua Galande quasi não chegou para alojar os seus discipulos. O seu *Curso de chimica* obteve uma edição nova quasi em cada anno, e traducção em quasi todas as linguas.

—Em 1742 nasceu em Stralsund, na Pomerania sueca, o immortal Scheele, cujo nome encheu a Europa de assombro e admiração, e a sciencia de beneficios. Genuinamente pharmaceutico, e tão modesto e simples como verdadeiramente sabio, arrancou á natureza milhares de segredos, um a um, trabalhando no silencio e retiro da profissão que abraçou.

—Vivo de espirito e imaginação ardente, floresceu em França tambem, com justos creditos de sabio, entre outros pharmaceuticos, Rouelle, o chimico que, até ao seu tempo, teve idéas mais bem assentes sobre a natureza dos saes.

Entendia-se então por *sal* — tudo que podia cristalisar e fundir-se em agua. O acido bensoico era um *sal simples*. Rouelle estudou os chamados *saes compostos* e dividiu-os em tres cathogorias; *saes neutros acidos*, *saes neutros basicos ou alcalinos*, e *saes neutros perfeitos*.

Sobre este ponto teve uma polemica aturada com Bau-

mé, como elle pharmaceutico, e cuja auctoridade muito o embaraçou para fazer aceitar a sua doutrina como boa.

Estabelecido em Paris, como Lemery, como este fundou cursos particulares com grande successo e que regia por uma fórma desusada.—Chegava ao seu amphitheatro de bella casaca, cabelleira e chapéu debaixo do braço. Começava a prelecção com placidez, animava-se bem depressa e arremessava o chapéu, depois aquecia mais e atirava a cabelleira, depois a casaca, após esta o collete, em seguida a gravata. Era vel-o então á sua vontade, homem de laboratorio, amante das experiencias apparatusas, sabendo conduzi-las habilmente e expondo as suas demonstrações com uma propriedade e vehemencia, que atraíam e arrebatavam.

Em 1742 foi nomeado professor de chimica no Jardim das Plantas, e dois annos depois deu entrada na academia.

—Pelo mesmo tempo floresceu Baumé, o qual aos vinte e quatro annos era já um pharmaceutico distincto. Escreveu numerosas e interessantes memorias sobre a crystalisação dos saes, sobre os phenomenos da congelação e da fermentação, sobre as combinações e preparações do enxofre, do opio, do mercuric, do acido bórico, da platina etc. As portas da Academia, da qual mais tarde foi pensionista, foram-lhe franqueadas em 1773; e, quando o successo da *Encyclopedia* fez conceber o plano do *diccionario das artes e officios*, Baumé encarregou-se de escrever mais de cem artigos, que fazem parte d'essa collecção.

Fez numerosas experiencias, de collaboração com Macker, para elevar a fabricaço da porcelana franceza ao nivel da da China. Montou a primeira fabrica de sal-ammoniaco; ideou um processo para dourar as peças de relojoaria e outro para branquear a seda amarella; indicou meios para extinguir os incendios, conservar o trigo; um methodo para tingir os pannos, etc., etc. Trabalhou sobre areometria.

Publicou um tratado de pharmacia, que ainda se póde lér sem enfado, apezar do grande progresso das sciencias desde então até hoje.

Baumé falleceu em 1804, socio do instituto.

—Em 1770, isto é, poucos annos antes, appareceram conjunctamente os primeiros trabalhos de Scheéle, os de Priestley, e a primeira memoria de Lavoisier.

Este ultimo propozera-se indagar definitivamente, se a agua possuia ou não a propriedade de se transformar em terra. Não vos descreverei os detalhes com que elle operou, distillando em um *pelicano* uma certa porção d'agua, durante cento e um dias, fazendo-a circular no interior do apparelho até que a experiencia lhe pareceu concluida: dir-vos-hei apenas que, ao passo que elle resolvia a questão por meio da *balança*, Scheéle chegava quasi ao mesmo tempo a um resultado analogo por meio da *analyse* qualitativa, ignorando cada um os trabalhos do seu competidor, e creando para si um methodo, que os conduziu aos mais brilhantes resultados em trabalhos posteriores.

D'esta epocha em deante, e graças ao caminho traçado por estes tres luminares poderosos do progresso, a sciencia desenvolveu-se com rapidez, imprimindo uma feição caracteristica na vida do homem; e a lista dos pharmaceuticos que lhe teem prestado serviços assignalados, assim como ás artes e á industria, em todos os paizes, é interminavel, no campo da chimica principalmente.

Em historia natural, basta lembrar que o primeiro jardim botanico que a França possuiu, foi devido aos esforços e dedicação de Nicolau Houel, de Paris, a cuja piedade de sentimentos a França deveu tambem a fundação da sua primeira escola de pharmacia. O *jardim dos simples* d'esta escola precedeu sessenta annos a criação do Jardim das plantas, hoje Muzeu de historia natural.

—Basilio Besler, pharmaceutico em Nuremberg, dotou a Allemanha com os seus tres primeiros jardins botanicos.

—No principio do seculo dezesete, Alberto Seba, pharmaceutico em Amsterdam, creou o valioso museu de historia natural que a Hollanda durante muito tempo se ufanou de possuir, e que hoje é propriedade da Academia das sciencias de S. Petersburgo.

—A nossa patria gloria-se com o nome historico do pharmaceutico Thomé Pires, natural de Leiria, o primeiro naturalista que poz o pé na India; e que, no dizer conceituoso de João de Barros (*Historia do descobrimento e conquista da India*) «era pessoa de natural descripção, com letras, segundo a sua faculdade, largo de condição e aprazível de negociar; mui curioso de inquerir, e saber as cousas e com um espirito vivo para tudo.»

De espirito ardente, como Rouelle, e aventureoso como R. Lulle, ou Paracelso, Thomé Pires, como elles quiz instruir-se viajando.

Em 1511 partiu para a India, nomeado feitor das drogarias por el rei D. Manoel, com ordem a Affonso de Albuquerque para o prover no primeiro lugar que vagasse.

Assim succedeu, indo primeiro para Cananor, depois para Cochim, tendo n'esse meio tempo desempenhado o cargo de escrivão e contador da feitoria de Malaca em 1522.

Foi de Cochim que Thomé Pires enviou em 1516 uma carta notabilissima a el-rei D. Manoel, na qual descrevia varias plantas medicinaes do oriente. Este precioso documento historico só em 1838 foi arrancado do pó do esquecimento pelo nosso sabio patriarcha D. Francisco de S. Luiz, o qual honrou esta sociedade com uma copia, que viu a luz publica em o nosso jornal.

Pedro José da Silva, comparando a carta de Thomé Pires com os colloquios de Garcia da Orta, diz «que não lhe é inferior pela substancia e lhe leva vantagem na concisão e clareza.»

Ao tempo em que Thomé Pires passou á India, havia no reino noticias mui vagas e incertas da China. Em 1515, indo Lopo Soares de Albergaria substituir Affonso de Albuquerque no governo da India, mandou D. Manoel que Fernão Peres de Andrade o acompanhasse na qualidade de capitão de uma armada que na India se devia apparellhar com destino á China, a tentar relações de commercio e amizade com o imperador d'aquelle rico paiz.

Chegado Lopo Soares á India, e indo invernar a Cochim nos ultimos mezes do mesmo anno de 1515, tratou logo de indagar a quem, mais competente e sagaz, havia de confiar as cartas e os presentes que o nosso venturoso monarcha enviava ao imperador da China. Fidalgos e capitães lhe inculcaram Thomé Pires «por ser homem mui curioso e avisado, de muito saber para este cargo.»

Effectivamente Fernão Peres levantou ferro de Cochim, tocou em Malaca para tomar generos commerciaes, e foi aproar á China só em meado de 1517, por motivo de contratempos imprevistos.

«Foi permittido aos nossos desembarcar em Cantão, com grande estrendo de artilheria e trombetas, e a gente vestida de festa». O embaixador e a sua comitiva foi alojado em um dos aposentos mais nobres da cidade e visitado pelas pessoas mais gradas, e Fernão Peres, feito o seu commercio, retirou para a India, deixando os nossos; a embaixada, porém, foi mal succedida.

Depois de mais embaraços e formalidades do que as que Thomé Pires encontrára para pôr pé em terra, foi-lhe dito emfim, que seguisse para Nankim, aonde o imperador lhe concederia audiencia. Malgrado o seu intento n'esta cidade, foi-lhe dito que o imperador marchava para Pekim e lá o receberia.

Entretanto o rei de Bintão,—que fôra de Malaca que nós lhe tinhamos tomado—, mandára á China um embaixador, pedindo, como vassallo, auxilio contra nós. Simão Peres, em agosto de 1518, chegára a Tamão, vindo da India para negociar e, sem o saber, secundava maravilhosamente, com as suas violencias sobre os naturaes da ilha, os intuitos do embaixador do ex-rei de Malaca.

De tudo foi informado o imperador, que nem sequer ouviu Thomé Pires, accusado de má fé, elle e os seus, que iam preparar o terreno, para os Frangues (como os chinas nos chamavam) tentarem fazer na China o que tinham praticado em Malaca.

Ordenou então o imperador, que a esse tempo não era

já o mesmo, que se escrevesse ao governador da India para que restituísse Malaca ao rei de Bintão, e que a embaixada fosse retida presa em Cantão, para ser despedida sem damno, caso Malaca fosse entregue.

Desenganado o Filho do Ceu de que os Frangues lhe não obedeciam, continuou a prisão para os nossos; e á prisão sobrevieram os maus tratos.

Não se sabe ao certo como Thomé Pires passou os ultimos dias da sua vida. Segundo uns historiadores, morreu de desgosto e tristeza na prisão; segundo outros, passado algum tempo, foi ouvido pelo imperador, que folgou de o escutar, e apenas o mandou internar.

O que hoje é fóra de duvida é que, ainda Garcia de Orta era estudante em Salamanca, já Thomé Pires havia mandado para o reino noticias acertadas e importantes das drogas e plantas medicinaes do oriente, sendo a Carta a que já nos referimos cincoenta annos anterior aos Colloquios de Garcia.

PORTANTO, THOMÉ PIRES FOI O PRIMEIRO HOMEM DE SCIENCIA, E O PRIMEIRO NATURALISTA, QUE FOI Á INDIA; O PRIMEIRO EUROPEU, E O PRIMEIRO PORTUGUEZ, EM MISSÃO Á CHINA.

A alchimia não deixou vestigios da sua passagem entre nós; nem mesmo Paracelso com o estrondo grandemente ruidoso das suas doutrinas medicas e chemicas. A nossa therapeutica foi essencialmente arabico-galenica. Ainda assim cabe-nos a gloria de ter sido Vigier e D. Caetano de Santo Antonio os primeiros escriptores que se occuparam da chimica, difundindo entre nós os preceitos de Lermery. Desde então até 1772, epoca em que se creou a faculdade de philosophia da universidade de Coimbra, apenas appareceu entre nós — A Origem da Physica moderna etc... pelo padre Noel Regnauld, da Companhia de Jesus — Lisboa etc., 1753; Discursos da ignorancia, em que se duvida do fogo elementar, etc., por Joseph Boreal de Arango — Lisboa occid. na offi. de Morando, 1740, 2 vol. em 4.º — *E o verdadeiro methodo de estudar* de Antonio Verney; e a *Recreação philosophica* e *Cartas Phisico-mathematicas*, do Padre Theodoro de Almeida.

Não tivemos outro Thomé Pires, nem Geber, Lule, Bacon, Guibourt, nem Planchon, nem Schœele, nem Lemery?...

Succede-nos em pharmacia o mesmo que nos outros ramos das sciencias experimentaes.

Ainda mais: não os tivemos, nem parece que os queiramos ter. Não só lhes não preparámos o terreno *com equaldade*, mas tambem os não acolhemos dignamente, nem sequer os saudámos, quando a nossa estrella caprichosa, mas propicia, nol-os depara algumas vezes.

Entretanto citar-vos-hei os nomes de alguns pharmaceuticos illustres, entre nós, os quaes, apesar da influencia do meio em que naturalmente viveram, e lhes criaram em parte, souberam ainda assim ser uteis ao seu paiz.

Não queria fallar dos vivos, mas devo abrir já alguma excepção. Muitos cavalheiros que me escutam, conheceram decerto o nosso illustre consocio, o sr. Roberto Duarte Silva, quando praticava, ainda moço, na pharmacia Rino e na pharmacia Azevedo, F.^{os}

Em Duarte Silva, formado pharmaceutico, seguiu-se ao trato com os livros, que sempre amou, a paixão pelo ignoto e pelas sciencias chimico-physicas.

Como Thomé Pires foi á China; estabeleceu-se em Macau; internou-se mais; estacionou em Hyong-Cong. A nostalgia e o conselho dos amigos dedicados, da colonia estrangeira na cidade chinesa, restituiu-o á Europa. Satisfez em Paris a sua paixão dominante pela chimica, profundando-a, debaixo da direcção e no convívio dos grandes sabios; entretanto nunca se esqueceu da patria e, officiosamente, offereceu-lhe os seus serviços. Por bastante tempo aguardou collocação entre nós, rejeitando em França propostas vantajosas.

A vida tem necessidades imperiosas; Paris queria-o para professor da aula de chimica da sua escola municipal;— Paris, que regorgita de sabios e de chimicos, franqueava o magisterio a um forasteiro, a quem a patria não soube ser agradecida.

Jaques II attrahiu Le Févre a Londres, quando a Inglaterra

não possuía chimicos; Paris, generosa e illustrada, prestou homenagem ao sabio portuguez, laureado entre os seus, com quem foi conviver e aperfeiçoar-se, e esforçou-se por conserval-o em si e aproveitar-lhe o mérito.

Era forçoso tomar uma resolução, e Duarte Silva, hesitando primeiro, teve de ceder aos rogos dos amigos, e naturalisou-se cidadão francez, para exercer o magisterio na cadeira que já citei. Depois d'isso já foi presidente da sociedade de chimica de França.

Homem de letras, em vez de tretas, para desempenhar na patria o logar que lhe competia, faltou-lhe porventura o abrigo d'algum poderoso, ou a moleta da politica, em que nunca teve tempo de pensar; d'essa politica, cujo sopro quente tem crestado no campo da sciencia tanta arvore vigorosa em luxuriante floração, e a cujos artificios e seducções não escapou tambem outro pharmaceutico, illustre desde os bancos das escolas, onde não revelou o seu talento extraordinario menos distinctamente, do que no seio d'esta Sociedade, que se presa de o contar na classe dos seus membros benemeritos.

Refiro-me ao actual conselheiro da corôa e ministro da fazenda, o Ex.^{mo} Sr. Marianno Cyrillo de Carvalho, que por felicidade se não lembrou de viajar em moço, aliás seria, por ventura, mais um talento, privilegiado pelas suas multipas aptidões, das mais completas, inutilisado para cooperar no bem da patria.

Meus Senhores:—Eu não devo abusar da vossa attenção, mas não posso passar em silencio o nome de alguns pharmaceuticos nossos, illustres pela dedicacão á sciencia e pelos escriptos que nos legaram, depois do que tenho dito, dos estranhos principalmente, e no momento em que esta Sociedade paga uma divida sagrada a um seu consocio distincto por todos os titulos, como é o sr. Tedeschi, o mestre e o amigo de nós todos, cuja biographia acabastes de ouvir em phrase tão concisa como elegante.

Por isso permitti-me ao menos que consigne aqui os nomes de

—José Coelho;

—José Homem de Andrade;

—D. Caetano de Santo Antonio, de Buarcos, conego regente de S. Agostinho, que professou no mosteiro de Santa Cruz de Coimbra em 1698; auctor da bella *Pharmacopéa lusitana*, imp. em Coimbra, e reeditada tres vezes em Lisboa; e auctor da *Pharmacopéa Bateana*, traduzida do latim em portuguez—Lisboa 1713;

—João Vigier, que se naturalisou portuguez e entre nós vulgarisou, o primeiro, as idéas de cirurgia e pharmacia, que no seu tempo imperavam em França. Entre outras obras, publicou a *Pharmacopéa Ullisiponence, Galenica e Chimica*, etc., Lisboa, 1716. Diz P. J. da Silva que é n'este jivro que se falla da chimica pela primeira vez entre nós; e n'elle se lê um pequeno tratado d'esta sciencia, como então Lemery a ensinava em França, enriquecido com gravuras. Vigier publicou mais uma *Historia das plantas da Europa, e das mais usadas, que vem da Asia, da Africa, da America*, etc., etc., Lion, 1718;

—Manuel Rodrigues Coelho, de Setubal, baptisado em 2 de fevereiro de 1687; auctor da celebre *Pharmacopéa-Chimico-Galenica*, obra collossal pela doutrina que contem, e a que melhor representa entre nós a polypharmacia. Ainda no principio d'este seculo era citado com enthusiasmo por alguns dos pharmaceuticos mais antigos. Desempenhou entre nós o papel que a *Officine de Dorvault* tem occupado ultimamente;

—Antonio Lopes da Silva, natural de Lisboa, auctor do *Exame dos Boticarios com uteis doutrinas concernentes á Arte Pharmaceutica*. Examinou-se em 1723.

—Frei João de Jesus Maria, Monge Beditino, administrador da botica do Reformado e antiquissimo Mosteiro de Santo Thyrso; auctor da *Pharmacopéa Dogmatica, medico-chimica e theorico-pratica*. Porto, 1772. O sr. Antonio José Nogueira doou á Sociedade em 1857 um *Apendix* manuscrito a esta obra.

—Frei Christovão dos Reis, carmelita descalço, adminis-

trador da botica de N. Sr.^a do Carmo, da cidade de Braga; autor das *Reflexões methodico-botanicas, muito uteis e necessarias para os professores de medicina e enfermos.*—Lisboa, 1779. O contheudo vale muito mais do que o titulo indica;

—Luiz H. de Carvalho, de Bemfica;

—Francisco de Paula Pires, e José Caetano, que floresceram pelo mesmo tempo, no Rio de Janeiro, onde o segundo regeu a cadeira de chimica da escola de medicina;

—Joaquim Maria Torres, de Coimbra;

—Antonio de Carvalho, o chimico, tambem citado por Balbi como muito versado em phisica experimental; preparador nos cursos de Mousinho de Albuquerque, na Casa da Moeda; estabelecido no largo do Corpo Santo, com grande credito. Montou na Margueira uma fabrica de productos chimicos e pharmaceuticos dos de importação;

—José da Silva Pinheiro, de Alcobertas;

—Caetano José de Carvalho, de Castello de Vide, estabelecido em Lisboa;

- -Francisco Cesar Pereira, de Villa Franca;

- -Antonio José de Sousa Pinto, moço fidalgo e pharmaceutico da Casa Real; homem muito notavel do seu tempo, e um dos vultos da pharmacia portugueza mais proeminentes, tanto pela suas publicações em pharmacia, medicina, e cirurgia, como por ter occupado todos os cargos mais importantes concernentes á profissão. Teve pharmacia de muito credito na rua dos Capellistas, e gosou de grande popularidade. Empana-lhe o lustre do nome o ter assistido, ao declinar da vida, indifferente á fundação d'esta Sociedade, onde entrou em 1845, e o não ter posto o seu valimento ao serviço da classe, principalmente como membro, que foi, do *Conselho de saude*;

—Antonio de Carvalho, o camarista, antigo presidente e um dos socios fundadores d'esta Sociedade;

—Gregorio de Sousa Pereira, socio fundador e presidente, cinco vezes eleito, d'esta Sociedade;

—José Vicente Leitão, o primeiro presidente da sociedade, o qual, dotado de genio emprehendedor, produziu varios

artigos de industria que rivalisaram com os estrangeiros, como, velinhas, algalias, sabonetes, e outros;

—Pedro Ferreira Norberto e seu irmão, José Ferreira da Silva, egualmente dedicados á industria pharmaceutica;

—Henrique José de Sousa Telles, pharmaceutico tão versado em pharmacia e sciencias successivas, como em litteratura; com grande facilidade em escrever; d'elle ha no nosso jornal muitos artigos originaes, de merecimento, sobre sciencia.

—Luiz José da Rocha e Silva, pharmaceutico no Porto;

—João Rodrigues Vianna, pharmaceutico no Porto;

—M. Arcanjo de Abreu, pharmaceutico em Lisboa;

—Anacleto Rodrigues de Oliveira, socio fundador e presidente d'esta Sociedade.

—José Silverio Rodrigues Cardoso, pharmaceutico muito distincto, em Mirandella;

—Francisco Bernardo dos Santos, e Albano A. de Andrade, do Porto, pharmaceuticos muito notaveis.

—Antonio Gomes Roberto, 1.º pharmaceutico do quadro de saude da India, onde fundou, em Goa, o *Archivo de pharmacia e sciencias accessorias da India Portuguesa*, o primeiro jornal scientifico que se publicou n'aquellas nos-
sas paragens, e que G. Roberto redigiu e sustentou em quanto esteve ali, na actividade do seu posto. Gomes Roberto, como tantos outros collegas, em serviço official nos quadros do ultramar — como Leiguarda Pimenta — que foi membro da academia das sciencias — concorreu eficazmente para o engrandecimento das colleções de historia natural que enriquecem os nossos museus nacionaes.

—Luiz Vicente Fortuna Senior, de Matosinhos, grande entusiasta pelos progressos da arte pharmaceutica;

—Candido Joaquim Xavier Cordeiro, administrador do dispensatorio pharmaceutico da Universidade de Coimbra; auctor dos *Elementos de pharmacia, theorica e pratica*, 2 vol., 1850-1860, reimpressos depois em um só vol. — a obra mais importante e completa depois da Tubalense, e perfeitamente ao corrente da sciencia do seu tempo.

—E o nosso mallogrado e prestante consocio A. A. Felix Ferreira.

—Resta-me fallar-vos de dois vultos que se destacam no grupo importante dos nossos collegas d'este seculo, e que todos nós conhecemos—José Dionysio Corrêa e Pedro José da Silva. Grandes pelo talento, e maiores talvez pela actividade e perseverança no trabalho nunca desmentidas. Sempre firmes na lucta pelo prestigio da pharmacia patria, e pela independencia da classe, trabalharam, por assim dizer, em campos differentes; mas nem por isso foram menos uteis os esforços de um, do que os do outro.

Pedro J. da Silva era mais homem de gabinete, José D. Corrêa, mais de laboratorio.

José Dionysio Corrêa occupou os cargos mais distinctos da classe — director da botica do primeiro estabelecimento hospitalar do paiz, onde prestou altos serviços; vogal do conselho de saude; professor de pharmacia interinamente, na fundação da escola annexa. Pedro J. da Silva, de espirito reflexivo, e mais propenso ao estudo do que ao dinheiro, não poudo supportar as agruras da profissão exercida civilmente, e voltou, depois de estabelecido, ao ensino particular das sciencias da philosophia natural, principalmente da chimica e da botonica, sobre que tinha mui profundos e mui solidos conhecimentos. Só mais tarde obteve o logar de *chefe demonstrador de serviço chimico*, no Instituto Geral de Agricultura, aonde grangeou a estima e consideração de mestres e discipulos.

Outro ponto de dissimilhança.—Corrêa era, independentemente de grave, jovial e communicativo; P. da Silva, pouco expansivo. Como consequencia, um trabalhou até à morte associativamente, o outro isolado. Além d'isso, Pedro J. da Silva cavou muito nas ruinas do passado para nos legar documentos e noticias preciosissimas da historia da nossa vida profissional.

Finalmente legou-nos um documento brilhante do seu saber, do seu engenho, e da sua perseverança inquebrantavel, na sua *memoria*, que tem por titulo—*Nova nomenclatura*

tura pharmaceutica e classificação methodica dos medicamentos.—Pedro J. da Silva tomou para base de nomenclatura a composição e fórma dos medicamentos, afastando-se assim do caminho seguido por todos os auctores, desde Chereau até Choulette e Ladrey. Se fosse francez e tivesse escripto no seu idioma, o seu nome seria conhecido por toda a parte, e andaria na mente e na linguagem de todos os praticos.

Aos esforços de D. Corrêa devemos a fundação d'esta Sociedade e uma parte importante do seu prestigio, pelas analyses de aguas mineraes, e de outra ordem, que no nosso laboratorio executou, e fez publicas no jornal da Sociedade; e pela sua collaboração activa e constante n'este mesmo jornal, cuja direcção por muitos annos lhe esteve confiada.

Por isso esta Sociedade, em sessão analoga á de hoje, em 3 de outubro de 1878 lhe conferiu o primeiro diploma de presidente honorario, porque foi elle o seu iniciador, e porque, como o ex.^{mo} sr. José Tedeschi, dedicou a maior parte da sua vida ao engrandecimento da sciencia e da classe, ás quaes ambos em collaboração constante teem prestado o mais fervoroso culto.

Ora uma classe com estes antecedentes, que presta á collectividade tantos serviços como a nossa, collaborando quotidianamente no bem estar de tantos milhares de individuos, não deveria ter já merecido a realisação, tantas vezes pensada e discutida nas espheras officiaes, da regularisação e melhoramento dos seus estudos?

Meus Senhores:—O ensino da pharmacia, como esta sociedade o tem solicitado ao governo, em varias representações, não é um luxo inventado pela classe ou por esta sociedade; é uma necessidade, que se impõe por mais de um titulo—em nome da saude publica; dos interesses materiaes do paiz; e do que se deve a uma classe numerosa e prestante, que, como todas as outras, em egualdade de circumstancias, concorre proporcionalmente com a sua quota parte para os cofres do thesouro.

O que existe entre nós a este respeito é o cahos; é triste mas é forçoso dizel-o.

Basta lembrar que o individuo que aspira ao diploma — ou pratica durante oito annos e se apresenta a exame final com a sua pratica registada e um pequeno numero de preparatorios dos lyceus—ou se apresenta às escolas annexas para frequentar um curso biannual, previamente munido com o curso quasi completo dos lyceus, e as cadeiras de chimica, phisica, e botanica, de alguma escola superior.

Salta logo aos olhos, que, á parte a desigualdade das habilitações, ambos os cursos são defeituosos.

Oito annos de pratica, em qualquer pharmacia, sem distincção de condições, hade ser necessariamente pratica forçada para uns, e insufficiente para outros. Depois, o alumno, sem mais exames parciaes, que garantam a sua aptidão e conhecimentos nas diversas disciplinas em que tem de ser versado, é submettido a um exame, cujo jury, como para os outros alumnos, é constituído por membros, cuja maioria é estranha á classe e á pratica da profissão, embora mui doutos e sabios.

O curso escolar val mais pelos preparatorios, do que pelas disciplinas que n'elle se professam.—Falta-lhe o cunho pratico, que lhe é essencial, porque o pharmaceutico *não se faz*, ouvindo declamar; mas sim praticando e vendo executar as operações delicadas e por assim dizer raras e variadas, para a execução de muitas das quaes se requer ora habilidade manual, ora aparelhos, cuja aquisição não é facil, e cujo manejo exige pericia, que só a pratica esclarecida permite obter.

Escolas com as disciplinas technicas convenientemente distribuidas por aulas; escripturação commercial; gabinetes de phisica e de historia natural pharmaceutica; herborisações; laboratorios para a pratica de operações chimicas e de operações pharmaceuticas; laboratorio para analyse de productos chimicos e pharmaceuticos; laboratorio para analyses microchimicas; laboratorio para adestrar peritos chimicos em chimica legal, especialmente em toxicologia—

eis o que o paiz precisa, e sobre o que esta Sociedade tem representado aos governos, embora com menos largueza, para não ir contra a penuria do thesouro, com a qual se tem desculpado o estado actual das cousas.

Quando nos decidirmos a seguir de vez este caminho, que o exemplo de outras nações nos ensina, com proveito d'ellas—proporcionando *aos professores os meios de instruirem convenientemente os discipulos, e a estes os meios de adquirirem o maior numero de conhecimentos indispensaveis no menor lapso de tempo possivel*—estou bem certo que não hade ser necessario importarmos chimicos a proposito de cada necessidade do serviço publico, nem productos chimicos e pharmaceuticos na escala relativamente grande em que o fazemos actualmente, em menoscabo das nossas escolas, injustamente consideradas.

O nosso honorifico consocio, o actual sr. ministro da fazenda, em um brilhante discurso, proferido na camara dos dignos pares, a proposito da questão dos cereaes, para rebater a opinião de um partidario opposto, recordou que o notavel estadista Fontes sempre se exprimiu no sentido de achar utilissima a concorrência, e depois de lêr um trecho de um discurso do mesmo estadista, em que se aconselhava aos lavradores que aperfeiçoassem os seus productos e os seus methodos de cultura se queriam lutar com vantagem com os productos estrangeiros, acrescentou «a lucta economica é uma das fórmulas da lucta pela existencia, e para ser proficua não devemos apenas cortar o passo ao adversario com direitos protectores;—isso não é lutar, é furtarmo-nos á lucta. O que devemos é forcejar por nos collocarmos na condição economica dos nossos adversarios e, ahi postos, combatermo-nos corpo a corpo, cada um com os seus meios de acção.»

E' exatamente o nosso credo e o que desejamos vêr applicado á nossa profissão. Venham as armas eguaes ás da pharmacia Franceza, a que mais nos afronta; em vez de nos entregarem ao mais cruel abandono, proporcionem-nos a instrucção ao menos, quando não nos possam dar os outros

recursos que cercam e auxiliam efficazmente os nossos collegas d'aquelle paiz, e se ficarmos prostrados na lucta, no meio do nosso infortunio, só lhes pediremos que tenham a generosidade de nos levar em linha de conta os soffrimentos do passado e do presente.

A estatistica falla claro. Em 1887 importámos em réis 412:228\$000 (valores declarados ás alfandegas) de medicamentos compostos, não especificados na pauta, fornecendo-nos a França, só á sua parte, o valor de réis 73:406\$000; em 1888, até dezembro exclusivê, importámos 91:037\$000 —ao passo que em 1887 importámos 42:884\$000 de substancias medicinaes e para perfumarias, não especificadas, e nos onze mezes primeiros de 1888 réis 50:537\$000 das mesmas substancias.

Como oppor um dique a este mal? Contra uma protecção forte, como a teem outras nações, dizem que protesta o bem da saude publica; logo, o remedio está em nos collocarmos, quanto possivel, nas condições economicas dos nossos adversarios, a quem temos cedido os nossos mercados da America e da Africa, onde já tivemos mais interesses que actualmente, e que no proprio continente nos fazem uma damnosa concorrência com o prestigio do seu nome.

Não nos faltam aptidões, nem os recursos da natureza de que dispomos, são tão escassos, que não nos permittam uma posição differente da que occupamos no campo da industria. Não acreditemos que a luz do sol brilhante que nos alumia e aquece os nossos campos, que o rotilar das estrellas das nossas noites calmas, ou o azul purissimo dos nossos ceus, nos ennervam a ponto de nos roubar a aptidão e a actividade.

Se alguma cousa nos falta, é o senso pratico, de que dispõem alguns paizes, para aproveitar os seus recursos naturaes, e que, á falta d'estes, para satisfazerem as suas ambições, sabem crear outros, á custa da sua intelligencia e da sua actividade.

Pela sua parte, esta Sociedade, com relação á classe, acceita e agradece a cooperação sincera de todos os seus

membros, e reserva nos seus annaes um lugar especial para gravar em letras de ouro os nomes d'aquelles que se tornam credores da sua eterna gratidão, de que é exemplo vivo o nosso veneravel consocio o ex.^{mº} sr. José Tedeschi, a quem hoje procurámos pagar uma divida de gratidão; quanto aos seus deveres sociaes, para concorrer para a prosperidade e credito do paiz, tem procurado congregar junto de si tudo que pôde influir no bem moral e material da classe que representa e, — se não tem recursos para substituir a acção governativa no ensino profissional — tem manifestado por mais de uma vez a sua opinião aos poderes publicos e solicitado as providencias que considera inadiveis, tanto pelo que diz respeito á instrucção, como á policia e organização pharmaceutica.

O que é realmente admiravel, é que a culposa indiferença dos governos se não tenha innoculado na classe pharmaceutica, previamente preparada, nos seus elementos successivos, para tão perniciosa cultura; mas em tudo se revella a harmonia do universo, a qual, dentro de certos limites, parece determinar a successão dos acontecimentos, tanto na ordem moral como material das cousas, e os faz obedecer ás suas leis invariaveis.

A' negligencia d'uns tem respondido a iniciativa de outros.

O espirito de classe, acordado pelo proprio esquecimento que sobre nós tem pesado, e pela consciencia do dever, creou esta instituição, a qual, como baluarte das nossas crenças e aspirações levantadas, tem vellado pelo credito da pharmacia nacional, quanto lho permite a sua esphera de acção.

Cumprámos pois o legado honroso dos nossos collegas de 1835, e a posteridade nos fará justiça.

Disse.

O sr. *presidente* encerrou a sessão eram 11 horas. — O segundo secretario, *Domingos Francisco da Silva Nogueira*.

PEÇAS OFFICIAES

Extracto das actas das sessões

SESSÃO DE 8 DE JANEIRO DE 1889.—Presidencia do sr DRACK.

Aberta a sessão pelas 8 horas da noite, foi lida e approvada, sem discussão, a acta da sessão anterior.

Presentes 21 socios.

O sr. *presidente* participou o fallecimento do nosso consocio o sr. Moreira Foyo, e bem assim que a sociedade se tinha feito representar no funeral do nosso mallogrado collega.

O sr. *Mendes* propoz que se lançasse na acta um voto de sentimento por tão inesperada perda.

O sr. *Silva Machado* associou se ao pedido do sr. *Mendes*, e pediu que a mesa fosse cumprimentar o nosso collega brasileiro, o sr. Alves Ferreira.—Foi approvedo.

O sr. 1.º *secretario* leu a correspondencia seguinte:

Um officio do sr. Ernesto de Sant'Anna da Cunha Castello-Branco, agradecendo os pezames que a sociedade lhe havia enviado por occasião do fallecimento de uma pessoa de familia; outro officio do sr. Guilherme Maria da Silva Jonnes, em nome da direcção do *Correio Medico de Lisboa*, agradecendo «o convite da sociedade para a sua sessão solemne, acompanhando a sociedade no seu regosijo pela celebração do 53.º anniversario de prospera existencia, e pela homenagem que a mesma sociedade ia prestar ao benemerito e incançavel antigo presidente, que tão correctamente tem dirigido por tantas vezes os seus utilissimos trabalhos.»

Dos srs. drs. José Antonio Arantes Pedroso, Antonio Maria Barbosa e Alexandre José da Silva Campos, no mesmo sentido.

Do sr. dr. Eduardo Burnay, agradecendo o convite da sociedade.

Do sr. Eugenio Bandeira de Mello, João Antonio Belem Correia, e Augusto José da Cunha, no mesmo sentido.

ORDEM DA NOITE

Foram mandadas para a mesa duas propostas para socios effectivos, com a nota de urgente.

O sr. *presidente* convidou a assembléa a manifestar-se sobre a urgencia das propostas, dispensando-se o regimento.—Assim foi deliberado.

O sr. *Mendes* requereu e a sociedade approvou que as propostas fossem votadas por aclamação. Em seguida foram proclamados socios effectivos: os srs. José Bernardo Lopes da Silva, Mathias Lopes da Cruz.

Teve segunda leitura a proposta apresentada na sessão anterior pelo sr. *Mendes*.

O sr. *Oliveira Abreu* apresentou um parecer da commissão de direito pharmaceutico que teve primeira leitura.

Eleições

Preenchidas as formalidades legais, procedeu-se á eleição para os differentes cargos da sociedade, ficando eleitos os seguintes socios:

Presidente—José Ribeiro Guimarães Drack com 19 votos.

1.º *Vice-presidente*—Manuel Vicente de Jesus com 17 votos.

2.º *Vice-presidente*—Alfredo da Silva Machado com 18 votos.

1.º *Secretario*—Emilio Fragoso com 19 votos.

2.º *Secretario*—Domingos Francisco da Silva Nogueira com 18 votos.

1.º *Vice secretario*—Joaquim Antonio Vaz Leirinha com 15 votos.

2.º *Vice-secretario*—Joaquim Simões Serra com 20 votos.

Thesourero—Pedro Fernandes da Cunha com 21 votos.

Vice-thesoureiro—Antonio Augusto de Assenção com 18 votos.

Bibliothecario—Francisco de Carvalho com 19 votos.

1.º *Vice-bibliothecario*—Prospero Ribeiro Chaves Meyrelles com 16 votos.

Commissão de chimica

- 1.º *Operador*—Dr. Joaquim José Alves com 19 votos.
2.º *Operador*—José Ribeiro Guimarães Drack com 18 votos.
3.º *Operador*—Alfredo da Silva Machado com 18 votos.
Substituto—Emilio Fragoso com 18 votos.

O sr. *Mendes* propoz que as restantes comissões fossem reconduzidas.—Aprovado.

O sr. *presidente* pediu a escusa dos logares em que acabava de ser reconduzido, depois de agradecer a sua reeleição; e lembrou as palavras que tinha proferido ao tomar conta da presidencia, insistindo na sua substituição por outro socio, que podesse dedicar ao serviço da sociedade, todo o tempo que os trabalhos da mesma reclamassem, o que os seus deveres quotidianos lhe não permittiam fazer.

O sr. *Malato*, julgando interpretar os sentimentos da sociedade, pediu ao sr. Drack para que desistisse do seu proposito.

O sr. *Silva Nogueira*, agradecendo a sua reeleição, associou-se ao pedido do sr. Malato, com referencia ao sr. Drack.

Fallaram no mesmo sentido os srs. Fragoso, dr. Alves e Tedeschi.

O sr. *Drack* agradeceu a manifestação honrosa que a sociedade lhe acabava de tributar, e accitou os cargos para que foi eleito.

Não havendo mais a tratar foi encerrada a sessão ás 10 horas da noite, dando o sr. presidente para ordem da noite na sessão seguinte, a discussão d'uma proposta do socio o sr. Antonio Manuel Augusto Mendes, sobre interesse profissional; apresentação de propostas e de pareceres.—O 2.º secretario, *D. F. da Silva Nogueira*.

SESSÃO DE 28 DE JANEIRO DE 1889.—Presidência do sr. presidente honorário Jcsé TEDESCHI

Aberta a sessão pelas oito horas e meia da noite, foi lida e approvada a acta da sessão anterior.

Correspondencia

O sr. 1.^o secretario leu a correspondencia seguinte:

Um officio da ex.^{ma} sr.^a D. Josefina Leonor d'Azevedo Feyo, agradecendo o voto de sentimento que a sociedade deliberou inserir na acta da sessão de 8 de janeiro pelo fallecimento do seu esposo José Moreira Feyo.

Do sr. José Joaquim Alves de Azevedo, no mesmo sentido, pelo fallecimento de seu sobrinho o sr. José Moreira Feyo.

Da ex.^{ma} Camara Municipal de Lisboa, agradecendo o convite que a sociedade lhe havia enviado por occasião de celebrar a sua sessão solemne, sentindo não ter podido comparecer em consequencia de se terem prolongado os trabalhos da sessão ordinaria da camara que n'esse mesmo dia tivera logar.

Do sr. Francisco de Carvalho, agradecendo a honra da sua eleição para bibliothecario da sociedade, e pedindo a escusa do referido logar.

Do sr. Manuel Vicente de Jesus, agradecendo a eleição de vogal do commissão de physica, e 1.^o vice-presidente da sociedade, e pedindo escusa dos logares para que fôra eleito.

O sr. presidente consultou a sociedade sobre os officios dos dignos socios.

O sr. Simões de Abreu declarou que o sr. Carvalho não acceptava o logar para que tinha sido eleito, e que era tempo perdido a sociedade proceder como tem sido praxe, convidando o dito socio a acceptar o cargo.

A sociedade, em vista da declaração do sr. Simões de Abreu, concedeu a escusa pedida pelo sr. Carvalho.

Sobre o officio do sr. Manuel Vicente de Jesus, resolveu

a sociedade pedir áquelle digno socio para que desista da escusa pedida e, no caso de insistencia, ficou o sr. 1.º secretario auctorizado a inserir nos avisos a eleição d'aquelles dois cargos.

ORDEM DA NOITE

O sr. *Mendes* requereu para retirar a sua proposta, em consequencia de ser muito limitado o numero de socios presentes.

Depois de alguma discussão, foi deliberado addiar a discussão da proposta para outra sessão mais numerosa.

Teve segunda leitura o parecer da commissão de direito pharmaceutico. — Posto á votação foi approvedo.

O sr. *Simões de Abreu* agradeceu á sociedade a honra da sua reconducção como membro da commissão de direito pharmaceutico, e disse que resignava o referido cargo.

O sr. *Tedeschi* em nome da sociedade pediu ao sr. *Abreu* que desistisse do seu proposito.

O sr. *Simões de Abreu* agradeceu de novo á sociedade e retirou o pedido.

O sr. *Fragoso* disse estar vago o lugar de presidente da commissão de direito pharmaceutico, e propoz que esta vaga fosse preenchida pelo nosso presidente honorario o sr. *Tedeschi*. — Foi approvedo.

O sr. *Campos* apresentou uma amostra de minerio para ser examinado; disse que o referido minerio tem origem na serra de Cintra. — Foi enviado á commissão de chimica.

Não havendo mais a tratar, o sr. presidente encerrou a sessão eram nove e meia da noite, dando para a ordem da noite seguinte a eleição dos cargos vagos, e a discussão da proposta do sr. *Mendes*. — O 2.º secretario, *D. F. da Silva Nogueira*.

SESSÃO DE 12 DE FEVEREIRO DE 1889.—Presidencia do sr vice-presidente
SILVA MACHADO

Aberta a sessão pelas 8 horas da noite, foi lida e approveda a acta da sessão anterior.

O sr. 1.º secretario leu a correspondencia seguinte:

Um officio do sr. José Silvestre Ribeiro, agradecendo os pesames que a sociedade lhe endereçou por occasião do fallecimento de uma pessoa de familia.

Outro officio do sr. presidente, José Ribeiro Guimarães Drack, pedindo desculpa de não ter podido comparecer ás anteriores sessões e á sessão de hoje, e participando o fallecimento do nosso compatriota e socio honorario, A. Roberto Duarte Silva; propondo que, antes de se entrar na ordem da noite, a sessão fosse encerrada em testemunho do muito sentimento por tão infausto e prematuro acontecimento.—Aprovado.

Como não houvesse communicação alguma a fazer antes da ordem da noite, foi encerrada a sessão.—O 2.º secretario, *D. F. da Silva Nogueira*.

PHARMACIA

Quinina

Chimica.—A quinina é branca, amorpha, inodora, muito amarga, com reacção alcalina. É quasi insolúvel na agua, por isso que não se dissolve senão em 2,266 partes d'agua fria, e em 760 partes d'agua fervente, segundo M. J. Regnaud. Dissolve-se melhor no alcool, certas essencias, alguns oleos gordos, alguns hydrocarbonetos, entre elles a benzina.

A quinina, que é apenas empregada no estado puro, não nos interessa senão pelas reacções que permitem reconhecer os seus compostos.

Quando n'uma solução alcoolica de quinina ou aquosa de sulfato se lança uma quantidade sufficiente d'agua de chloro, depois um ligeiro excesso d'ammoniaco, o licor toma uma bella côr verde esmeralda.

Esta colorisação não se apresenta, á excepção da quinina, senão com a quinidina. Se o chloro é em grande excesso, a colorisação tira para amarella; se é em pequena quantidade

o precipitado é branco esverdeado quando se lhe junta amoniacco.

A esta reacção typica podem juntar-se as seguintes:

Dilue-se n'uma pequena quantidade d'agua sulfato de quinina, e junta-se pouco a pouco uma solução de chloro até á dissolução. Quando se faz cair n'este liquido ferrocyaneto de potassio pulverisado, vê-se apparecer uma côr rosada, que passa depressa ao vermelho escuro.

N'uma solução de quinina, uma corrente de chloro gazooso produz uma colorisação vermelha.

Quinina bruta.—Designa-se sob este nome um producto complexo que se obtem tratando a quina pelo acido chlorhydrico, carbonato sodico e alcool, como para a preparação do sulfato a quinina. Sômente, em lugar d'acidular o liquido alcoolico com o acido sulfurico, faz-se evaporar n'um aparelho distillatorio. O residuo formado por uma mistura de quinina, cinchonina, materias gordas, substancias resinosas e corantes, apresenta o aspecto d'uma massa plastica de consistencia dura.

Quinio do Brazil.—E' tambem um producto complexo, que se obtem, no Brazil, da casca fresca da quina, por meio da cal e do alcool, e que contém uma grande quantidade de quinina. E' uma substancia amarella, d'apparencia resinosa, sabor amargo. E' insolavel na agua fria, e sem se dissolver muito mais na agua fervente, communica-lhe comtudo sabor amargo. E' muito soluvel no alcool, ether, acido sulfurico fraco. Aquecido n'uma lamina de platina, ferve com cheiro aromatico, abandonando um residuo de cal.

Quinium.—Sob este nome assás improprio, Henry e Delondre designam uma mistura extractiva complexa, preparada com o fim d'obter um febrifugo economico, e de utilizar as cascas de quina pobres em quinina e que se associa entre ellas, depois da analyse, de maneira que o sulfato de quinina se encontre na proporção de 2 por 1 de sulfato de cinchonina. E' a proporção em que estes alcaloides se encontram na quina do Equador, cujas propriedades febrifugas são bem pronunciadas.

Saes de quinina.—Os saes de quinina indicados nos formularios e tratados de materia medica são extremamente numerosos. Nós os passaremos rapidamente em revista, porque alguns d'elles são muito conhecidos para que nos occupemos d'elle aqui.

Bromhydrato de quinina.—Aglulhas sedosas, incolores, de sabor amargo, soluveis em 16 partes d'agua, 3 partes d'alcool a 15°, 1 parte d'agua fervente, 6 d'ether, 12 de chloroformio.

Chlorhydrato basico de quinina.—Crystallisa em agulhas nacaradas; solavel em 21,4 partes d'agua a 15°, em 1 parte d'agua fervente e uma parte de chloroformio.

Phosphato de quinina.—Aglulhas crystallinas.

Arsinito de quinina.—Incolor, insolavel na agua, solavel no alcool.

Ferrocyanato de quinina.—Sal amarello em pequenas agulhas crystallinas, insolueis na agua; muito solavel no alcool. Sabor muito amargo.

Acetato de quinina.—Longas agulhas sedosas e nacaradas, pouco soluveis na agua fria; muito soluveis na agua fervente.

Lactato de quinina.—Aglulhas prismaticas, muito soluveis na agua.

Tartrato e citrato de quinina.—Saes quasi insolueis na agua.

Tannato de quinina.—Pó amorpho, branco amarellado, pouco solavel na agua; muito solavel no alcool. Quasi desprovido d'amargor.

Valerato de quinina.—Crystallisa um octaedros, exhalando um cheiro pronunciado d'acido valerico, de sabor muito amargo, solavel em 100 partes d'agua fria, 40 partes de agua fervente, muito solavel no alcool, muito pouco no ether.

Sulfato de quinina.—Muito conhecido.

Pharmacologia.—*Oleato de quinina.* Faz-se uma solução, quanto possivel concentrada, de quinina no acido oleico. Ainda que em theoria o acido oleico possa dissolver 53 partes de quinina, na pratica não dissolve mais que 25 ou 26, em vista da quantidade d'agua que contém o alcaloide.

VINHO DE QUINIUM (Henry e Delondre)

Quinium.....	4 ^{gr} ,50
Alcool a 90°.....	60 gram.
Vinho branco generoso...	1 litro.

TINCT. DE QUININA (Pharm. Brit.)

Hydrochlorato de quinina.....	10 gram.
Tinct. de laranjas amargas.....	490 »

Dissolva e filtre.

TINCT. DE QUININA AMMONIACAL (Pharm. Brit.)

Sulfato de quinina.....	10 gram.
Solução d'ammoniaco.....	30 »
Alcool a 57°.....	500 »

Dissolva o sulfato no alcool com o auxilio d'um ligeiro calor, e junte a solução ammoniacal.

VINHO DE QUININA (Pharm. Brit.)

Sulfato de quinina.....	1 parte
Acido citrico.....	1 parte e meia
Vinho de laranjas.....	438 partes

Dissolva o acido citrico, depois o sulfato no vinho, deixe em repouso durante alguns dias; filtre. 30 grammas d'esta preparação contem 6 centigrammas de sulfato de quinina.

PILULAS DE SULFATO DE QUININA

Sulfato de quinina.....	1 grammã
Acido tartrico.....	0,25
Mucilagem de gomma.....	q. s.

O sulfato tornado acido pela addição do acido tartrico dissolve-se melhor nas vias digestivas.

Therapeutica.—A quinina e seus saes dados n'uma dõse correspondente a 30 centigrammas de sulfato de quinina, activam a circulação e a respiração. Na dõse de 60 centigrammas e mais, verifica-se a excitação do systema nervo-

so central, seguido depressa de depressão, cephalalgia, zumbidos nos ouvidos, vertigens, etc. Em doses mais elevadas, estes accidentes podem aggravar-se e tornar-se mortaes.

E' bem conhecida a acção febrifuga tão notavel da quinina e seus saes. Vry fez em 1888, na Academia de medicina de Paris, uma communicação, que produziu uma certa impressão, e na qual demonstrou que os sulfatos de quinina do commercio conteem, a maior parte, uma certa quantidade de cinchonidina. Este facto, exacto em si, não apresenta nenhuma importancia sob o ponto de vista do emprego therapeutico. Seria certamente preferivel que o sulfato de quinina basico fosse puro, mas como os processos empregados e a constituição chimica das quinas trazidas ao commercio tornam esta pureza absoluta impossivel, é melhor então acceitar os sulfatos de quinina actuaes, do que substituil-os pelo sulfato neutro, como queria Vry, porque esta substituição levaria a mudar os usos da medicina e da pharmacia, cousa bem difficil, para não dizermos impossivel.

DÓSES E PROCESSOS D'ADMINISTRAÇÃO

Quinina.—Dóses: de 5 a 20 centigrammas ou mais. Quando é anhydra, 3 partes de quinina pura equivalem a 4 partes de sulfato de quinina. Administra-se sob a fórma de pilulas.

Quinina bruta.—A dose póde elevar-se mais, de 1 gramma a 3 ou 4 gram. por dia.

Quinum.—Em pilulas de 15 centigram. cada uma. A dose é de 10 pilulas proximamente por dia nas febres d'acesso.

O vinho de quinum emprega-se na dose de 100 gram. como febrifugo e de 30 gram. como reconstituente tonico.

Citrato ds quinina e de ferro.—Dóses: 25 a 60 centigram. ou mais, sob a fórma de pilulas ou de solução, cujo sabor, semelhante ao dos saes de ferro, é comtudo muito agradavel.

Bromhydrato de quinina.—A dose é a de todos os saes de quinina.

Chlorhydrato de quinina.—Dóses: 5 a 30 centigram. e mais.

E' um bom antiseptico, que tem sido recommendado sob a fórma de solução, na dóse de uma para cem partes d'agua.

A *tinctora* administra-se de 2 a 7 grammas por dia em xarope de cascas de laranjas azedas.

A *tinctora de quinina ammoniacal* emprega-se em dóse de 2 a 8 grammas, misturada com partes eguaes de xarope de cascas de laranjas. E' um processo muito commodo de administrar em pequenas dóses a quinina.

Vinho de quinina.—Dóses: 15 a 30 grammas.

Quinoidina

E' uma substancia complexa, que se julga ser um producto d'alteração das quininas. Póde conter a quinina, a cinchonina, assim como os seus isomeros. Tem-se tirado d'ella até 60 % de quinidina.

A quinoidina parece ter principio na fabricação do sulfato de quinina e na casca mesmo, quando se submete á dessecção ao sol.

Este composto é resinoso, d'um escuro denegrido, com quebradura vitrea, sabor nauseabundo, quasi insolúvel na agua acidulada. Prescreve-se como febrifugo na dóse de 10 a 50 centigrammas e mesmo mais.

Quinoleina

A quinoleina apresenta-se sob a fórma d'um liquido incolor; cheiro desagradavel, fazendo lembrar o da essencia d'amendoas amargas, de sabor activo, acre e amargo.

Ferve a 235°; densidade=1,4055. Córa-se rapidamente em contacto com o ar e com luz e produz sobre o papel manchas gordas que desaparecem com rapidez. E' pouco solúvel na agua fria, mais solúvel na agua quente, miscível em todas as proporções com o alcohol, ether, aldehyde,

acetona, sulfureto de carboneo, essencias e oleos gordos. Não se decompõe ao rubro.

Une-se facilmente aos acidos para formar saes crystallisaveis. A quinoleina parece formar o nucleo da maior parte dos alcaloides naturaes. Obtem-se de differentes maneiras, e é tambem um producto de destruição da cinchonina e da brucina pela potassa caustica.

Therapeutica. — O dr. Donath tem preconisado a quinoleina pura no tratamento da diphtheria em razão das suas propriedades antisepticas muito notaveis. Pretende que esta medicação não pôde prevenir a infecção geral. Emprega-a como topico ou em inalações.

A formula do liquido para a applicação é a seguinte:

Quinoleina pura.....	5 grammas
Alcool.....	} aa 50 »
Agua.....	

LIQUIDO PARA INHALAÇÕES OU GARGAREJOS

Quinoleina pura.....	1 gramma
Agua distillada.....	500 grammas
Alcool.....	50 »
Essencia d'hortelã.....	10 gottas.

(New. Rem.)

A.

Sparteina

A sparteina é uma base volatil tirada da giesta, *Genista scoparia*, Lam., da familia dos Leguminosas papilionaceas. Encontra-se tambem n'esta planta uma outra substancia, a *scoparina*, mas até hoje ainda não foi empregada. O junco fornece tambem a sparteina, mas em menor quantidade que a giesta.

Chimica. — Um kilogramma de folhas e ramos forneceram a Hondé proximamente 12 grammas de sparteina.

E' um liquido incolor, d'um cheiro semelhante ao da pyridina, sabor extremamente amargo. E' mais densa

que a agua e ferve a 278°. Em contacto com o ar, escurece pouco a pouco. Pouco solúvel na agua, dissolve-se no alcohol, ether, chloroformio, mas é insolúvel na benzina e petroleo. A sua reacção é alcalina, e, quando se aproxima uma vareta de vidro molhada em acido chlorhydrico não fumante, formam-se vapores esbranquiçados analogos aos que produz o ammoniaco nas mesmas condições. Em presença do sulfhydrato sulfurado d'ammoniaco, toma uma colorisação vermelha alaranjada persistente.

A sparteina combina-se facilmente com os acidos para formar saes, que crystallisam difficilmente; o sulfato é mais estavel, o unico empregado em medicina.

Pharmacologia.—O sulfato de sparteina administra-se em solução ou em pilulas.

POÇÃO

Agua.....	45 grammas
Agua dist. de loureiro-cerejeira...	15 »
Xarope simples.....	20 »
Sulfato de sparteina.....	0,30 »

Uma colher de sopa de manhã e de tarde.

PILULAS

Sulfato de sparteina.....	0 ^{sr} ,50
Massa pilular.....	q. s.

Para 10 pilulas. Duas em 24 horas.

Therapeutica.—A sparteina foi estudada por Laborde, que reconheceu a sua acção sobre o coração; foi n'estes trabalhos que G. Sée se fundou para applicar a sparteina no tratamento das affecções cardiacas. Na dõse de 10 centigrammas em media, o sulfato de sparteina augmenta a intensidade e a duração das contracções ventriculares.

E' um medicamento dynamico e regulador do coração, augmentando os movimentos do coração e do pulso. A sua acção é mais prompta e estavel que a da digitalis. Regularisa immediatamente o rythmo cardiaco alterado e é superior n'este caso aos outros agentes. Prescreve-se nas affecções

graves, atonicas, com afrouxamentos dos movimentos do coração, e é então semelhante á belladona.

Todos estes phenomenos apparecem no fim d'uma hora ou d'algumas horas e persistem tres ou quatro dias depois da suspensão do medicamento. Durante este periodo, as forças augmentam e a respiração faz-se mais facilmente. As funcções urinarias não parece soffrerem com a pequena dôse empregada.

(Nouv. Rem.)

A.

Strophantus

O *strophantus hispidus*, D. C. e S. Komté, Oliver, são as variedades mais communs d'este genero da familia das Aprocynaceas, das quaes se conhece um grande numero de especies na Africa. E' uma trepadeira, lenhosa, que cresce nas costas occidentaes da Africa. Florece em outubro e novembro. Os fructos são folliculos, cujo comprimento varia a 10 a 12 pollegadas e que conteem um grande numero de grãos sobrepostos d'um bello tufo de pellos, que lhes dá a apparencia d'um grande topete muito elegante.

Chimica.—Estes grãos conteem 8 a 10 por cento d'um glucoside, a *strophantina*, que é crystallina, inodora, de sabor muito amargo, com reacção acida fraca, solúvel na agua fria, mais solúvel na fervente, menos solúvel no alcool, pouco no chloroformio, insolúvel no ether e benzina.

Desdobra-se em glucose e *strophantidina*, substancia de sabor extremamente amargo muito solúvel no alcool e na agua. A *strophantidina* é um alcaloide tão activo como o glucoside.

Os pellos conteem uma outra substancia, apresentando os caracteres d'um alcaloide que tem sido chamado *Incina*.

Therapeutica.—Os *strophantus* parecem, segundo o professor Fraser, destinados a occupar um logar importante na lista dos remedios contra as doenças de coração. A sua acção é semelhante á do digital. E' mais notavel sobre o coração, menos poderosa sobre os vasos sanguineos. E' um veneno cardiaco extremamente violento.

A strophantina não parece ter absolutamente a mesma acção physiologica que o strophantus. Segundo as pesquisas recentes, pôde-se suppôr que a acção d'esta substancia sobre o rim é irritante. E' necessario, pois, ter isto em vista, antes de julgar possivel substituir em absoluto o strophantus e suas preparações ao digital.

Dóses. — Internamente, prescreve-se a tintura ao quinto na dose de 10 a 15 gottas por dia.

A injectão hypodermica faz-se com uma solução contendo $\frac{1}{2}$ a 1 milligramma d'extracto para cada dose; a sua acção persiste durante 8 dias pelo menos, mas é necessario notar que a via hypodermica não é o melhor meio de administrar este medicamento.

A strophantina não está ainda bem estudada sob o ponto de vista chimico; não se deve começar por uma quantidade superior a um decimo de milligramma para se chegar depois a um meio milligramma ou mais, porque este producto é muito toxico.

Não se conhece o contraveneno do strophantus.

(*New. Rem.*)

A.

Terpina

A terpina é um bi-hydrato de terebenthene que se fórma quando a essência de terebinthina está em contacto com a agua.

Obtem-se com uma mistura de 3 partes d'alcool a 80°, 4 partes d'essencia de terebinthina e 1 parte d'acido azotico ordinario. Esta mistura é introduzida em frascos de Woolf expostos ao sol e nos quaes se faz passar durante quatro dias uma rapida corrente d'ar. Decanta-se a camada superior e junta-se agua. Esta mistura deixa, no fim de algumas horas, depositar crystaes, que se comprimem nas dobras do papel Joseph, e que se purificam por crystallisação no alcool ou agua fervente.

A terpina pura apresenta-se sob a fórma de prismas de base rhomba, brancos, limpodos, soluveis em 200 partes de

agua fria e em 22 partes d'agua fervente, muito soluveis no alcool (1 para 7), ether, essencia de terebinthina.

POÇÃO

Agua.....	100	gram.
Alcool.....	20	"
Terpina.....	50	centigram.
Xarope de cachú.....	30	gram.

Para tomar em 24 horas. Póde-se tambem dissolver-a em vinho branco.

A terpina emprega-se desde 10 centigram. até 1, 2 e 3 grammas por dia.

E' um poderoso modificador das secreções bronchicas.

(New. Rem.)

A.



Terpinol

Prepara-se fazendo ferver crystaes de terpina com agua acidulada com acido chlorhydrico ou sulfurico, lavando-se o producto com agua ligeiramente alcalina, distillando e recolhendo sómente os vapores que passam a 168°.

O terpinol é um liquido incolor, muito movel, refrigerante, d'um cheiro semelhante ao do jasmim. Densidade 0,852. Ferve a 168°. Este producto é insolúvel na agua e solúvel no alcool e ether.

O melhor processo d'administração consiste em usal-o em capsulas de 10 centigrammas cada uma, na dóse de 3 a 10 por dia, seja 50 centigrammas a 1 grammam. Tanret aconselha a seguinte formula:

Terpinol.....	} 3 a 10 centigram.
Benzoato de soda.....	
Assucar.....	

Para uma pilula. Podem-se tomar 6, 8, 10 e mesmo 12 por dia.

O terpinol elimina-se principalmente pelo pulmão, é por-

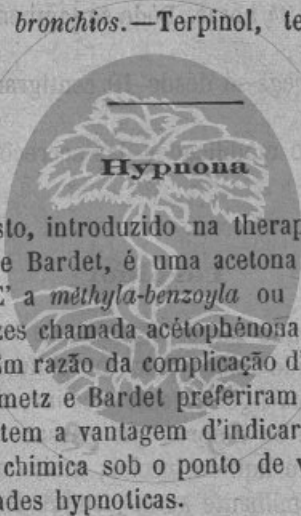
tanto um modificador das secreções bronchicas. Os escarros tornam-se mais fluidos, o máo cheiro desaparece e a expectoração torna-se mais facil. Nas affecções das vias urina-rias, a acção do terpinol é quasi nulla.

Dujardin-Beaumetz estabeleceu da maneira seguinte as indicações dos differentes productos terebinthinados dispo-ostos por ordem d'acção.

Doenças da bexiga.—Essencia de terebinthina, terpinol.

Doenças dos bronchios.—Terpinol, terpinol, essencia de terebinthina.

(New. Rem.)



Hypnona

Este composto, introduzido na therapeutica por Dujardin-Beaumetz e Bardet, é uma acetona mixta descoberta por Friedel. E' a *méthyla-benzoyla* ou *méthylphénylaceto-na*, muitas vezes chamada acétophénona, que tem por formula C^8H^8O . Em razão da complicação d'estas designações, Dujardin-Beaumetz e Bardet preferiram dar-lhe o nome de *hypnone*, que tem a vantagem d'indicar ao mesmo tempo a sua origem chimica sob o ponto de vista da funcção e suas propriedades hypnoticas.

Chimica.—A hypnona obtem-se facilmente dissolvendo a secco uma mistura de partes eguaes de benzoato de cal e d'acetato de cal. Passa um liquido escuro, dotado d'um cheiro penetrante, que é uma mistura d'hydrocarbonetos e de productos diversos contendo pouco mais ou menos a quarta parte de hypnona.

Este liquido, por distillação fraccionada, deixa passar a acetophenona entre 180° a 203° . Põe-se de parte o li-liquido que passa a esta temperatura, e fracciona-se de novo, conservando-se sómente o que passa entre 195° e 200° ; se quizermos obter o producto chimicamente puro, é ne-cessario continuar a rectificação e conservar só o que passa a 198° .

A hypnona á temperatura ordinaria é um liquido incolor, muito mobil, cuja densidade é de 1,032. A 4° ou 5°, torna-se em massa sob a fôrma de crystaes transparentes, em grandes laminas. O cheiro muito vivo assimilha-se ás amendoas amargas e flôres de laranjeira; é insolúvel na agua, soluvel no alcohol, ether, glycerina, oleo d'amendoas doces, chloroformio, benzina e essencias.

Pharmacologia.—Indicam-se diversas formulas de poção de hypnona; é um trabalho inutil, porque o producto tem um sabor de tal modo pronunciado, que é muito preferível tomal-o em capsulas; muitos droguistas preparam capsulas de gelatina contendo cada uma 5 ou 10 centigrammas d'hypnona dissolvida em azeite ou ether; em caso de necessidade podem-se preparar nas pharmacias.

Hubie enche-as dos seguintes liquidos:

Oleo d'amendoas doces..... 1 gramma

Hypnona..... 0^{gr},30

Mistura e distribue por quatro ou cinco capsulas.

LINIMENTO (Vigier)

Hypnona 5 grammas

Oleo d'amendoas doces..... 10

Cada gotta d'hypnona, contada com o conta-gottas calibrado a 3 millimetros, pesa pouco mais ou menos 2 centigrammas e meio.

Therapeutica.—Na dôse de 50 centigrammas, a hypnona provoca nas cobaias, ao principio, anasthesia, depois a lethargia e por fim a morte. No homem, em dôse fraca, provoca o somno; não é necessario ultrapassar 50 centigrammas.

A hypnona não é analgesica, e sob este ponto de vista é muito inferior ao chloro; nas insomnias nervosas ou provocadas por excitação cerebral alcoolica ou intellectual, provoca o somno com grande facilidade, e o despertar não é acompanhado de peso de cabeça e de estado sa-buroso que segue sempre a ingestão do chloral; os seus effeitos são sempre muito uteis nos alcoolicos e alienados.

A hypnona em fraca dóse enfraquece o cerebro, o que explica a sua acção hypnotica; em dóse toxica, nos animaes, notam-se graves phenomenos cardiacos e respiratorios, mas para obter estes effeitos, é necessario empregar n'um cão vigoroso dois grammas em injeccões intravenosas. Comtudo, é preciso guardar este ponto como uma contra-indicação nos doentes atacados d'affecções cardiacas.

Dóses.—A dóse media de hypnone é de 5 a 8 capsulas de 5 centigrammas. E' inutil ir além de 50 centigrammas.

(Nouv. Rem).

A.

Occasião do emprego dos medicamentos

PELO DR. R. CHISTISON

Os *alcalinos* devem ser tomados antes da refeição.

O *iodo* e suas preparações devem ser administrados em jejum, porque são mais rapidamente levados na corrente circulatoria. Durante a digestão, serão modificados pelos acidos e materias amyladas e enfraquecidos na sua acção.

Os *acidos* são regularmente ingeridos entre os actos da digestão, a mucosa do estomago achando-se no estado mais favoravel á diffusão dos acidos no sangue; no caso de producção excessiva dos acidos do succo gastrico, administram-se antes da refeição.

Os medicamentos *irritantes* e *perigosos* devem ser tomados depois da refeição (arsenico, cobre, zinco, ferro, etc.).

O *nitrato de prata* antes da refeição.

Os *saes metallicos*, principalmente o *sublimado*, do mesmo modo que o *tannino* e o *alcool*, deverão chegar ao estomago em inactividade.

Os *phosphatos*, *oleo de figado de bacalhau*, *extracto a molt* serão tomados durante ou immediatamente depois da refeição, de modo a serem misturados aos outros productos de digestão.

(Journal de Ph. e Chimica.)

A.

VARIEDADES

Agradecimento. — A commissão que promoven, ou auxiliou quanto poude, um beneficio no theatro do Gymnasio, recorrendo para esse fim á philantropia dos membros da Sociedade e de outros cavalheiros, agradece por si, e em nome do interessado, a benevolencia com que foram acolhidos os seus pedidos.

Ao illustre actor Taborda, que da melhor vontade e o mais desprendido desinteresse se promptificou a coadjuvar a commissão, os nossos cordeaes agradecimentos.

D.

Consumo do marfim. — E' prodigioso. De 1879 a 1883, isto é, n'um periodo de quatro annos, só a Africa exportou em media, 848:000 kilogrammas; 364:000 vindos da costa oriental e 284:000 da costa occidental. Este numero enorme representa a respeitavel quantia de 3:600 contos approximadamente, e suppõe a morte de seis mil e quinhentos elephants, ao minimo, por anno.

Diz a *Gazeta Geographica*, de Paris, que os dentes do elephañte da costa occidental da Africa são mais elegantes e mais transparentes que os da costa oriental; mas estes ultimos são menos duros, mais brancos e mais opacos.

Alguns naturalistas têm citado dentes pesando 150 kilogrammas, mas o sr. Wastendarps, tão versado n'este assumpto, diz ter examinado em dezeseis annos mais de um milhão de dentes, tendo o mais pesado só 94 kilogrammas.

O marfim o mais bello, o mais fino e o mais macio, é o que provém de Panguani na costa oriental. O *marfim verde*, tão transparente, é oriundo da costa do Gabão.

Admittindo, uma destruição annual de seis mil e quinhentos elephants, que é espantosa e irá sempre crescendo, é de suppor que esta nobre e gigantesca raça de animaes estará extincta em poucos annos.

PEÇAS OFFICIAES

Extracto das actas das sessões

SESSÃO DE 11 DE DEZEMBRO DE 1888.—Presidencia do sr. DRACK ¹

Aberta a sessão pelas 8 horas da noite, foram lidas as actas das sessões de 9 de outubro e 20 de novembro do corrente anno, sendo approvadas sem discussão.

O sr. 1.º *secretario* leu a correspondencia, que se achava sobre a mesa, entre a qual figurava um officio da Associação José Estevão Coelho de Magalhães, pedindo a copia da acta da sessão em que se discutiu o parecer da commissão que reviu os preços do receitauario que a esta sociedade tinha sido enviado pela referida associação, bem como as *capetas* que o envolviam.

Depois de larga discussão entre os srs. Machado, Fragozo, Mattos Miranda e Mendes, deliberou a sociedade não enviar a copia da acta pedida e que as *capetas*, a que o officio se referia, eram da commissão que executou os trabalhos e apresentou depois o seu respectivo parecer.

Do sr. *João Gomes Coelho de Oliveira* recebeu-se tambem um officio, agradecendo os pezames que a mesa, em nome d'esta sociedade, lhe tinha enviado por occasião do fallecimento do seu tio.

O sr. *Mendes* mandou para a mesa a seguinte proposta, que teve primeira leitura.

«Attendendo aos continuados abusos commettidos por differentes individuos—annunciando e vendendo medicamentos sem que possuam o diploma de pharmaceutico—unico que concede taes direitos—proponho que se dê para assumpto de discussão o meio de os evitar.—O socio effectivo, *Antonio Manuel Augusto Mendes*».

Não havendo mais nada a tratar, o sr. presidente encerrou a sessão, eram 9 horas da noite, dando para ordem dos tra-

¹ Deixou de publicar-se esta acta na altura competente por lapso de revisão.

balhos: propostas, pareceres de commissões e eleições dos individuos para differentes cargos da sociedade. — O 2.º secretario, *D. F. da Silva Nogueira*.

SESSÃO DE 26 DE FEVEREIRO DE 1889.—Presidencia do sr. DRACK

A's 9 horas da noite abriu-se a sessão.

O sr. *presidente*, notando a falta do sr. 2.º secretario, convidou o socio Mattos Miranda a occupar esse logar.

Foi lida e approvada a acta da sessão antecedente. A correspondencia teve o devido destino.

O sr. *presidente* participou que, em attenção aos desejos da sociedade e dos seus proprios, fôra cumprimentar o illustre socio, sr. dr. Antonio Alves Ferreira, que da cidade do Rio regressára á Europa e se achava em Lisboa, onde se demorava algum tempo, antes de seguir em viagem de recreio e instrucção para França e outros paizes; que o illustre socio se mostrára muito perhorado pela estima da sociedade, por cujos trabalhos e prosperidade se tinha mostrado interessado, dizendo que aguardava o seu regresso a Lisboa para ir assistir a alguma sessão, e agradecer pessoalmente os cumprimentos que acabava de receber.

Em seguida procedeu-se ás eleições: de vice-presidente, sendo eleito o sr. João José de Sousa Telles; de bibliothecario, sendo eleito o sr. Duarte Ferreira; e de vogal da commissão de direito pharmaceutico, elegendo a assemblêa o sr. commendador José Tedeschi.

O sr. *Silva Machado* pediu para que a mesa officiasse á commissão de pharmacia, a fim de que ella dê conhecimento da sua opinião sobre os extractos fluidos; e bem assim á commissão de historia natural, para se saber tambem o seu parecer sobre uma amostra de resina que ha já bastante tempo lhe foi enviada.

O sr. *presidente* respondeu ao sr. *Silva Machado* que tomava na devida consideração o seu pedido, e que mandaria officiar n'esse sentido.

O sr. 1.º secretario, Emilio Fragoso, mandou para a mesa a seguinte consulta, que, sob parecer da assembléa, foi enviada á commissão de direito pharmaceutico.

1.º As dividas a pharmaceuticos por medicamentos e serviço profissional prescrevem?

2.º Prescrevendo, qual o tempo fixado na lei?

3.º E' prohibido ao pharmaceutico cultivar, para uso da sua pharmacia, alguns pés de tabaco?

Não havendo mais nada a tratar foi encerrada a sessão, eram dez horas e meia.—Pelo 2.º secretario, *Mattos Miranda*.

SESSÃO DE 12 DE MARÇO DE 1889.—Presidencia do sr. JOSÉ TEDESCHI,
presidente honorario

Foi lida e approvada a acta da sessão antecedente.

O sr. *Sousa Telles*, pedindo a palavra para antes da ordem da noite, fez a seguinte declaração:

«Recebi um officio do sr. 1.º secretario, no qual me participava ter-me esta *sociedade*, em sessão de 28 do mez passado, eleito seu 1.º vice-presidente.

Por motivos obvios aos que conhecem a historia da *Sociedade Pharmaceutica*, e que julgo desnecessario recordar agora, hesitei em acceitar aquelle cargo; porém, não querendo proceder de modo, que fosse menos conveniente, quer acceitando o, quer não, avistei me com o ex.^{mo} sr. José Mendes d'Assumpção, collega cujos elevados dotes todos os pharmaceuticos reconhecem e admiram e em cuja muita prudencia e probidade tenho illimitada confiança, e consultei-o sobre o caso, declarando-lhe que faria o que me aconselhasse.

Disse-me aquelle respeitavel collega, entre outras cousas, que omitto, que a *sociedade* desejava a minha cooperação no logar para que me elegera, e que eu, acceitando-o, lhe fazia um bom serviço.

Acceitei; e hoje venho agradecer a distincção immereci-

da, e declarar que prestarei a esta *sociedade* e á classe todos os serviços que for possível prestar-lhes.»

O sr. *Tedeschi*, em nome da sociedade, agradeceu ao sr. Sousa Telles a sua annuência em aceitar o cargo.

Não havendo mais quem quizesse fazer uso da palavra, entrou-se na

ORDEM DA NOITE

O sr. 1.^o *secretario* (*Emilio Fragoso*) fez a segunda leitura da seguinte proposta:

«Attendendo aos continuados abusos commettidos por differentes individuos—annunciando e vendendo medicamentos sem que possuam o diploma de pharmaceutico—unico que concede taes direitos—proponho que se dê para assumpto de discussão o meio de o evitar.—«O socio effectivo, *Antonio Manuel Augusto Mendes*.»

Não estando presente o auctor da proposta, suscitaram-se duvidas sobre se devia ou não addiar-se, mais uma vez, a sua discussão para outra noite, pedindo-se especialmente ao sr. *Mendes* a sua comparencia.

Fallaram favoravelmente os srs. *Fernandes da Cunha*, *Coelho de Jesus* e o sr. *Manuel Fernandes Pessoa*, que enviou para a mesa as seguintes propostas:

«1.^a—Proponho que se represente ao sr. governador civil para que as pharmacias não possam ter nas taboletas e rotulos nomes de individuos, que não sejam pharmaceuticos.»

«2.^a—Proponho tambem que se requeira ao sr. escrivão de fazenda ou, se tanto for preciso, ao sr. ministro da fazenda, para que sejam excluidos do caderno da contribuição industrial (classe dos pharmaceuticos) todos os que não tenham diploma.—O socio effectivo, *Manuel Fernandes Pessoa*.»

Para justificar a apresentação das suas propostas, referiu-se desagradavelmente o sr. *Pessoa* aos pharmaceuticos que cedem os seus diplomas a individuos sem curso—meros praticos— a fim de elles poderem ter botica aberta

ao publico. Que este estado de cousas, manifestamente illegal na sua opinião, não se devia permittir que continuasse, á sombra da indifferença da sociedade.

Que o que mais o escandalisava era o facto dos praticos — pseudo-pharmaceuticos — apresentarem publicamente os seus nomes em concorrência com os dos verdadeiros pharmaceuticos, illudindo assim o publico, que não podia distinguir uns dos outros. Que no largo da Graça, proximo á sua pharmacia, haviam mais duas, de individuos não pharmaceuticos, e ambas tinham nos rotulos e taboletas a designação de pharmacia de F. e F., que não passam de *ajudantes de pharmacia*.

O sr. Sousa Telles começou por declarar que a sua opinião — com respeito á primeira proposta do sr. Pessoa — era de que os individuos — não diplomados — não podiam abrir botica em seu nome, nem este podia figurar publicamente em rotulos, taboletas, etc., etc.

Que nas leis existentes devia haver prescripções applicaveis ao caso, que constitua manifesta affronta aos verdadeiros pharmaceuticos; mas, se não existissem claras e terminantes, entendia que se deviam pedir, porque com isso praticaria a *sociedade* um acto digno de elogio.

Que comprehendia a associação do capital ao trabalho para a exploração de qualquer commercio, como comprehendia a associação d'um pharmaceutico com um capitalista para a exploração do commercio pharmaceutico, mas este só devia dar-se, quando não fosse offender as leis no que ellas teem de razoavel e justo como garantia para a sociedade: o que não devia era permittir-se a pratica abusiva a que se tinha referido o sr. Pessoa.

Que tudo o que se dizia sobre abusos e infracções das leis de saude publica devia ser motivo para um relatorio, que servisse de base á discussão na *sociedade*, e, n'este sentido, propunha que fosse encarregada uma commissão de o elaborar, tomando muito em consideração as propostas dos srs. Mendes e Pessoa.

O sr. 1.º secretario começou por declarar que cir-

cumstancias muito especiaes o aconselhavam a guardar respeitoso silencio sobre as propostas apresentadas pelos srs. Pessoa e Mendes; mas tão estranhos lhe pareceram alguns dos argumentos adduzidos pelo talentoso orador, que acabava de fallar, o sr. Sousa Telles, que não podia permanecer indifferente, comquanto reconhecesse que era esta uma questão em que elle não entrava perfeitamente á vontade.

Que o sr. Sousa Telles, corroborando o que avançara o sr. Pessoa, tambem se mostrara favoravel á opinião dos que entendem que só o verdadeiro pharmaceutico pôde pôr o seu nome nos rotulos e taboletas das pharmacias; mas n'isto discordava, porque nas leis nada ha que cathegoricamente o preceitue, antes quando ella escreve — *administradores de pharmacia* — dá claramente a entender que as pharmacias podem pertencer a quem não tenha o diploma de pharmaceutico, embora tenha para todos os effeitos legaes quem possa represental-as.

Que o dizer-se n'um rotulo — pharmacia do sr. F. — não é o mesmo que dizer — o sr. F. é pharmaceutico — e todos sabem quanto importam estas differenças, sobretudo quando n'ellas se quer ver um ultrage á lei.

Que no direito commum qualquer pôde ser proprietario d'uma pharmacia: a lei o que quer é que ella não se abra ao publico sem ter quem legalmente a represente, e ninguém dirá que os *administradores de pharmacia*, estão isentos de responsabilidade só porque não são os proprietarios.

Que concordava no facto de ultimamente existirem mais pharmacias na capital nas condições d'aquellas a que se tinha referido o sr. Pessoa; mas que isso era uma consequencia da lei de 1882 — aliás liberalissima — que explicou o *exercicio pessoal* por fórma que satisfiz a classe, e que ella agradeceu com todo o enthusiasmo. Podia haver um outro abuso, mas que os beneficios que a lei trouxe aos pharmaceuticos eram importantissimos, porque os livrava das garras de qualquer auctoridade pouco escrupulosa no

exercício das suas funcções. A lei de 1868 acorrentava o pharmaceutico por fórma tal, que todos louvaram o acto da *sociedade* quando ella foi pedir a sua aclaração na parte em que tratava do exercicio pessoal; não era logico que fossemos agora reclamar contra ella pelo facto de haver um ou outro abuso. Que o grande mal não provinha da existencia d'uma ou outra *pharmacia* de individuo não diplomado; a outras causas se devia attribuir, figurando em primeiro logar a indifferença das auctoridades perante *as drogarias* e outras casas que vendiam e preparavam medicamentos.

Que em presença da liberdade exagerada que se estava dando em tudo que se referia á saude publica, não devia a *sociedade* ir envolver-se em questão com os *administradores de pharmacia*, muitos d'elles seus socios, deixando de lado, por falta de força e de apoio nas auctoridades, os droguistas e outros vendedores de medicamentos a retalho.

O sr. *Pessoa* mostrou-se admirado pelo que ouvira dizer ao sr. 1.º secretario de que *qualquer podia ter pharmacia*. Que elle entendia o contrario, d'accordo com o que já dissera da primeira vez que usara da palavra. Fazendo ainda outras considerações no mesmo sentido, e terminou por pedir que se apresentasse com urgencia o parecer sobre as propostas.

O sr. *Sousa Telles*, tornando a insistir na sua argumentação, explicou as razões que o levaram em 1882, como *presidente da sociedade*, a pedir a aclaração do que se devia entender por *serviço pessoal*. Fez ainda outras considerações a que replicou o 1.º secretario, encerrando-se em seguida o debate.

O sr. *Tedeschi*, *presidente honorario*, propoz á assembléa se ella queria ou não nomear já a commissão ou se queria esperar pelo sr. Mendes, para se tomar uma resolução definitiva.

Resolveu-se, por unanimidade, enviar as propostas a uma commissão, que ficou composta dos auctores das propostas e do sr. Alfredo da Silva Machado.—Pelo 2.º secretario, *Mattos Miranda*.

PHARMACIA

Chloral (HYDRATO DE)

Este composto apresenta-se sob a fôrma de crystaes prismaticos, rhomboidaes, brancos, em massas saccharvides. O seu cheiro chloroformado é picante e o sabor amargo.

Funde a 47°, ferve a 98° e volatilisa-se em seguida sem deixar residuo. Dissolve-se na quarta parte do seu peso d'agua fria, e é muito solúvel no alcool, ether e chloroformio.

Neutro ao papel de tornezol, não deve precipitar pelo nitrato de prata, nem desenvolver fumos brancos quando se lhe aproximar uma vareta de vidro molhada em ammonia. Tratado por um alcali, decompõe-se dando 72, 20 % de chloroformio.

Deve-se conservar em frascos bem fechados e ao abrigo da luz.

Pharmacologia. — Com o fim de disfarçar o seu sabor desagradavel, associa-se ao xarope d'assucar e a diversas materias aromaticas.

XAROPE DE CHLORAL (Follet)

Hydrato de chloral	60 gram.
Alcool 65°	50 »
Agua distillada	500 »
Assucar branco	420 »
Essencia d'hortelã	20 gottas.

Uma colher de sopa contem 1 gramma de chloral.

XAROPE

Hydrato de chloral	4 gram.
Glycerina	30 »
Xarope de framboezas	150 »
Essencia d'hortelã	25 gottas.

MISTURA

Gemmada.....	150 gram.
Hydrato de chloral.....	1 a 3 »

Para tomar por uma vez.

POÇÃO

Agua assucarada.....	150 gram.
Hydrato de chloral.....	1 a 3 »
Laranja exprimida.....	n.º 1

Para tomar por uma vez. Esta preparação dissimula melhor que nenhuma outra o gosto desagradavel do medicamento.

CLYSTER

Hydrato de chloral.....	4 ou 5 gram.
Gemma d'ovo.....	1 »
Leite.....	300 »

Para dois clysteres.

A adição das materias albuminoides tem por fim impedir a acção irritante do chloral sobre a mucosa intestinal e falicitar a sua absorpção.

SUPPOSITORIOS

Manteiga de cacáo.....	2 gram.
Espermacete.....	3 »
Hydrato de chloral.....	3 »

Estes suppositorios são irritantes e podem mesmo determinar a rectite; preferem-se geralmente os clysteres.

SOLUTO

Hydrato de chloral.....	4 gram.
Agua distillada.....	100 »

Para penso das feridas.

FORMULA CONTRA A COQUELUCHE (Lorez)

Hydrato de chloral.....	5 gram.
Agua distillada.....	150 »
Xarope de cascas de laranja.....	15 »

Uma a tres colheres pequenas segundo a idade da creança.

SOLUTO (Luigi Amici)

Hydrato de chloral.....	1 gram.
Glycerina	20 »
Agua.....	100 »

Na ulcera do estomago.

SOLUTO (Martineau)

Hydrato de chloral.....	30 gram.
Licor de Van-Swieten	100 »
Agua.....	500 »

Em loções contra a pytiriasis capitis.

(Nowv. Rem.)

A.



Eucalypto

O *Eucalyptus globulus* Labill, pertence á familia das Myrtaceas. E' originario da Australia, da Tasmania, e tem sido importado para a Europa, America, etc. As folhas, unica parte do vegetal que se emprega, são dimorphas. As dos vegetaes novos são oppostas, sesséis, ovas, cordiformes na base, obtusas no vertice, com bordos inteiros e um pouco desviados em baixo. Teem 10 a 15 centímetros de comprimento e 4 a 8 centímetros de largura na base. De um verde azulado quando novas, tomam mais tarde uma côr um pouco amarellada. As folhas das arvores mais velhas são pecioladas, falciformes e torcidas sobre o peciolo, de maneira que as faces são lateraes. O limbo é coriáceo, rigido, de 12 a 20 centímetros de comprimento e de 2 a 5 junto da base.

As folhas são cobertas de pontuações transparentes devidas ás glandulas cheias d'oleo-resina. Seccas, são quebradiças; frescas, possuem um cheiro balsamico forte sabor aromatico, resinoso, um pouco amargo, ardente, seguido d'uma sensação de frescura pronunciada e agradável.

Chimica.—As folhas contem nas glandulas um oleo es-

sencial, *Eucalyptol*, que se obtem por distillação com agua obtendo-se a parte que distilla entre 170° e 175°. Esta essencia apresenta uma ligeira colorisação amarellada, um cheiro vivo, penetrante, caracteristico. A sua densidade é de 0,903 a 8°. É dextrogyra, não se congela senão a -18°, muito pouco soluvel na agua, mais soluvel no alcool. Distillado em presença do anhydrido phosphorico, dá um hydrocarbureto C¹⁰ H¹⁶, a *Eucalyptene*. Segundo Adrian, Faust e Homeyer, o eucalyptol não contem oxygenio e será antes uma mistura de terebinthina e de cymene, oxydando-se rapidamente ao ar.

Pharmacologia.

ALCOOLATURA

Folhas frescas	1 parte
Alcool 90°	1 »

Macere por espaço de 10 dias. Passe, exprema e filtre.

XAROPE

Folhas seccas	100 partes
Agua distillada fervente	1:500 »
Assucar branco	q. s.

Junte 108 de assucar a 100 partes do liquido filtrado.

TINCTURA

Folhas seccas	100 partes
Alcool 80°	500 »

Macere durante 10 dias.

INHALAÇÕES

Oleo essencial d'eucalypto	5 gram.
Alcool 90°	25 »
Agua	100 »

Seis a sessenta gottas na diphteria laryngea.

Therapeutica.—As differentes preparações assim indica-

das empregam-se como febrifugo, como desinfectante na ozena, bronchite com expectoração abundante, catarrho uterino.

O oleo essencial é um antiseptico energico que se aconselha na diphteria, em inhalações contra a blenorragia, em injeções ou misturado com azeite, em fricções, contra o rheumatismo.

Podem-se impregnar com elle os tecidos leves que se empregam para abrir as feridas afim de evitar a infecção bacterianna.

Dóses e processos d'administração.—As folhas fumam-se em cigarros. O pó prescreve-se na dóse de 4, 8, 12, 16 grammas por dia, em 4 vezes, sob a fórmula d'opiata ou em *cachets* medicamentosos. A alcoolatura na dóse de 4 a 16 grammas por n'um vehiculo gommoso.

A dóse da tinctura é de 1 a 7 grammas em poção.

O infuso e o decocto empregam-se em dóses muito variaveis segundo as indicações.

A essencia bruta emprega-se a maior parte das vezes sob a fórmula d'emulsão com gomme arabica e agua, para injeções uretraes ou para loções. Interiormente, esta essencia emprega-se em capsulas, depois algumas gottas até 1 a 2 grammas.

O eucalyptol tem sido empregado em injeções rectaes nas affecções pulmonares, mas os seus effeitos não são favoraveis, e podem produzir muitas vezes irritação bronchica e principalmente intestinal.

Nouv. Rem.

Thymol

O thymol $C^{10} H^{14} O$, acido thymico, pertence á classe dos phenoes; encontra-se na essencia do tomilho, essencia da *Monarda punctata*, *Ptychotis ayowan*.

Para o obter, agita-se a essencia do tomilho com um soluto pouco concentrado de soda e precipita-se pelo acido chlorhydrico.

Apresenta se sob a fórma de laminas rhomboidaes transparentes e d'um cheiro suave, differindo um pouco do cheiro do tomilho, de sabor picante e apimentado. É pouco solúvel na agua ($\frac{1}{1000}$), mas muito solúvel no alcool, ether, acido acetico concentrado. Funde a 44° e ferve a 230.

Com os alcalis fórma combinações definidas, pouco estaveis, muito solúveis na agua. Dissolvido no acido sulfurico e addicionado de uma mistura d'acido sulfurico concentrado e de azotito de potassio, córa-se em verde, depois em azul.

O soluto alcoolico toma, em presença do perchloreto de ferro, uma colorisação esverdeada passando ao escuro.

E' um poderoso antiseptico e um antiputrido, cujos solutos são empregados em cirurgia como os do acido phenico.

Numa Campi aconselha-o para expulsar a tenia, empregando-o da maneira seguinte: de manhã, 30 grammas de oleo de ricinos, durante o dia 8 grammas de thymol em 12 doses, todos os quartos de hora, vinte minutos depois, 20 grammas d'oleo de ricinos. Convem administrar ao doente um cordial, cognac ou rum, para combater a acção depressiva do thymol.

SOLUTO AO MILLESIMO

Thymol	1 gram.
Alcool 90°	$\frac{1}{4}$ „
Agua destilada	995 „

Em loções, injeções, inalações.

(Nov. Rem.)

A.

Falsificação do spermaceti

Falsifica-se frequentemente o spermaceti com o acido stearico, fraude que se reconhece facilmente servindo-nos do seguinte processo: Funde-se uma certa quantidade de spermaceti n'uma capsula de porcellana, junta-se ammoniaco, agita-se por alguns instantes e deixa-se resfriar.

O acido stearico fórma então um sabão ammoniacal solúvel. Depois da solidificação do spermaceti, tira-se o sabão ammoniacal, decompõe-se pelo acido chlorhydrico e isola-se assim a acido stearico. Póde-se, por este methodo, verificar a presença de 1 p. 100 d'acido stearico.

(*Jour. de Ph. e chim.*)

A.

Trinitrina

A trinitrina (Nitroglycerina Glonoina, etc.), descoberta por Sobrero, de Turim, em 1847, é o ether nitrico da glycerina.

E' uma substancia oleosa, incolor ou ligeiramente amarelada quando é pura, inodora, de sabor adocicado, aromatica, d'uma densidade de 1.60. E' um pouco solúvel na agua, muito solúvel no alcool, ether, alcool methylico. A addição da agua precipita-a da sua solução alcoolica. A 100° decompõe-se produzindo vapores nitrosos. A uma temperatura mais elevada, detona com violencia, assim como pelo choque. Póde crystallisar, por um frio prolongado e toma, sob a influencia refrigerante de uma mistura de gaz carbonico solido e alcool, o aspecto d'um acido gordo.

Exerce sobre o systema nervoso uma acção analoga á do nitrito d'amyla, mas não deprime tão fortemente a pressão sanguinea, opera mais depressa e d'uma maneira mais duravel. Uma gotta lançada sobre a lingua, mesmo regeitada, é sufficiente para determinar uma violenta enxaqueca que persiste durante muitas horas.

A inalação dos vapores da trinitrina produz os mesmos efeitos. É um violento veneno para o homem.

Tem sido preconisada no tratamento das affecções aorticcas da angina do peito, nevralgia, asthma, cephalalgia, enjões do mar, doença de Bright. A sua acção explica-se pela congestão que determina sobre a circulação cerebral.

Pharmacologia e doses.

ALCOOLEO

Trinitrina,.....	1 parte
Alcool 90°.....	400 partes

Esta solução officinal serve para preparar a poção seguinte:

Solução alcoolica ao centesimo.....	30 gottas
Agua.....	300 gram.

Uma colher de sopa de manhã e de tarde.

Para injeções hypodermicas:

Solução ao centesimo.....	30 gottas
Agua distillada louro-cereja.....	10 gram.

A seringa contem 3 gottas de soluto ao centesimo de trinitrina.

PASTILHAS (Martindale)

Estas pastilhas, nas quaas a trinitrina está associada ao chocolate, na dóse de $\frac{1}{2}$ milligramma em cada uma, não se decompõem e possuem um sabor agradável. Uma pastilha em cada duas ou tres horas.

(Nouv. Rem.)

A.

Dosagem da emitina na raiz d'ipecacuanha

POR KERMELM.

Misturam-se 10 grammas de raiz finamente pulverisada com hydrato de cal e agua a obter uma pasta ralla. Secca-se este producto a banho-maria, reduz-se a pó e exgota-se n'um apparelho de deslocação com chloroformio fervente. Depois de evaporado o soluto chloroformico, que é quasi incolor, resta uma massa ligeiramente amarellada que é a emetina. Secca-se a 100° e pesa-se. Obtem-se em media 1,80 p. 100 d'emetina. Segundo M. Kremel, a emetina que dá o processo de Flückiger (exgotamento do pó d'ipecacuanha pelo chloroformio ammoniacal) é muito impura para que possamos servir d'este processo para fazer uma analyse precisa da raiz d'ipecacuanha.

A.

Conservação do chloroformio puro

Sabe-se que o chloroformio difficilmente se conserva no estado puro e que não tarda, sob a acção da luz, e carregar-se de productos de decomposição, entre os quaes dominam o acido chlorhydrico e o acido chloro-carbonico, este ultimo bastante perigoso por causa da sua acção deleteria sobre as vias respiratorias. M. Marty acaba d'indicar um meio de preservar o chloroformio puro d'estas alterações, ou pelo menos assegura a sua conservação durante um tempo mais longo. Este meio consistem:

1.º Conserva-o puro em frascos de vidro amarello, fechados a esmeril, bem limpos e perfeitamente seccos, da capacidade de 500 centimetros cubicos ou de um litro o maximo;

2.º Ajuntar ao chloroformio puro a millesima parte do seu peso d'alcool ethylico puro e absoluto.

Incompatibilidades dos antisepticos

Entre os antisepticos mais empregados em cirurgia e hygiene existem as seguintes incompatibilidades: entre o sublimado e o iodo;—o sublimado e o sabão;—o acido phenico e o iodo;—o acido phenico e o permanganato de potassa; o iodo e o sabão;—o acido salinatoco e o permanganato de potassa;—o permanganato de potassa e o azeite;—o sabão e a glicerina.

Os microbios dos mexilhões

São muito conhecidos os envenenamentos causados pelos mexilhões; não ha muito tempo, em 1885, que toda a população operaria de Wilhemshaven foi envenenada por estes molluscos. Foi a proposito d'esta epidemia que M. Virchow declarou que os symptomas d'estes envenenamentos estão incluidos no quadro nosologico da enterite; e M. Schimdt-

mann tambem demonstrou que estes phenomenos morbidos eram devidos a uma doenca dos mexilhões, provocada pela permanencia d'elles nas aguas estagnadas dos portos. M. Brieger conseguiu mesmo extrahir dos mexilhões suspeitos uma ptomaina excessivamente toxica, a que deu o nome de mytilotoxina, ptomaina que se encontra n'outros molluscos quando se sujeitam a putrefacção.

A questão estabelecida era saber se esta doenca não era bacteriana.

Já M. W. Granitz e Wolf haviam feito pesquisas n'este sentido, mas só conseguiram isolar dos mexilhões um microbio desprovido de qualidades pathogeneas; e M. Linder, por seu lado, tinha verificado nos mexilhões doentes, a presenca d'um numero consideravel de protozoarios, sem fornecer comtudo provas em favor da hypothese de natureza parasitaria da doenca.

M. Lustig obteve um resultado mais positivo; achou no figado dos molluscos que elle apanhou na agua estagnada dos portos de Genova e Trieste e que apresentavam todos os caracteres das especies venenosas—a sua ingestão causava a morte em doze a vinte horas aos animaes em experiencia, dois micro-organismos diferentes, um inoffensivo, outro pathogeneo. São estes dois bacillos bastante analogos e que se cultivam nos meios habituaes; mas o bacillo pathogeneo é o unico que dá ás culturas um cheiro nauseabundo.

Este ultimo bacillo, inoculado pela via sub-cutanea, ou injectado nas veias, mostra-se absolutamente inoffensivo; pelo contrario, introduzido pela via estomacal, nos coelhos ou nas cobaias, provoca, no fim de doze horas a dois dias, a morte d'estes animaes. O principal symptoma é uma diarrhea abundante; pela autopsia, encontra-se o bacillo no sangue do coração e no conteudo intestinal. Estes micro-organismos perdem comtudo rapidamente a sua virulencia, e as culturas velhas mais de seis dias são quasi inoffensivas.

Nos mexilhões sãos, apanhados em aguas puras e não

estagnadas, o auctor nunca encontrou o micro-organismo pathogeneo. Conclue então das suas pesquisas que os mexilhões venenosos alojam regularmente um microbio perigoso que produz nos animaes, nos quaes se inocula, todos os symptomas d'uma enterite; mas apresenta reservas sobre a questão de saber se é este mesmo bacillo a causa do envenenamento observado nos individuos que ingeriram os mexilhões doentes. E' esta uma questão que evidentemente não poderá ser decidida senão depois de se submeter a exame bacteriologico o sangue e os vomitos das pessoas atacadas. Mas como os mexilhões se comem geralmente depois de cosidos, pode tambem suppor-se que os accidentes não são produzidos pelo desenvolvimento dos microbios vivos, mas somente pela absorção dos productos toxicos elaborados no seu organismo pelos parasitas. N'uma palavra, é bastante provavel que as perturbações causadas pelos mexilhões doentes consistam antes n'um verdadeiro envenenamento pelas ptomainas d'origem microbianna, do que n'uma doença infecciosa propriamente dita.

(*Jornal de Ph. e Chim.*)

A.

NECROLOGIA

Roberto Duarte Silva—Embora tarde, independe-nos o doloroso dever de consignar n'este logar algumas palavras de saudade e consideração pelo passamento de um homem illustre, que, longe da patria, honrou o nome portuguez, elevando-o na esphera serena e emerita da sciencia.

Duplamente sympathico para nós, por isso que era pharmaceutico, Duarte Silva, deixou uma lacuna sensivel na sciencia, quando o seu brilhante talento, amadurecido pelo estudo, estava produzindo os mais bellos fructos do trabalho.

Poucos dias antes de chegar ao nosso conhecimento a triste noticia de seu fallecimento, e estando elle ainda vi-

vo, faziamos a sua apologia, rapidamente, na ultima sessão solemne d'esta sociedade.

Em 9 de fevereiro, passava elle d'esta para melhor vida, na rua Thenard, 6, pranteado pela familia e pelos amigos que o rodeavam.

Contava 51 annos, empregados constantemente na pratica do bem, e no estudo da chimica, sua sciencia predilecta.

Não é este o logar proprio de fazer a resenha dos seus trabalhos scientificos, que são muitos, e importantes; nem de traçar meudamente os lineamentos da sua vida; entretanto, digamos que os seus primeiros trabalhos originaes em chimica organica datam de 1867. anno em que apresentou á *academia das sciencias, de Paris*, uma memoria sobre os *ammoniacos compostos com base de amyla*, e esta mesma corporação conferiu-lhe em 1886 um premio de quatro mil francos (premio Jeker) pelo seu trabalho sobre *alcools e phenoos*, tendo-lhe elle offerecido já, além d'estes trabalhos, muitas outras memorias, que lhe obtiveram a consagração de sabio.

O sr. Friedel, ao pronunciar um sentido discurso de despedida junto ao feretro do finado, poz em perfeito relevo os nobres dotes do coração do seu amigo, chefe de familia carinhoso e exemplar, de costumes simples, meigo e bondoso por excellencia, que apenas repartia o tempo entre os deveres que o prendiam á familia e aos discipulos.

Duarte Silva, padecendo desde alguns annos, nem por isso affrouxou no trabalho, sobre posse, o que de certo lhe abreviou a vida.

Fallecendo em Paris, foi acompanhado á sua ultima morada pelo que ha de melhor no mundo, em sciencia, e mereceu bem esta homenagem espontanea e sincera. Dirigiu o seu saimento o illustre professor Friedel, que durante a vida lhe foi, mais do que mestre, amigo intimo, e companheiro de trabalho, tendo o seu nome laureado associado ao do nosso compatriota em mais de uma memoria.

Foi primeiramente professor de chimica na escola municipal de physica e chimica, de Paris, depois, professor

de chimica analytica na escola central de artes e manufacturas. Tinha já sido presidente da sociedade chimica de Paris, pertencia á academia das sciencias da mesma cidade, e á de Lisboa, era membro de outras sociedades scientificas, commendador de S. Thiago, e cavalleiro da Legião de Honra.

A nossa sociedade tinha-lhe conferido o diploma de membro benemerito em homenagem ás suas virtudes e ao seu saber. D'elle recebia sempre exemplares dos seus trabalhos.

Traçando estas singelas linhas, gostosos unimos o nosso humilde tributo de respeito e sympathia e condolencia aos dos seus amigos e admiradores.

D.

José Moreira Feio—Finou-se no vigor da vida, ou para fallar com mais propriedade, quando pela idade devia achar-se com todo o seu vigor.

Principiou a sua carreira em Coimbra, na pharmacia Sena, e aos dezoito annos veio para Lisboa, entrando ao serviço da pharmacia Azevedo, Filhos, depois de alguns dias de demora na casa Barral.

A sua aptidão, bom comportamento e assiduidade ao trabalho, valeram-lhe a estima e consideração da importante casa a que ligou o seu futuro, e d'onde jámais saiu.

Habilitado pharmaceutico em Coimbra, em 1882, tomou a seu cargo a secção de pharmacia da casa Azevedo, Filhos, passando mais tarde, por fallecimento de seu sogro, Francisco Azevedo, para a secção de drogaria, onde o substituiu, como socio e funcionario.

Em toda a sua vida, aliás curta, foi um trabalhador activo e exemplar. Sem reservas, e ás vezes arrebatado, na refrega do trabalho, era dotado de um bom coração e de qualidades apreciaveis, que lhe mereceram a estima de quantos com elle conviveram.

Quando grangeára já uma fortuna, que lhe permittiria o descanço, se o ambicionasse, a doença pertinaz que lhe torturava um pouco a existencia, feriu-o de morte para o roubar ao carinho da familia e dos amigos.

Descance em paz.

D.

PHARMACIA

A ergosterina

O sr. Tanret, em 14 de janeiro ultimo, communicou á academia das sciencias, de Paris, os seus trabalhos sobre um corpo até então mal estudado, e que tem andado confundido com a cholesterina animal e seus esomeros vegetaes, dos quaes differe, entretanto, pela composição.

O corpo em questão é a substancia crystallizada que reside na cravagem de centeio.

Para a isolar desloca-se a cravagem de centeio por muitas vezes o seu peso de alcool; distilla-se o liquido ethereo, que dá como residuo uma massa oleosa, com muitos cristaes, que se trata de enxugar com papel e se purifica com repetidas crystallisações, primeiramente em alcool alcalino para se purificar do oleo que os inquina, depois com alcool puro. O rendimento que se obtem é de 0,2/1000.

A ergosterina, nome proposto pelo sr. Tanret, é insolúvel na agua, solúvel no alcool, no ether e no chloroformio. Funde-se a 154°; é levagira, e tem de densidade 1,040.

A sua composição corresponde á formula $C^{52} H^{40} O, 2H^2 O^2$.

Oxida-se lentamente em contacto com o ar, adquirindo côr e cheiro. Esta alteração é rapida quando é submettida á temperatura de 100°.

Não é atacada por um soluto alcalino a ferver e concentrado.

E' um alcool mono-atômico como a cholesterina.

Tratada pelo acido azotico, faz-se amarella como a cholesterina; com o per-chloreto de ferro e o acido chlorhydrico adquire a côr de violeta tambem; mas o que permite distingui-la da cholesterina é a reacção do acido sulfurico.

Este acido dissolve completamente a ergosterina. O soluto agitado com chloroformio, fica quasi incolor, e pela evaporação obtem-se uma côr de violeta muito fraca, sendo necessario operar sobre uma qu antidade bastante notavel de materia.

O mesmo acido sulfurico concentrado c6ra de castanho (*brun*) a cholesterina sem a dissolver de todo, e o soluto, agitado com o chloroformio, passa para este a maior parte do producto c6rado, que se apresenta a principio amarello c6r de laranja, depois passa a vermelho e violeta. D.

Hamamelis Virginia

E' um arbusto da familia dos Saxifragaceas, que cresce abundantemente em quasi todas as partes dos Estados-Unidos, mas principalmente na Nova Inglaterra, Pensylvania, Virginia, e desde o Mexico ao Canad6.

A casca e as folhas frescas teem um cheiro caracteristico. O sabor 6 ao principio amargo, adstringente e deixa um gosto acre, depois adocicado com gosto persistente. S6o estas as partes do vegetal que se empregam em medicina.

Chimica. — A composi76o chimica 6 ainda desconhecida. Segundo Van-der-Esps, a casca contem materias cerosas, acido galhico, acido tannico, uma materia c6rante vermelha, cal, potassa, ferro e uma substancia aromatica. Ainda n6o se lhe encontraram vestigios d'alcaloide.

Segundo H. Guy, as folhas conteem uma materia cerosa, tannino e uma quantidade minima d'oleo essencial, ao qual a casca e folhas devem as suas propriedades.

Pharmacologia. — A prepara76o mais usada nos Estados-Unidos 6 o *extracto fluido*. Como o seu sabor 6 desagradavel, Guy recommenda a seguinte formula:

Extracto fluido	}	6a 50 gram.
Xarope de cascas de laranja amarga.		
Tinctura de baunilha		

Dujardin-Beaumetz indica uma outra formula d'extracto fluido, preparado por macera76o, que contem, al6m do oleo essencial, substancias tannicas.

A *Hazelina* 6 um verdadeiro hydrolato obtido com a casca

fresca. A tinctura d'este nome é preparada na America da maneira seguinte:

N.º 1

Casca.....	1 p.
Alcool	10 p.

N.º 2

Extracto d'hamamelis.....	1 p.
Alcool	1 p.
Agua	1 p.

N.º 3

Pó da casca.....	}ãa 50 gram.
» das folhas	
Alcool de 60º.....	500 «

A *Hamamelina* ou *Hamamelidina* da America é o extracto secco pulverisado. Tem côr avermelhada.

DECOCTO

Hamamelis	30 gram.
Agua.....	500 »

POMADA

Tinctura	3 gram.
Banba	30 »

MISTURA (Ferrand)

Tinctura d'hamamelis.....	20 gram.
Glycerina.....	60 »

Therapeutica.—A hamamelis é ha muito tempo um remedio popular na America para a cura das hemorrhoidas, mas só ha alguns annos tem sido estudada scientificamente, tanto na America como em França.

Esta planta não exerce nenhuma acção toxica mesmo em dôses elevadas; comtudo, segundo M. Campardon, al-

guns accidentes já se manifestaram com a administração de 20 gottas de tinctura em vinte e quatro horas. Parece não ter acção physiologica especial sobre o systema vascular, sobre as veias, nem sobre as arterias.

Sob o ponto de vista therapeutico, a sua acção é incerta; dá comtudo bons resultados em certos casos d'hemorrhoidas e, como hemostatico, a sua acção parece estar demonstrada em certas circumstancias.

Em resumo, a hamamelis não parece merecer o enthusiasmo, demonstrado pelos medicos americanos. Mas, bem que a sua acção especifica não seja bem real, póde ser empregada com successo nos casos indicados.

Dóses, processos de administração. — O extracto fluido americano obtido por distillação emprega-se na dóse d'uma colher de café de duas em duas horas durante o dia. A poção toma-se ás colheres de café, 4 a 10 vezes ao dia.

O extracto fluido indicado por Dujardin-Beaumetz prescreve-se ás colheres de café.

A hamamelina applica-se em pilulas na dóse de 5 a 15 centigrammas. Nos casos d'enterite chronica, Dujardin Beaumetz prescreve-a em pilulas contendo cada uma 10 centigrammas d'este extracto na dóse de 2 a 6 pilulas por dia.

O decocto toma-se aos copos.

Emprega-se tambem em injecções na leucorrhœa, corrimentos e em loções sobre as feridas de má natureza.

A pomada é usada no tratamento das hemorrhoidas, assim como os suppositorios feitos com:

Extracto alcoolico.....	0, ^{gr} 10
Manteiga de cacão	5 gram.
ou	
Hamamelina	0, ^{gr} 06
Manteiga de cacão	5 gram.

Segundo Campardon, a tinctura é o preparado mais recommendavel em vista da sua composição bem definida, na dóse de 5 gottas n'um torrão de assucar.

A tinctura das folhas a $\frac{1}{5}$ seria destinada para uso interno e a tinctura da casca a $\frac{1}{20}$ para uso externo.

E' preciso suspender a administração interior logo que o doente experimente um *frio interno* e tiver bocejos numerosos, hypersecreção das mucosas nasal e palpebral.

(*Nouv. Rem.*)

A.

Camphora monobromada

A camphora monobromada, brometo de camphora, obtém-se fazendo cair sobre a camphora pulverisada um filete d'agua bromada até que a camphora seja liquefeita. O balão que contem a mistura é em seguida aquecido a banho-maria e os vapores d'acido bromhydrico, de bromio e de camphora não decomposta são conduzidos para uma lixivia alcalina; a reacção faz-se entre 80° e 90° . Fica no balão um liquido alambreado, que se solidifica. Trata-se muitas vezes pelo alcool e faz-se crystallisar. A camphora monobromada apresenta-se sob a fórma de flocos em crystaes ou agulhas, em prismas incolores de base rectangular, a 3 centímetros de comprimento, inalteraveis ao ar. São duros e estalam sob os dentes. O seu cheiro, ao mesmo tempo camphorado e terebinthinado, é menos penetrante que o da camphora, mas menos volatil. O seu sabor um pouco amargo faz lembrar o da camphora e o da terebinthina de Venezuela. Funde a 77° e ferve a 274° .

Este composto é insolúvel na agua, um pouco solúvel na glicerina, muito solúvel no alcool, oleos fixos e volateis, ether, sulfureto de carboneo, chloroformio.

Dóses.—Emprega-se sob a fórma os confeitos, contendo 10 centigrammas cada um. A dóse é de 2 a 12 confeitos por dia.

INJECCÃO HYPODERMICA (Bourneville)

Camphora monobromada.....	3 gr.
Alcool.....	35 »
Glicerina.....	22 »
30 a 40 gottas em injeccão (Tetanos, epilepsia).	

Therapeutica. — A camphora monobromada faz baixar a temperatura e apresenta propriedades hypnoticas incontesteis.

(*New. Rem.*)

A.

A Lanolina na preparação dos suppositorios com extractos

O sr. Broutin, pharmaceutico em Somain, propõe o emprego da lanolina, adicionada ao estearoleo de cacão na proporção de 10/100 para a preparação dos suppositorios em cuja composição tenha de figurar algum extracto ou outra substancia soluvel em agua.

O sr. Broutin dissolve o extracto na quantidade de agua necessária; junta a lanolina ao soluto e mistura intimamente; junta depois o estearoleo previamente fundido e molda. Diz que obtem assim suppositorios muito homogeneos.

Iodoformio betuminado, de Chermann

E' um novo antiseptico, obtido pela mistura do iodoformio e do alcatrão, sob a fôrma de escamas escuras, de brilho metalico, transparentes e muito facéis de pulverisar.

Segundo o auctor, este producto não manifesta o cheiro do iodoformio; e o proprio cheiro do alcatrão só se percebe em grandes massas, podendo ainda assim ser disfarçado pelo styrax liquido em pequenissima quantidade.

O cheiro do iodoformio reaparece quando o producto é agitado com grande porção de agua.

Suppositorios com glicerina

Ha talvez dez annos, M. Santer, de Genova, preparou suppositorios ôcos, nos quaes se podia encerrar substan-

cias medicamentosas, taes como extractos, chloral, peptona, etc.

Hoje preconisa-se a applicação da glycerina por esta fórma, para obter o effeito laxante. A cavidade dos suppositorios pôde levar até dois grammas de glycerina sem perder a fórma e a consistencia, sendo fechada com um tampão de cacáo.

Ural

Novo hypnotico, que vem juntar-se á lista, já longa, d'esta ordem de agentes. Obtem-se dissolvendo o urethano no chloral.

Apresenta-se em cristaes, soluveis no alcool, pouco soluveis na agua, volatilizando-se sem se decompôr, e fundindo-se perto de 106 graus. E' amargo.

Segundo Poppi, que o tem experimentado, o ural é o hypnotico mais fiel e mais rapido de todos. Não provoca modificações na pressão sanguinea nem accidentes d'outra especie.

Prescreve-se com vantagem nas affecções cardiacas, nas doenças mentaes, hyscterismo etc. D.

Ensaio do sulphato de quinina,

PELO SR. BOHRINGER

Colloca-se em um balão pequeno e tarado uma gramma de sulfato cristalisado (correspondendo a 0^{gr},85 do sal completamente secco) e 35 centim. cubicos de agua distillada. Faz-se ferver e junta-se-lhe um soluto de 0^{gr},30 de oxolato neutro de potassa cristalisado em 5 centim. cubicos de agua. Eleva-se o peso total do liquido a 41^{gr},30 pela addição da agua, para isso necessaria; colloca-se o balão em b. m. a 20^o, agitando de tempo a tempo.

Depois de meia hora, filtra-se sobre um tampão de algodão de vidro e, a 10 centim. cubicos do liquido filtrado, junta-se uma gotta de soda caustica.

Se o sulfato é puro, não se percebe turvação alguma depois de alguns minutos.

HISTORIA NATURAL

BOTANICA

TABACO

O tabaco commum ou Nicociana ordinaria '(*Nicotiana Tabacum*, L.) é uma planta oriunda da America tropical, onde todavia não existe expontanea. Offerece os caracteres seguintes:

Planta annual, caule erecto, d'altura pouco mais ou menos um metro ou mais, folhas sesseis, semi-amplexicaules, muito grandes, inteiras, pubescentes, viscosas, verdes, brandas, ovaes-oblongas, acuminadas, as superiores lanceoladas; flores terminaes, dispostas em panicula; calice urceolado, persistente, com cinco lobulos estreitos, acuminados, deseguaes; corolla infundibuliforme, de tubo vasio, um pouco esverdeado e de limbo rosado; extendido, offerecendo lobulos largos, triangulares, agudos; estames encerrados, filetes aguçados, muito delgados, um pouco arqueados e antheras ovoides: ovario conoide, agudo, glabro; estylete glabro, cylindrico, terminado por um estigma convexo, um pouco bilobulado; capsula ovoide, apertadamente cingida pelo calice; sementes rugosas, muito pequenas, sub-arredondadas.

A nicociana ordinaria foi importada para França, por João Nicot, que lhe deu o nome. O nome de tabaco proveio da ilha de Tabago (Antilhas), onde os hespanhoes a encontraram pela primeira vez. Chamava-se tambem, antigamente, *Herva da rainha*, porque Nicot, então embaixador em Lisboa, enviou as sementes e o pó d'esta planta á rainha Maria de Médicis.

Parece que o tabaco foi em primeiro logar empregado

na Europa, como esternutatorio; depois, a exemplo dos indios da America, começou a ser fumado. O uso d'estas folhas foi considerado, com razão, como perigoso, e o seu emprego prohibido sob as penas mais severas. Comtudo, está de tal modo admittido, que actualmente ha poucos homens que tenham sabido preservar-se d'elle.

As folhas do tabaco são raramente empregadas em medicina. Administram-se algumas vezes sob a fórmula de decocto, seja exteriormente, contra a sarna, tinha e outras doenças de pelle, seja interiormente, em clysteres, contra o ileon, hernias estranguladas, as ascaridas, etc. É um medicamento narcotico-acre, que determina phenomenos d'irritação local mais ou menos intensos e que se deve usar com as maiores precauções.

Em fraca dose, o tabaco produz uma excitação ligeira e momentanea, seguida de fraqueza e de cansaço.

Em dose elevada, segundo uma observação de Tavignot, determina os symptomas seguintes: pallidez, entorpecimento, pupilla dilatada normalmente, respiração cada vez mais contrahida, intelligencia completamente annullada; a isto, juntem-se tremores convulsivos dos braços em primeiro lugar, das pernas e de todo o corpo em seguida, tremores que augmentarão progressivamente, durante seis minutos, e aos quaes succederá um estado de prostração extrema. A lethargia e a annullação de todos os membros terminarão com a agonia. A morte chegará em dôze minutos; não se produzem vomitos.

A acção toxica do tabaco é devida a um alcaloide chamado *Nicotina* e tambem a uma especie de oleo volatil *Nicotianina* ou *camphora* do tabaco. A *nicotianina* ($C^{23}H^{23}Az^2O^3$) é um principio descoberto por Hermstadt e que se separa da agua distillada das folhas do tabaco, sob a fórmula de crystaes aciculares, volateis, de sabor amargo; estes crystaes possuem o cheiro do tabaco, devido talvez á agua com que estão humedecidos. Distillada com a potassa, a nicotianina dá a nicotina. Assim se considera como formada por uma combinação de nicotina com um acido volatil.

Administrada só, determina espirros, cephalalgia, nauseas e vomitos.

A nicotina ($C^{10} H^{14} Az^2$) pertence ao grupo dos alcaloides volateis não oxygenados. Descoberta por Vauquelin, foi obtida pura por Posselt e Reimann. Existe, no tabaco, no estado de combinação com o acido malico. Schloesing prepara-a da maneira seguinte: lixivia-se o tabaco pela agua fervente; evapora-se depois o liquido á consistencia siroposa; retoma-se a materia com o dobro do seu peso d'alcool, evapora-se e trata-se o residuo por novo alcool; concentra-se o liquido e adiciona-se potassa e ether. A solução etherea tratada pelo acido oxalico em pó, forma oxalato de nicotina, que se decompõe pela potassa. A nicotina livre é novamente apanhada pelo ether, depois aquecida a banho-maria para expulsar o ether e, finalmente, distillada por uma corrente d'hydrogenio. Recolhe-se o que passa acima de 180° .

A nicotina assim obtida é um liquido volatil, incolor, oleaginoso, assás fluido, transparente, levogyra, de cheiro acre e de sabor ardente.

Possue uma reacção alcalina energica, um peso especifico de 1,027, e não crystallisa, mesmo a uma temperatura de -10° . O seu vapor tem a densidade de 5,607. Este vapor é de tal modo acre, que basta volatizar algumas gottas de nicotina, n'um quarto, para tornar a respiração muito difficil. Ferve com chamma branca, fuliginosa.

A nicotina é muito hygrometrica; exposta ao ar humido, pôde absorver duas vezes o seu peso d'agua; comtudo, collocada n'uma atmospherá confinada, cujo ar seja secco pela potassa, perde toda a sua agua de hydratação. Sob a influencia do ar e da luz, adquire uma colorisação escura e resinifica-se (?) pouco a pouco. Ferve entre 240° e 250° , mas altera-se ligeiramente, se não houver o cuidado de a distillar em presença do vapor d'agua ou melhor ainda n'uma corrente d'hydrogenio.

A nicotina é muito solúvel na agua, alcool, ether, pouco solúvel na essencia de terebinthina. A sua solução na

agua póde ser considerada como uma combinação, porque a potassa a precipita. A quente, dissolve o enxofre e não o phosphoro.

Os seus saes são muito deliquescentes e difficilmente crystallisaveis. Algumas vezes, o chloreto dobrado de zinco e de nicotina fornece crystaes volúmosos.

A solução aquosa de nicotina precipita em *branco* o bi-chloreto de mercurio, o acetato de chumbo, o proto e o bi-chloreto de estanho, os saes de zinco e o sulfato de manganez; este ultimo precipitado não tarda a escurecer ao ar. Precipita em *amarello-canario* o bi chloreto de platina e em *azul pallido* os saes de cobre; este precipitado redissolve-se n'um excesso de nicotina, dando um liquido d'um azul intenso, como o que tem logar com o ammoniaco. O precipitado branco, produzido nos saes de zinco, redissolve-se igualmente n'um excesso de nicotina. Esta base descora rapidamente o permanganato de potassa.

Muitos dos caracteres chimicos da nicotina pertencem tambem ao ammoniaco. Citamos algumas reacções caracteristicas, que não permitem confundir estes dois corpos.

A nicotina determina, nas soluções de chloreto d'ouro, um *precipitado amarello avermelhado*, muito solúvel n'um excesso de reagente; em eguaes circumstancias, o *precipitado fornecido pelo ammoniaco não se redissolve*.

O chloreto de cobalto dá, com a nicotina, um *precipitado azul, passando ao verde* e insolúvel n'um excesso de reagente; em egual caso, o *ammoniaco redissolve o precipitado e cora o liquido em vermelho*. Posta em presença dos acidos, a nicotina combina-se com o desenvolvimento do calor. O acido sulfurico concentrado e paro cora-a em vermelho vinhoso, a frio, e em côr de borras de vinho, a quente; por uma ebullicão prolongada, precipita-se uma mistura negra, desenvolvendo-se o acido sulfuroso.

Em presença do acido chlorhydrico, lança vapores brancos como o ammoniaco.

Este alcaloide é um veneno d'uma extrema energia. «Por qualquer via que se administre a nicotina, quer se introduza

no canal intestinal, sob a pelle, n'uma chaga, ou se lance ás gottas na conjunctivite, o animal é fulminado. Morre com convulsões excessivamente violentas. Os cavallos ficam n'um estado medonho e, bem que fiquem em pé com as pernas esticadas, estão como furiosos, empinam-se, deitam-se e apresentam movimentos desordenados. (Cl. Bernard).»

No homem, são sufficientes 1 a 3 milligrammas de nicotina para determinar accidentes toxicos graves e persistentes.

Dworzak e Heinrich, que se submeteram voluntariamente á intoxicação pela nicotina, descrevem do modo seguinte os efeitos que experimentaram:

Ao principio, sensação de queimadura na lingua e de secura na pharinge; salivação; depois, aphalalgia, vertigens, somnolencia, ouvir mal; visão indistincta; sentimento de extrema fraqueza e lipothymia; oppressão respiratoria, rosto pallido e alterado; mãos e pés frios; nauseas, vomitos, expulsão de flactuosidades; tenesmo; tremores nos membros e agitação forte em todo o corpo; espasmos convulsivos, principalmente dos musculos respiratorios; consecutivamente, a respiração torna-se difficil e inquieta; cada movimento respiratorio é composto d'agitações rapidas, de modo que o ar penetra no peito e sae em sobresaltos, por assim dizer. Estes terriveis accidentes, que pozeram os experimentadores n'um estado visinho do desespero, duraram por espaço de tres dias.

A acção da nicotina verifica-se nos nervos, musculos e principalmente no systema vascular. Se, emquanto que observamos ao microscopio a circulação capillar, n'uma membrana interdigital d'uma rã, a envenenarmos, veremos immediatamente produzir-se uma deplção do systema arterial, cujos vasos se apertam, de maneira a despejar-se completamente. O coração continua a bater ainda. Esta acção, sobre o systema arterial capillar, póde explicar a especie de tremuras, que vemos nos musculos, tremura ou agitação muscular que se produz quando, por meio d'uma

ligadura, se impede que o sangue chegue a um musculo.

Quando a dôse de nicotina é sufficiente para produzir um excesso d'acção, cada musculo torna-se a séde d'uma convulsão tal, que pôde ficar n'um estado tetanico permanente. A nicotina parece levar os musculos a um estado de contracção o maior possivel; estão duros e não se encolhem mais, sob a influencia do galvanismo. Depois da morte, os nervos e o coração parece terem conservado as suas propriedades; a galvanisação do pneumogastico conserva os movimentos do coração, que tem persistido.

Em fraca dôse, a nicotina actua sobre o coração e sobre os pulmões por intermedio do pneumogastico; a respiração é mais larga e mais accelerada; é principalmente abdominal e diaphragmatica e os seus movimentos podem attingir até 42 por minuto; as pulsações do coração são muito mais energicas e temos visto elevarem-a de 115 a 332.

O animal está fraco e titubeia; vomita: a terceira palpebra, completamente extendida, esconde dois terços internos e inferiores do olho, parecendo cego. Pouco a pouco os movimentos do coração e a respiração tornam ao estado normal. A nicotina parece actuar sobre o systema vascular, por intermedio do grande sympathico, cuja galvanisação produz os mesmos resultados; se, antes de ser administrada, cortarmos os pneumogasticos, não se observam perturbações na circulação, nem na respiração.

Em resumo, a nicotina produz: 1.º—aperto e deplção, do systema arterial; 2.º—contracção tetanica persistente dos musculos, contracção tal, que, depois da morte, a excitação galvanica não tem acção sobre elles.

O tabaco produz os mesmos resultados; é á sua acção então, sobre o systema vascular, que elle deve as propriedades diureticas observadas por Fowler, em seguida á sua administração, se o empregarmos em dôse fraca. Todas as plantas do genero *Nicotiana* parecem ser venenosas no mesmo grão.

O tabaco é usado diariamente sob tres fôrmas: *Tabaco*

de fumar; tabaco de cheirar; tabaco de mascar. Segundo a natureza de sorte a preparar, submettem-se as folhas a uma fermentação mais ou menos prolongada, que transforma em ammoniaco uma parte das suas materias albuminoides, que põe em liberdade uma porção da nicotina.

O tabaco de fumar contém menos nicotina que as folhas não preparadas. A combustão destroe uma parte do alcaloide, em quanto que a outra passa acompanhada d'um certo numero de productos novos, basicos ou acidos e dos quaes muitos possuem uma actividade ainda notavel. Todos estes productos são volateis; alguns são gazosos. Os principios alcalinos produzidos são: *pyridina* (C^5H^5Az), a *picolina* (C^6H^7Az), a *lutidina* (C^7H^9Az), a *collidina* ($C^8H^{11}Az$). Estas substancias determinam, como a nicotina, encolhimento da pupilla, espasmos, etc., mas com menos intensidade.

Os acidos sulphydrico e cyanhydrico, que existem algumas vezes no fumo do tabaco, encontram-se sempre misturados com acido carbonico e oxydo de carboneo. Este ultimo gaz, principalmente produzido pelo cachimbo, onde a combustão é incompleta, arrasta com elle a *pyridina*, que tem uma acção narcotica. Um bom charuto, que arde bem, fórma principalmente a *collidina*, alcaloide muito menos toxico. Fumar charuto, se não se mastigar, é então menos perigoso que fumar cachimbo. Mas, como a experiencia e a theoria demonstram que a nicotina produzida se condensa em parte na extremidade do charuto, onde são detidas tambem as materias pyrogenadas, segue-se: 1.º que não se deve nunca fumar um charuto até ao fim; 2.º que nunca se deve mastigar.

O tabaco de cheirar soffre uma fermentação mais demorada e contem menos nicotina: Schlsing a:hrou n'elle 2 0/0, em quanto que Vohl e Eulenberg teem achado pouco mais de 0,03 a 0,06 0/0, o que póde ser attribuido ao tabaco que era de fabricação allemã.

O uso do tabaco de cheirar determina phenomenos pouco mais ou menos exclusivamente locais; espirros, reacção

nasal, diminuição do olfacto, ás vezes catharro na pharynge. A sua ingestão no estomago provoca symptomas d'um envenenamento: na dóse de 2 a 4 grammas, pôde occasionar a morte.

O tabaco de mascar produz principalmente catarrho local e gastrico. O seu abuso parece determinar perturbações d'intelligencia.

O tabaco é reputado um excitante psychico; é um erro. O habito de fumar, contrahido por muitos operarios, parece ser antes uma mania, uma occupação toda mechanic do individuo, enquanto que o espirito se desliga do corpo, pensa, reflecte, compara, imagina.

(Trad.)

A.

FORMULARIO

Destruição dos pediculi pubis

O sr. Consuch, de Smyrna, prepara uma tintura mui efficaç, e incapaz de produzir os accidentes tantas vezes observados com o sublimado corrosivo, quando se quer destruir os *pediculi pubis*.

Eis a sua formula :

Pó insecticida, de primeira qualidade 250 gram.

Alcool 1 litro

Macere por oito dias, filtre e junte ;

Essencia de bergamota para aromatizar..... q. b.

Eno's fruit Salt

Segundo o *Pharmaceutical Record*, a composição d'este producto inglez é a seguinte :

Bi-carbonato de soda..... 468 gram.

Acido tartrico.....	150	»
Tartaro de soda.....	110	»

Chocolate purgativo de oleo de ricino

O sr. Giraud, filho, pharmaceutico de Dijon, para disfarçar o sabor desagradavel do oleo de ricino, prepara, malaxando em uma pedra de chocolate quente, e molhada convenientemente, a mistura seguinte:

Cacão em pó fino, privado da manteiga.....	50	gram.
Assucar em pó.....	50	»
Oleo de ricino.....	100	»
Baunilha.....	50	»

Póde dar se-lhe a fórma de pastilhas grandes, de modo que com tres ou seis se purgue uma creança.

Soluto contra as sardas

Leite virginal.....	50	gram.
Glycerina.....	30	»
Acido chlorhydrico medicinal.....	5	»
Chlorhydrato de ammoniaco.....	4	»

Tocar as sardas pela manhã e á noite com um pincel embebido no soluto. D.

VARIETADES

Um diamante muito duro. — Os srs. Tiffany e C.^ª, joalheiros em New-York, enviaram á academia das sciencias da mesma cidade, em 1888, um diamante absolutamente refractario ao polimento. Subjeito durante cem dias ao movimento de uma roda, que dava 28:000 voltas por minuto, saiu d'esta prova sem que o seu aspecto soffresse modificação.

NECROLOGIA

A classe pharmaceutica portugueza acaba de soffrer uma perda importante e, especialmente, esta sociedade, um dos seus membros mais prestimosos, que ella tinha na mais alta consideração, por todos os titulos, que muito o recomendavam a sua estima e respeito.

Em 15 de maio, e quasi repentinamente, o nosso respeitavel collega e illustre consocio Manuel Vicente de Jesus, passou d'esta para melhor vida, dois ou tres dias depois de um insulto apoplectico.

Havia talvez dois ou tres annos que todos os seus amigos notavam n'elle o profundo quebramento que o invadia, e uma tristeza, que fazia notavel contraste com a sua proverbial vivacidade de outr'ora. Era o aproximar lento, mas constante e inflexivel, da hora cruel que fatalmente nol-o havia de arrebatár.

Manuel Vicente de Jesus, filho de outro pharmaceutico, do mesmo nome, que foi estabelecido em Abrantes, de onde ambos eram naturaes, n'esta mesma villa encetou o exercicio da pharmacia, e o estudo dos preparatorios, com que veio para Lisboa, ainda novo bastante.

Com pouca bagagem litteraria, mas cheio de vida e de aspirações nobres, o novel estudante, entregue aos cuidados do nosso fallecido consocio José Ferreira da Silva, de Arroios, em casa d'este esclarecido collega completou o seu tirocinio pratico e adquiriu o curso da escola de pharmacia, com notavel aproveitamento, e classificação de *distincto*, para logo em seguida se estabelecer no Largo do Rato, onde exerceu a profissão com esplendor, em todo o resto da sua vida.

Vita brevis, ars longa—era a divisa da pharmacia de seu pae; e bem se pôde dizer com propriedade, que n'estas poucas palavras se synthetisava o seu destino, porque, fallecendo aos 62 annos de idade, viveu realmente pouco, em vista do muito que trabalhou.

Pertencia ao numero dos raros, a quem o tempo, por bem e methodicamente repartido e aproveitado, dá para tudo.

A sua pharmacia, bem disposta, cheia de luz e graciosa, como que reflectindo a alegria e o bom humor de quem a dirigia, sem luxo pesado, que deslumbra e seduz aquelles que tão sómente se deixam arrastar pelas apparencias, era uma das primeiras casas da capital, pela pontualidade, esmero e sciencia sã com que todo o seu serviço era executado e, n'este ponto, em parte nenhuma excedido.

Manuel V. de Jesus, não sacrificava absolutamente nada á ambição dos lucros: estes sabia-os elle tirar do seu trabalho honrado e independente, que tanto o nobilitou e engrandeceu.

Illustrado e bom conversador, a sua companhia era muitas vezes procurada, e sempre acolhida com aprasimento: o seu conselho escutado com attenção.

Se os labores de sua casa e, especialmente, a industria das pilulas de Blancard, o affastaram desde alguns annos do serviço activo d'esta sociedade, onde outr'ora fôra trabalhador assiduo e muito prestavel, ainda assim, em tempo algum a abandonou de todo; e no proprio testamento consignou clara e publicamente o reconhecimento que lhe tributava, e a sua profunda adhesão aos esforços que esta instituição tem empregado pelo progresso e bom nome da classe que representa.

Pertencendo a uma pleiade, tão pouco nomerosa como verdadeiramente illustre, de pharmaceuticos saídos dos bancos da escola d'esta cidade, e homem de pulso, inaugurou gloriosamente entre nós a concorrência aos productos pharmaceuticos de industria estrangeira.

Recaindo a sua attenção sobre um medicamento que então gosava de grande voga, e de não facil preparação — as pilulas de Blancard; pratico habil e experimentado, de tantos cuidados se cercou, que lhe foi facil supplantar de prompto as proprias pilulas preparadas por Blancard, as quaes em coisa alguma offereciam vantagem sobre as

suas, sendo apenas algum medico afrancezado ou algum collega mal avisado quem recommendavava aquellas, de preferencia as de origem portugueza.

Concorreu, com justo fundamento, o que nem sempre succede, a varias exposições, onde obteve as merecidas distincções a que o seu talento e trabalho aprimorado lhe davam incontestavel jus.

Já depois de estabelecido, o seu amor á sciencia levou-o a ser preparador de chimica, por alguns annos, na escola polytechnica, quando a respectiva cadeira geral era regida pelo professor Visconde de Villa Maior, ou pelo professor José Alexandre Rodrigues, dos quaes era amigo intimo, principalmente d'este ultimo.

Cooperou com ambos estes professores em varios trabalhos de analyse chimica, principalmente com José Alexandre, na commissão de chimica d'esta sociedade, da qual ambos fizeram parte por muitos annos, conjunctamente, e da qual o nosso collega, que agora pranteamos, se retirou muito mais tarde.

Foi tambem redactor assiduo d'este jornal por muito tempo; além do que, exerceu os cargos de primeiro e segundo secretario da sociedade, e fez parte de muitas commissões os relatorios de algumas das quaes illustram este jornal, e foi director da commissão de physica n'estes ultimos annos.

Nunca exerceu actos publicos officiaes, para os quaes por mais de uma vez foi instado pelos seus amigos.

Completamente desprendido do desejo de figurar, e tão modesto como digno e illustrado, jámais aceitou a presidencia d'esta sociedade, que por mais de uma vez, e instantemente, lhe foi offerecida, embora para tanto e muito mais lhe sobrasse a competencia, em toda a extensão da palavra.

Ao traçar estas linhas, recordâmo-nos com viva saudade de o termos ouvido fallar serenamente, com elevação de phrase, e verdadeira sciencia, em uma questão que ficou celebre nos annaes d'esta sociedade — *Umam amostras de café de Cabo Verde*, sobre cujo valor se pediu a opinião da sociedade.

Manuel Vicente de Jesus tinha dotes de crador; possuia *verve*; a palavra saia-lhe facil e apropriada e, na questão que acabamos de recordar, podemos dizer affoutamente que foi dos primeiros, senão o primeiro, pelo modo como se conduziu na discussão.

A sua dedicação pelo trabalho permittiu-lhe legar á familia, que estremecia, além de um nome respeitado, uma fortuna que lhe proporcionará o bom estar.

Associamo-nos do coração, por dever de *sympathia*, á dôr que persegue sua estremosa esposa e seus filhos, bem como todos os seus numerosos amigos e, curvando-nos reverente perante a memoria de tal veneravel cidadão, apraz-nos sobre modo poder-lhe prestar o nosso culto sem vislumbre de favor.

O seu cadaver saiu da igreja de Santa Isabel para o cemiterio dos Prazeres, acompanhado por um sequito numeroso de amigos dedicados, e foi depositado no jazigo de familia entre lagrimas e vistosas corôas de flores, como derradeira homenagem de pura amizade de uns, e de entranhada gratidão de outros, por que o finado foi em vida amparo certo e protector de muitos parentes e necessitados. Por isso baixou á campa coberto de saudades e de benções.

JOSÉ RIBEIRO GUIMARÃES DRACK.

Ao nosso consocio Oliveira Abreu — damos tambem os nossos sentidos pesames, n'este logar, pela perda irreparavel que soffreu, com o fallecimento de sua estremosa mãe, a qual, apesar da sua idade avançada, lhe deixou no coração um vacuo, que não pôde ser preenchido. A virtuosa senhora contava 86 annos de idade.

Ao nosso amigo Narciso José de Oliveira, irmão do nosso dedicado e valioso collaborador n'esta redacção, e a todos os mais parentes, o sentimento da nossa condolencia.

D.

PEÇAS OFFICIAES

Extracto das actas das sessões

SESSÃO DE 9 DE ABRIL DE 1889.—Presidencia do sr. DRACK

A's 9 horas da noite abriu-se a sessão.

Foi lida e approvada a acta da sessão antecedente.

A correspondencia teve o devido destino.

ORDEM DA NOITE

O sr. 1.^o secretario (Emilio Fragoso) leu o seguinte parecer:

Senhores:—Ha um quarto de seculo figurava na lista das questões postas a premio por esta sociedade a seguinte: *Causas da decadencia da pharmacia entre nós, e meios de as evitar ou destruir*. Posteriormente, um nosso mui digno presidente, illustração da classe pharmaceutica, mencionando essa questão no discurso da sessão anniversaria, apontava judiciosamente como uma das principaes causas da decadencia da pharmacia entre nós a *falta de policia pharmaceutica*, e pedia, como meio de a evitar ou destruir, a *vigilancia das auctoridades para que as leis se cumprissem*. Effectivamente o *charlatanismo*, que, sob diversas fórmias, está desde muitos annos acclimado *n'este jardim da Europa*, graças ao *dolce far niente* das auctoridades, é um dos maiores flagellos que affectam a pharmacia portugueza.

Para o debellar tem-se pedido muitas vezes o auxilio d'esta sociedade e outras tantas se tem ventilado larga discussão ácerca da therapeutica a empregar. O mal continuou porém a progredir sempre, augmentando tambem progressivamente o definhamento da nossa classe. A espoliação dos legitimos interesses dos pharmaceuticos é actualmente feita, vós o sabeis, por *quantos se julgam no direito de se arvorar em fazedores e vendedores de medicamentos*. E a sua audacia chega ao ponto de annunciarem e recommendarem com pomposos réclames nos jornaes as

moxinifadas que manipulam, logrando assim o povo e roubando as *pharmacias* legalmente estabelecidas.

Ha já muitos annos alguém descreveu o exercicio illegal da *pharmacia* entre nós da seguinte maneira :

«Aqui é o droguista que, sem habilitações scientificas, sem tirocinio pratico, sem responsabilidade legal effectiva e sem moralidade apreciavel invade a esphera das attribuições do *pharmaceutico*, transformando as substancias medicamentosas em *pseudo* medicamentos, que vende por preços enormemente grandes, se no calculo fizermos entrar o *modo* e os *elementos* que compozeram o preparado abusivamente vendido.

Ali é o homem ao qual a lei nega uma carta de *pharmaceutico*, que, arrogando-se um titulo que não possui, affectando uma sciencia que é incapaz de comprehender, usurpando direitos que não lhe assistem e cobrindo-se atraz de alguém que negoceie o seu diploma de homem de sciencia, prejudica duplamente a nossa arte, porque acarreta a desconsideração sobre a classe em que é intruso, porque affecta os interesses dos que a compõem.

.....

Acolá é o curandeiro, a mulher de virtude, e os filhos de Hahnemann, que preparam e vendem os *pseudo* medicamentos com que tentam preencher as indicações que as suas veias charlaticas lhes suggerem.

Além são esses ominosos contractos em que, com manifesto desprezo da lei e com profundo esquecimento pe a moralidade, se ajustam e arrematam por uma dada, prefixa e insignificante quantia, os medicamentos que hajam de ser necessarios para uma certa fabrica, para uma certa classe, etc.

A todos estes abusos, a todas estas inconveniencias, a todos estes escandalos, junta-se um outro, que constitue o opprobrio da *pharmacia*, — os *preparados de formula secreta.*»

E esta discripção, sendo antiga, parece hodierna, o que mostra que hoje, como então, não ha quem vele pelo cum-

primento das leis. Se o legitimo exercicio da pharmacia não recebia das auctoridades toda a protecção legal durante o regimen do conselho de saude, que havia surgido das ruinas da commissão de saude publica, 3 de janeiro de 1837, com o regimen creado pela chamada lei do bispo a pharmacia ficou ainda em peor situação; porque, ao passo que a lei de Passos Manuel commettia todas as deliberações sobre as cousas de saude, e respectiva fiscalisação, a funcionarios technicos que tinham a sua esphera de acção independente da policia, depois da lei de 1868 os technicos são apenas consultados, quando apraz ao governo e ás auctoridades, que regulam unicamente a sua maneira de proceder pelas conveniencias eleitoraes. De fórma que com a extincção do conselho de saude e criação da junta consultiva realisou-se, na parte concernente á policia pharmaceutica, o antigo proverbio popular—*depois de mim virá quem bom me fará.*

Qual deverá ser portanto agora o meio empregado por esta sociedade para fazer despertar as auctoridades policiaes da sua criminosa indifferença?

O que se nos afigura mais exequível e consentaneo com as praxes seguidas aqui, embora de efficacia duvidosa, consiste em—representar á auctoridade superior do districto, para que ordene aos seus subordinados o exacto cumprimento das leis de 3 de dezembro de 1868 e 13 de junho de 1882.

Talvez pareça illogico este alvitre como remate da nossa exposição; mas quem attentar bem nas circumstancias em que se encontra a sociedade pharmaceutica convencer-se-ha que é o unico realisavel. Demais, nós queixamo-nos da inercia das auctoridades, sem comtudo pôrmos em duvida o resultado da sua acção quando queiram intervir, pois estamos convencidos que se ellas acordarem e fizerem observar, sem sophismas, os artigos d'aquellas leis sobre o exercicio da pharmacia, deixarão de existir os abusos mencionados nas propostas que deram origem a este parecer.

Lisboa e sala da commissão da sociedade pharmaceutica lusitana.—Antonio Manuel Augusto Mendes.—Manuel Fernandes Pessoa.—Alfredo da Silva Machado, relator.

Feita a leitura do *parecer*, usou da palavra, para questão previa, o socio Mattos Miranda, que pediu para serem lidæs na mesa as propostas do sr. Pessoa, extranhando que ellas não tivessem sido transcriptas, affastando-se assim o sr. relator do que elle considerava as boas praxes.

Consultada a assembléa, resolveu affirmativamente, lendo-se em seguida as propostas:

«1.^a—Proponho que se represente ao sr. governador civil para que as pharmacias não possam ter nas taboletas e rotulos, nomes de individuos que não sejam pharmaceuticos.»

«2.^a—Proponho igualmente que se requiera ao sr. escrivão de fazenda, ou, se tanto for preciso, ao sr. ministro da fazenda, para que sejam excuidos do caderno da contribuição industrial (classe dos pharmaceuticos) todos os indeviduos que não tenham diploma.»

«O socio effectivo

Manuel Fernandes Pessoa.»

O sr. 1.^o secretario (Emilio Fragoso) começou por estranhar— a exemplo do que já fizera o socio Mattos Miranda— que a commissão não mencionasse no *parecer*, que estava sobre a mesa, as propostas que lhe deram origem. Era uma falta importante, mas se era irreparavel, pedia ao menos ao sr. segundo secretario que as transcrevesse na acta da sessão e antes do *parecer*, para que todos os socios pudessem formar opinião sobre o modo como a commissão as tinha apreciado.

Na sua primeira proposta, queria o sr. Pessoa que a sociedade representasse ao sr. governador civil contra o facto de algumas pharmacias, de individuos sem carta de pharmaceutico, usarem nas taboletas, nos rotulos, etc., os seus

nomes, fazendo-se assim passar aos olhos do publico por *verdadeiros* pharmaceuticos, o que o sr. Pessoa considera uma illegalidade, por contrariar as disposições do decreto de 3 de dezembro de 1868—lei de saude. A commissão, ou o sr. relator, fugindo, talvez, por calculo, á apreciação d'esta proposta, nada dizia a seu respeito no *parecer* que se discute, de modo que a *sociedade* se encontrava hoje, como no dia em que o sr. Pessoa apresentou a sua proposta, nas mesmas circumstancias, isto é, sem saber como havia de proceder. Bem sabia que o assumpto, por qualquer lado que fosse considerado, não era nada sympathico; mas a commissão devia ser menos meticulosa, e, importando-se mais com a sua consciencia do que com o que cada um julgasse a seu respeito, devia vir dizer, clara e cathegoricamente, se a *sociedade* devia ou não representar contra o que se classifica como um abuso. Pela sua parte repetia hoje o que já dissera na occasião em que o sr. Pessoa apresentou a sua proposta, que a considerava insustentavel perante o direito de propriedade, sendo sua opinião que a *sociedade* não podia convencer o sr. governador civil de que só ao pharmaceutico era licito ser proprietario d'uma pharmacia. Onde a lei não prohibia, ninguem, por simples considerações *à priori*, embora accetaveis no campo dos bons principios, o podia prohibir, e o primeiro a defender esta doutrina seria o sr. governador civil, se a *sociedade* lhe apresentasse um requerimento no sentido da proposta do sr. Pessoa.

Lembrava que ha annos se levantou uma questão semelhante em França, e o seu governo, consultado pelo individuo que desejava possuir uma pharmacia, embora não tivesse diploma de pharmaceutico, respondeu-lhe nos seguintes termos:

«Recebi a pergunta que me fizestes a 31 de março, a fim de obter auctorisação de fazer reger por um pharmaceutico legalmente estabelecido em França, e *responsavel*, a officina que estabeleceste na praça de...

Não vos é precisa *uma auctorisação particular* para esse effeito, *porque só pedis o que é conforme á lei.*

Pelo ministerio—*Eduardo Blanc.*»

A doutrina do ministro francez é corrente nos paizes latinos, em que o direito de possuir uma *pharmacia* é extensivo a qualquer cidadão. O que a lei impõe lá fóra como aqui—para os effeitos da sua applicação no interesse publico—é a obrigação de ter como rasponsavel um *pharmaceutico*. Quando a nossa lei empregava simultaneamente as palavras—*pharmaceuticos* e *administradores de pharmacia*—estabelecia de modo claro a distincção entre uns e outros. Os *administradores de pharmacia* devem possuir tambem o diploma, logo a distincção fez-se porque o legislador sabia que, pelo direito geral do reino, qualquer individuo podia possuir uma *pharmacia*. Se assim não fosse, não sabia para que fazer aquella distincção, quando todos são *pharmaceuticos*.

E tanto a commissão estava convencida da verdade d'esta doutrina, que o seu *parecer* nada dizia a tal respeito, limitando-se unicamente o sr. relator a dizer *que se represente ao governador civil para que ordene aos seus subordinados o exacto cumprimento das leis de 3 de dezembro de 1868 e 13 de julho de 1882*, o que elle approvava, porque o sentido generico d'este pedido abrange verdadeiros abusos, que desejava ver extinguir d'uma vez para sempre, porque os considerava muito perniciosos á classe *pharmaceutica* e attentatorios da dignidade dos diplomas conferidos nas escolas do reino.

Abuso chamava elle, orador, ao que se fazia no ministerio das obras publicas com a concessão de privilegios a medicamentos de formula secreta e não secreta.

N'aquelle ministerio concede-se, sem respeito pela lei de saude—a lei especial que regula os privilegios a medicamentos—privilegio a todas as *moxinifadas* que ali se apresentam, e levam o desplante até o ponto de concederem privilegios a medicamentos preparados por droguis-

tas, o que é contra todas as leis que regulam o assumpto, podendo até classificar-se, sem receio de lhe chamarem violento, como uma das maiores immoralidades, que á sombra do Estado se está commettendo.

Abuso chamava elle ao que os droguistas estão fazendo sem receio de especie alguma, porque sabem o paiz em que vivem—quando vendem avulso o *sulfato de quinina*, dividido em papeis; os solutos de *citrato de potassa e de magnesia*, o *alcool camphorado* de mistura com o *linimento camphoro-opiado*; os solutos de *iodetos e brometos alcalinos*, os *oleos medicinaes*; etc., etc., para não cansar mais a assembléa com a repetição de cousas, que a maioria dos que o escutavam conhecia muito melhor do que elle.

Era para estes abusos que elle desejava ver voltadas as atenções da *sociedade*, e não para meia dozia de pharmacios, que ha em Lisboa nas condições apontadas na proposta do sr. Pessoa; quando á sua frente, uns por interesse proprio, visto não terem capital para se estabelecerem outros por sentimentos elevados e nobilissimos, se vêem na situação de cobrirem com a sua responsabilidade o trabalho de individuos que lhes merecem plenissima confiança, e por quem estão promptos a sacrificar todas as honrarias, adquiridas á custa de persistentes esforços e dedicação pela *Sociedade Pharmaceutica Lusitana*.

O sr. *Fernandes Pessoa* estranhou a defeza que o sr. *Fragoso* acabou de fazer dos individuos estranhos á classe. Parecia-lhe, que se o publico tivesse conhecimento dos individuos que estão á frente d'algumas pharmacias, por certo as auxiliaria menos do que o faz actualmente. Julgava, portanto, de interesse para a *classe* e para o publico, que as pharmacias não tivessem os nomes dos seus proprietarios, quando elles não fossem pharmaceuticos.

O sr. *Silva Machado*, relator do parecer, julgava que a *sociedade* tinha rasões de sobra para representar ao sr. governador civil contra os abusos que se commettiam no exercicio da profissão. Em resposta ao sr. *Fragoso*, sustentou a illegalidade com que os individuos, não pharmaceu-

ticos e proprietarios de pharmacias, põem os seus nomes nos rotulos, taboletas, etc. Lamentava que o sr. Fragoso, em nome da liberdade, sustentasse principios que elle considerava mal applicaveis no caso que se discutia.

Referindo-se ao que se passava fóra do paiz, leu o que se passou na Belgica a respeito d'um processo em que um individuo, não pharmaceutico, foi condemnado por estar á frente d'uma pharmacia em que o responsavel pouco se demorava, não exercendo a vigilancia que as leis exigem.

O sr. *Sousa Telles* começou por sentir que o parecer transcrevesse uma apreciação sobre o systema medico denominado homœopathico, quando sobre elle já passaram tantos annos: que actualmente, taes palavras, embora de responsabilidade d'um antigo presidente da *sociedade*, podiam ferir susceptibilidades, parecendo-lhe, portanto, de grande conveniencia que ellas fossem eliminadas. Declarava que não era partidario do systema homœopathico; mas que a *sociedade*, como sociedade, é que não podia hoje envolver-se em apreciações que não deve sancionar, porque não tem auctoridade bastante em questões que são exclusivamente medicas.

Sobre o assumpto que tão largamente tinha sido tratado pelo sr. Fragoso, diria hoje o que mais d'uma vez tem dito na sociedade, quando ella o discutiu em outras occasiões; o pharmaceutico póde pedir auxilio ao capital para a montagem d'uma pharmacia, o que a lei quer é que elle seja o responsavel por todo o trabalho profissional, exercendo activamente vigilancia sobre o que n'ella se faça. Até aqui estava d'accordo com o sr. Fragoso, no que discordava, era no modo como elle encarava a outra questão, que com esta se acha intimamente ligada; a do nome nas taboletas, rotulos, etc. Era sua opinião que o pharmaceutico não podia declinar no proprietario da pharmacia a apparente responsabilidade, que envolvia a indicação do nome d'elle no rotulo, taboleta, etc., etc., parecendo-lhe, portanto, producentes, os desejos do sr. Pessoa, em-

bora o parecer da commissão seja omisso a tal respeito, não instruindo mesmo a *sociedade* com a letra da legislação que o sr. relator considerava applicavel ao caso.

Fez ainda outra ordem de considerações, terminando por declarar que, no estado actual da sociedade portugueza, ha de ser difficil, para não dizer impossivel, extirpar os cancos da pharmacia.

O sr. *Mattos Miranda* manifestou a opinião de que, no proprio diploma de pharmaceutico está a garantia de só elle poder exercer legalmente a pharmacia.

Respondendo ao sr. Sousa Telles, na parte em que este criticou o *parecer* por se referir desfavoravelmente aos que exercem a homœopathia, disse que as pharmacias homœopathas estão fazendo grande prejuizo ás allopathicas á sombra da tolerancia das auctoridades, dando-se de mais a mais a circumstancia de ellas não cumprirem as obrigações, que as leis de saude impõem a todas as pharmacias.

Precisava tambem chamar a attenção da *sociedade* para um ponto que merecia ser apreciado detidamente, pela importancia que tinha. Todos sabiam que as escolas medicas estavam accetando o tempo de pratica passada pelos alumnos pharmaceuticos nas pharmacias homœopathicas, o que lhe parecia contrario á lei, além dos pessimos resultados que se lhe seguiam, porque tal pratica não dava os conhecimentos de que elles precisavam para o regular desempenho da profissão. Se a lei não reconhecia a homœopathia, que era simplesmente tolerada, tambem as escolas não podiam nem deviam aceitar participações de pratica passadas pelos pharmaceuticos homœopathas.

O sr. *Mendes* disse que na lei de saude de 1868 havia artigos que prohibiam aos individuos, não pharmaceuticos, pôr nas taboletas, rotulos, etc., os seus nomes. Citou entre outros o artigo 73.º, que leu. Na sua opinião a letra d'este artigo é hem expressa a tal respeito, por isso dera o seu voto, na commissão, á proposta do sr. Pessoa.

Que o sr. *Fragoso* tinha querido fazer distincção entre

pharmaceuticos proprietarios, e administradores de pharmacia, acobertando-se para isso com a lei, mas elle devia dizer que tal distincção não encontrou por mais que percorresse os artigos da lei de 1868, que tinha presente.

Referindo-se ás pharmacias homœopathas, mostrou-se favoravel á opinião do sr. Miranda, citando diversos abusos, que se commettem n'estas casas, onde não havia nem *regimento de preços*, nem os medicamentos que por lei todas as pharmacias são obrigadas a ter. Que as *parceiras* entre medicos e *pharmaceuticos*, condemnadas pela lei e condemnadas tambem pela razão, ostentavam-se publicamente na capital, entre medicos e pharmaceuticos homœopathas. Havia até medicos homœopathas que eram os proprietarios das pharmacias, como elle viu na lista do gremio dos pharmaceuticos, e como era publico, citando as casas, que estavam n'estas condições.

Como a hora estivesse adiantada, encerrou-se a sessão sobre o discurso do sr. Mendes, tendo este ainda feito referencias desagradaveis aos pharmaceuticos que davam o seu nome para *cobrir* certas pharmacias, no que praticavam um grande mal, que ia affectar os legitimos interesses dos pharmaceuticos legalmente habilitados.

O sr. *presidente* deu para ordem da noite da sessão seguinte, propostas e a continuação da discussão do parecer.

—O 2.º secretario, *Mattos Miranda*.

PHARMACIA

Incompatibilidade da antipyrina e do salicylato de soda estremes

O sr. P. Vigier verificou que quando se mistoram dois solutos de antipyrina e de salicylato de soda, o producto se conserva trasparente indefinidamente, sem que entre os dois corpos se descubra alguma reacção apparente.